

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd**

**NELZA JAQUELINE SIQUEIRA FRANCO**

**CIBERQUILOMBISMO - NEGRAS E NEGROS NO ESPAÇO DIGITAL: perfis digitais  
pretos performando saberes, memórias, acolhimento e letramento racial**

**PORTO ALEGRE/RS**  
**2022**

**NELZA JAQUELINE SIQUEIRA FRANCO**

**CIBERQUILOMBISMO - NEGRAS E NEGROS NO ESPAÇO DIGITAL: perfis digitais  
pretos performando saberes, memórias, acolhimento e letramento racial**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Pesquisa Científica sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Leandro Eichler.  
Linha de pesquisa: Aprendizagem e Ensino.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Ariane da Silva Carrera (UFRJ)

**PORTO ALEGRE/RS**

**2022**

**NELZA JAQUELINE SIQUEIRA FRANCO**

**CIBERQUILOMBISMO - NEGRAS E NEGROS NO ESPAÇO DIGITAL: perfis digitais pretos performando saberes, memórias, acolhimento e letramento racial**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Pesquisa Científica sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Leandro Eichler.

Linha de pesquisa: Aprendizagem e Ensino.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Ariane da Silva Carreira (UFRJ)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Leandro Eichler (Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Beatriz Meinerz - UFRGS

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Denise Carvalho dos Santos Rodrigues - UFRN

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bárbara Carine Soares Pinheiro – UFBA

---

## CIP - Catalogação na Publicação

Franco, Nelza Jaqueline Siqueira  
CIBERQUILOMBISMO - NEGRAS E NEGROS NO ESPAÇO  
DIGITAL: perfis digitais pretos performando saberes,  
memórias, acolhimento e letramento racial / Nelza  
Jaqueline Siqueira Franco. -- 2022.  
101 f.  
Orientador: Marcelo Leandro Eichler.

Coorientadora: Fernanda Ariane da Silva Carrera.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Ciberquilombismo. 2. Redes sociais digitais. 3.  
Perfis digitais negros . 4. Análise do discurso  
digital. 5. Teoria Racial Crítica. I. Eichler, Marcelo  
Leandro, orient. II. Carrera, Fernanda Ariane da  
Silva, coorient. III. Título.

### **Dedicatória**

À Érick Raimundo Franco Oliveira, João Vítor,  
João Pedro, John Lucca e Otávio (o futuro).  
À Maria Idalina Siqueira Franco, João Rodrigues  
Franco (*in memorian*) e Dalva Maria Rodrigues  
Franco (*in memorian*)

## **AGRADECIMENTOS**

Muito tenho a agradecer durante a trajetória da feitura deste trabalho. A Deus e aos orixás por me permitirem chegar até aqui. À maravilhosa família da qual faço parte e que é suporte para a minha existência, na figura de minha mãe, Maria Idalina Siqueira Franco e meus irmãos, Gláucia Regina e Joelson Fernando. Um agradecimento especial ao meu filho Érick, pelo convívio amoroso e diário e por compreender minhas ausências. Saibam que essa caminhada vitoriosa tem a pegada de vocês, assim como as e os que vieram antes de mim fortalecendo essa nossa resistência negra nesse pedaço meridional do globo.

Agradeço também ao quilombo que veio junto comigo com contribuições pertinentes e maravilhosas para aprimorar este trabalho: Maria Fernanda Viegas, Carolina e Fernanda Schneider, Cristiane Santos, Adriana Costa, Paulina Gonçalves, Juliana Fraga e novamente à minha irmã Gláucia Regina. Aos grupos dos Mestrandes e Doutorandes Pretes e SNRP. Ao grupo de pesquisa Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade (LIDD/UFRJ). Às minhas colegas de orientação: Gláucia Gonzaga, Taís Oliveira, Janine e faço novamente menção à Juliana Fraga pela competente revisão em meu texto. Aos estudantes das turmas que lecionei neste período todo e nomeadamente às turmas 51, Programação e Aquilombar da EMEF Afonso Guerreiro Lima e turmas 141, 221/2, 222/2 e 223/2 da EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, pela paciência com a divisão da atenção. Agradeço aos colegas e equipe diretiva destas duas comunidades escolares.

À Ana Paula Zandonai Kutter que foi inspiração para o início, onde eu já tinha deixado de lado o sonho de fazer o mestrado e ela apontou que eu teria todas as condições. Especialmente agradeço também a condução preciosa dos meus orientadores nesta caminhada: Marcelo Eichler e Fernanda Carrera. Marcelo sempre apontando que “a gente tem que aproveitar todas as oportunidades que o mestrado nos dá”. Fernanda foi um divisor de águas em minha vida, sem palavras para dizer o quanto aprendi. Ressalto a importância da co-orientação, do intercâmbio das instituições e o quanto se aprende nesse processo, é de suma potência os saberes que as/os pesquisadoras/es negras/os trazem para academia e a orientação acolhedora. Nada sobre nós, sem nós!

## **Visibilidade**

Numa noite dessas, tocando sopapo,  
falou mestre Giba-Giba:  
“cuidado que eles já nos viram”!

Eles têm que nos ver mesmo!  
Não por medo, mas por respeito!  
Respeito a um povo  
Que pode bater no peito e dizer:  
“nós plantamos a cana que adoçou seu café!  
Salgamos a carne que saciou sua fome  
Curtimos o couro que abrigou seus corpos e seus pés  
e vocês nos deixaram  
a ver navios”.  
Desrespeitaram nossa cultura, nossos saberes,  
não repartiram crédito, nem terra.  
Nos convocaram para as suas guerras  
e nos jogaram às feras...

Que bom que já nos viram!  
É bom que nos vejam e sem estigmas  
Reconhecendo devidamente nosso valor.

Assim podemos falar no mesmo tom  
de igual para igual,  
sem o sofisma da cor.

**(Jorge Onifade)**

## RESUMO

Considerando o racismo que permeia a sociedade brasileira há quase cinco séculos, a população negra concebeu diferentes movimentos de resistências. Neste trabalho, percebe-se as diversas ocorrências espalhadas no ciberespaço como um movimento essencial na contemporaneidade, assim como, se constitui como um dos deslocamentos possíveis de enfrentamento ao racismo estrutural. Nesse contexto, apresento o estudo a seguir que trata sobre espaços digitais na internet cuja temática racial negra expressa formas de resistência, mas que também se caracterizam como local de acolhimento e de troca de informações entre pessoas negras, o que aqui denomino como Ciberquilombismo. Trago três perfis digitais, como objeto de análise, distribuídos em duas redes sociais: @pretitudes e @sitemundonegro, na plataforma social Instagram, e Geledés, na plataforma social Facebook. Dentre os objetivos propostos do estudo elenco, primeiramente, verificar que elementos são encontrados nas publicações dos perfis mencionados e, a seguir, perceber em que medida a interlocução encontrada contribui para o acolhimento e resistência de negras e negros em seus processos de letramento racial. Para tanto, foram utilizadas algumas ferramentas da análise de conteúdo para o tratamento de dados mais amplos e foi realizada análise do discurso digital à luz do quilombismo e da teoria racial crítica.

Palavras-chave: Ciberquilombismo, Espaço Digital, Análise do Discurso Digital, Teoria Racial Crítica.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Líderes da Revolta dos Búzios – Fonte: <a href="https://mst.org.br/2020/08/14/ideais-e-sonhos-conectados-a-revolta-dos-buzios-continua/">https://mst.org.br/2020/08/14/ideais-e-sonhos-conectados-a-revolta-dos-buzios-continua/</a> .....	27
Figura 2- Fragmento da linha do tempo da imprensa negra no Brasil - 1. <sup>a</sup> fase.....	29
Figura 3- Capa do Jornal do MNU de 1991 .....	37
Figura 4- Quatro principais ondas da evolução web .....	41
Figura 5- Ofensas publicadas no perfil de Adriel. ....	50
Figura 6- Cards de anúncios das lives do Grupo de Educação Antirracista do RS .....	60
Figura 7- Redes Sociais Digitais apontadas na pesquisa exploratória .....	62
Figura 8- Faixa etária dos respondentes da pesquisa exploratória .....	63
Figura 9- Nível de escolaridade dos respondentes da pesquisa exploratória .....	63
Figura 10- Estados dos respondentes da pesquisa exploratória. ....	64
Figura 11 - Tela do perfil @pretitudes. ....	70
Figura 12 - Tela do perfil @sitemundonegro. ....	70
Figura 13- Tela inicial do perfil Geledés no Facebook. ....	71
Figura 14 - Tela da postagem sobre iniciativa de Lewis Hamilton no Geledés .....	78
Figura 15 - Tela da postagem 'A humilhação como tecnologia de controle da população negra .....	84
Figura 16- Tela da postagem sobre a Rihanna no dia 30 de novembro de 2021 - .....	85

## SUMÁRIO

<b>O LOG-IN (Autenticando-me na plataforma) .....</b>	<b>9</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. O MOVIMENTO DO POVO NEGRO – o offline, o corpo a corpo, face a face .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 As primeiras resistências: dos quilombos ao movimento abolicionista.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 Imprensa Negra.....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 Frente Negra Brasileira e Teatro Experimental do Negro .....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 Grupo Palmares e MNU .....</b>	<b>33</b>
<b>2.5 Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela Cidadania e a Vida e a Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem-Viver .....</b>	<b>38</b>
<b>3. TERRITÓRIO DIGITAL .....</b>	<b>40</b>
<b>3.1 Redes Sociais Digitais.....</b>	<b>43</b>
3.1.1 Facebook.....	45
3.1.2 Instagram.....	45
<b>3.2. O cyber (digital em rede).....</b>	<b>46</b>
<b>3.3 Ciberativismo .....</b>	<b>47</b>
<b>3.4 Racismo na internet – das redes de mídias sociais aos algoritmos .....</b>	<b>49</b>
3.4.1 Ataques racistas nas redes sociais digitais .....	50
3.4.2 Racismo algorítmico .....	51
<b>4. CIBERQUILOMBISMO.....</b>	<b>54</b>
<b>4.1 O Quilombismo .....</b>	<b>55</b>
<b>4.2. O quilombismo de Abdias Nascimento e sua atualização na cibercultura .....</b>	<b>57</b>
<b>5. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>62</b>

<b>5.1 Metodologia da pesquisa</b> .....	<b>64</b>
5.1.1 Análise do Discurso Digital .....	65
5.1.2 Teoria Racial Crítica .....	67
<b>6. ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>69</b>
<b>6.1 Os ciberquilombos desta pesquisa</b> .....	<b>69</b>
<b>6.2 Os tecnodiscursos dos ciberquilombos: algumas amostras</b> .....	<b>73</b>
6.2.1 Racismo Velado Check - Pretitudes .....	73
6.2.2 Dom: a favela fetiche de cineasta zona sul - Geledés .....	77
6.2.3 “A humilhação como tecnologia de controle da população negra” .....	83
6.2.4 Rihanna é declarada heroína nacional de Barbados, que agora é uma república comandada por uma mulher negra – Site Mundo Negro.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>88</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>90</b>

## O LOG-IN (Autenticando-me na plataforma)

As plataformas digitais configuram-se como nova arena das disputas de sentido e poder. Há um certo tempo é possível observar a existência de vários perfis de ativistas pautando as questões raciais negras que ocorrem nos espaços digitais, especificamente nas redes sociais digitais: Twitter, Facebook, Instagram, Youtube, além de blogues e páginas da internet com conteúdo que enfoca a temática racial negra e tem como objetivo ser espaço de enfrentamento ao racismo, de denúncia, de acolhimento e posituação de negras(os), sem deixar de fora a conexão através de grupos especificamente criados dessa temática em aplicativos de conversa, tais como WhatsApp, Telegram, Direct do Instagram ou Messenger do Facebook. Esta escrita tratará sobre isso, mas antes peço licença à leitora e ao leitor para compartilhar aspectos relevantes de minha história/trajetória que se entrelaçam ao tema dessa pesquisa.

Integro essa sociedade na condição de mulher negra, mãe de um menino adolescente, professora, estudante, natural de Dom Pedrito/RS, moradora, em todo o meu tempo de vida, da cidade de Viamão/RS e servidora pública municipal, falo, atuo e milito desse lugar. Falo sobre militância por ter consciência que no meu fazer profissional e pedagógico revelo isso, uma militância da educação antirracista, feminista negra e de posição política à esquerda. Em minha prática diária, percebo-me como ativista digital antirracista e quilombista<sup>1</sup>, uma integrante desse grupo negro ativista do ciberespaço, seja com minha participação ativa em diversos grupos de aplicativos de compartilhamento de mensagens, seja por pautar isso em minhas redes sociais ou pela participação em dezenas de *lives* dialogando sobre essa temática no período da quarentena em função da pandemia do COVID-19.

---

<sup>1</sup> O termo quilombista faz referência ao quilombismo que nos foi apresentado por Abdias Nascimento (2002): “o quilombismo representa uma tentativa de pensar a nossa forma [afro-brasileira] de abordar os respectivos desafios e responsabilidades, construindo políticas públicas necessárias para tornar realidade para todos o exercício da cidadania plena num Brasil multirracial, multi-étnico e pluricultural” (NASCIMENTO, 2002, p.57)

Profissionalmente, sou professora, servidora concursada do município de Porto Alegre, minha nomeação ocorreu na primeira chamada do primeiro concurso que teve a lei de cotas raciais para concursos públicos deste município, em 2003. Lei essa que depois de estarmos (eu e demais nomeadas/o) há um ano, em pleno exercício profissional, sofremos a interpelação do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul (TCE-RS), contestando as nomeações e determinando que voltássemos aos lugares da listagem geral.

Tivemos, na ocasião, que fazer uma grande luta política e jurídica para afirmar que nossas nomeações eram válidas, bem como, garantir que essa política pública fosse mantida no município para os que viessem depois de nós. Conseguimos modificar a decisão do tribunal e a importância disso representou uma validação da política de cotas, pois, era época de início das ações afirmativas no país e Porto Alegre foi a primeira capital a implementar cotas raciais em seus concursos públicos de ingresso de pessoal. Portanto, se a contestação do TCE-RS saísse vitoriosa, haveria um efeito cascata em todo o país. Essa história foi contada por Priscila Nunes Pereira (2018) na dissertação defendida neste PPGEdu/UFRGS, intitulada *Negras, Professoras e Cotistas: saberes construídos na luta pelo exercício da docência*.

Outro local que integro e atuo é o grupo Canjerê, grupo constituído por outras nove professoras, de diferentes escolas da rede municipal de Porto Alegre, que atuam em diferentes setores e níveis de escolaridade (anos iniciais, anos finais do ensino fundamental, biblioteca, informática educativa, supervisão escolar) e que têm diferentes pertencimentos étnico-raciais. Este grupo estuda, aplica em sala de aula e realiza formações sobre práticas pedagógicas antirracistas e de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) nas escolas da rede municipal e em outros locais aos quais é convidado.

Minha formação escolar e acadêmica ocorreu como agora narro: cursei todo o ensino fundamental bem como o ensino médio concomitante com o magistério - habilitação para os anos iniciais do ensino fundamental, no Instituto Estadual de Educação Isabel de Espanha, em Viamão, com conclusão em 1998, além de ter cursado quase a totalidade de um curso técnico em informática numa instituição privada. Em relação ao nome da escola na qual cursei toda a educação básica, que homenageia a rainha Isabel de Castela cabe uma curta observação, porém não sem importância, tanto essa escola como outros aparelhos públicos e diversos espaços, as ruas que piso, as instituições nesse país, salvo raríssimas exceções, foram batizadas com nome de colonizadores cruéis. Portanto, estar

inserida, ser socializada nesta cultura e sociedade colonizadora e destruidora de meus ancestrais e depois de já adulta, descobrir isso (pois na infância me foi negado esse conhecimento), é desolador, revoltante e desperta o sentimento de que é preciso lutar contra esse estado de coisas.

Retomando a caminhada acadêmica, graduei-me Licenciada em Computação na Universidade Feevale no ano de 2004, (Centro Universitário à época). A docência que exerço divide-se entre essas duas áreas nas quais tenho formação: anos iniciais e informática. Realizei diversos trabalhos com a informática educativa, atuando em ambientes informatizados de escolas. Segui com vários cursos de extensão e duas pós-graduações em nível de especialização, uma delas em Mídias na Educação.

A ideia de cursar o mestrado oscilava entre a área da educação e a da comunicação, particularmente na comunicação digital, com especial interesse nas comunicações que emergem das redes sociais. Minha monografia da especialização em Mídias na Educação, intitulada “*A prática pedagógica apoiada por mídias Web 2.0 no Ensino Fundamental: estudo do uso de blog*”, (2010), foi resultado de uma análise netnográfica em blogues educativos, a partir do exame das trocas do conteúdo postado entre produtor(a)/blogueiro(a) e receptor(a)/leitor(a), ambos participantes ativos da comunicação, e como se davam os processos de aprendizagem naqueles espaços virtuais.

Quando ingressei no mestrado, na linha de pesquisa Aprendizado e Ensino, tinha como intenção investigar os efeitos dos jogos digitais na aprendizagem de crianças. Porém ainda esse tema não estava bem definido e, ao cursar algumas disciplinas, e reunir-me com meu orientador, Marcelo Eichler, que sugeriu-me “pensar mais um pouco”, acolhi sua sugestão por que percebi que não era bem isso o que eu tinha motivação para pesquisar.

Veio a pandemia e o isolamento social, suspensão das aulas. Uma situação difícil para uma ingressante do mestrado, mas foi no grupo negro de ingressantes no mestrado de 2019 pelas ações afirmativas deste programa de pós-graduação, que já mantinha contato através do aplicativo digital WhatsApp, combina encontros através de vídeo chamadas para conversar sobre suas pesquisas ou, pelo menos, com a intenção ao qual cada um/a tinha. Através deste grupo, encontrei o suporte que precisava. As reuniões, a orientação colaborativa desse grupo que denominamos Mestrandes Pretos da UFRGS, as escutas, socialização e contribuições de cada integrante nos trabalhos de cada um/a

foram elementos fortalecedores e amparadores na solidão da pesquisa e que me possibilitaram um reconhecimento da junção de áreas que me trazem muito interesse: a educação, o antirracismo e as redes digitais. A partir do encontro do tema, eis que começo a projetar o trabalho.

## 1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 impôs aos habitantes do planeta inteiro a necessidade de confinamento e mudança de hábitos em função da doença do Coronavírus, COVID-19<sup>2</sup>. O vírus SARS-Cov2 é o causador da doença que rapidamente espalhou-se fazendo a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar em fevereiro do ano de 2020 o estado de pandemia. Milhões de vidas foram perdidas em função da doença, no Brasil, até a metade do mês de junho de 2022, a COVID-19 vitimou fatalmente 669 mil pessoas, de acordo com informações de página específica sobre a enfermidade do Google<sup>3</sup>.

Em março de 2020, quando começaram as contaminações no país, foi decretada a quarentena pelas esferas estaduais e municipais<sup>4</sup>, o que determinou, aos não excluídos digitalmente, a realização de seus afazeres de forma digital e conectada, ou seja, *online*. O cumprimento da quarentena foi possível às pessoas nas quais seus afazeres pudessem ser feitos de casa (remotamente) e aos que conseguissem se subsistir. Atividades de trabalho, as possíveis: consultas médicas, reuniões, aulas, tarefas para alunas/os, shows de música, peças teatrais, campanhas, movimentações ativistas, entre outras, foram alojadas quase que inteiramente para o mundo digital, trafegando através dos milhões ou bilhões de bits por segundo (Mbps/Gbps).

A pandemia do COVID-19 escancarou para toda a sociedade as desigualdades sociais e que as dificuldades sentidas com a ameaça do vírus foram mais fortes na população mais vulnerabilizada: aquela que divide o cômodo com muitas pessoas (impossibilitando o distanciamento e/ou isolamento), que perdeu a ocupação porque além do desemprego já em alta, mais postos de trabalho foram fechados, aquela na qual os filhos consumiam a merenda escolar quando tinham acesso presencial à escola e que não mais

---

<sup>2</sup> A sigla significa COrona VIRus Disease (Doença do Coronavírus), 19 se refere a 2019, quando foram divulgados os primeiros casos na cidade chinesa de Wuhan. (BRASIL, 2020).

<sup>3</sup> Página de Alerta do Covid-19 do buscador Google. Disponível em <https://www.google.com/search?client=opera&q=covid+19&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8> acesso em 18/03/2021

<sup>4</sup> A partir da metade do terceiro mês de 2020 estados e municípios emitiram decretos para o fechamento de diversas atividades, tais como comércio, serviços, aulas presenciais, etc., como medidas de diminuição da circulação de pessoas, permanecendo nos três primeiros meses dessa forma, a flexibilização de normas foi ocorrendo gradualmente e de forma diversa nos diferentes entes da federação, o Rio Grande do Sul, por exemplo, a partir de maio de 2020, adotou o modelo de distanciamento controlado, conforme Agência Brasil (2020).

puderam contar com isso, enfim, a que ficou mais exposta à doença e que mais morreu. E em nosso país, essa população tem cor, e essa cor não é branca.

Também o ano de 2020 fica marcado pelas manifestações ocorridas, em meio ao período mais crônico desta pandemia, porque ainda não existia vacina, por estadunidenses que saíram às ruas em protesto em função do assassinato de George Floyd por um policial branco daquele país em 25 de maio daquele ano, o que fez efervescer em muitas partes do mundo movimentos virtuais de protesto sobre o ocorrido. No Brasil não foi diferente, ocorreu a proliferação da hashtag #vidasNegrasImportam, tradução do #blackLivesMatter<sup>5</sup> que nos Estados Unidos ressurgiu. Naquele momento, ao menos durante uma semana, o tema foi pauta nos noticiários nacionais, programas de entrevistas e variedades e nos perfis com milhares de seguidores nas redes digitais. Alguns famosos, com o número de seguidores na casa dos milhões, cederam seus perfis na rede social Instagram para que ativistas negras/os ocupassem e falassem sobre o racismo em nosso país, a exemplo do que famosos lá dos Estados Unidos fizeram.

Parece que a grande mídia brasileira resolveu discutir sobre o racismo e condenar a terrível ação da polícia de lá, nesse período de uma semana, nas redes digitais, ou um pouco mais que esse tempo, mas sem querer alterar muito o estado de coisas por aqui, onde se sabe que a mortalidade de homens negros é altamente absurda: pessoas negras representaram 75,7% das mortes em 2018, segundo dados do Atlas da Violência Brasil (2020) e a taxa de homicídios entre homens pretos e pardos em 2017 chegou a 185 para cada 100 mil habitantes, enquanto que para homens brancos, a taxa média é de 63,4, conforme o IBGE<sup>6</sup>. Isso é somente uma parte dos dados cruéis que evidenciam o racismo presente na sociedade brasileira.

O Atlas da Violência de 2020 aponta como elemento configurador das desigualdades raciais a “forte concentração dos índices de violência letal na população negra”, essas vidas são tratadas como se fossem descartáveis, não chocam a opinião pública e é como se tudo tivesse normalizado em nossa sociedade. “Jovens negros figuram

---

<sup>5</sup> *Black Lives Matter* é um movimento estadunidense de resistência contra a violência racial sofrida por negros. Nasceu após a morte de Trayvon Martin, de 17 anos, que foi morto em 26/02/2012 e seu agressor inocentado após alegar legítima defesa. O movimento questiona o papel do Estado diante dos episódios de violência racial e exigem empoderamento e dignidade à população negra como um todo. (Timeline, 2016 apud SILVA; SILVA, 2018, p.46).

<sup>6</sup> Números extraídos da reportagem da Folha de São Paulo, intitulada Homicídio entre jovens negros é quase três vezes maior do que de brancos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/homicidios-entre-jovens-negros-e-quase-tres-vezes-0maior-do-que-brancos-e-chegam-a-185-por-100-mil.shtml> acesso em 04/10/2020.

como as principais vítimas de homicídios do país e as taxas de mortes de negros apresentam forte crescimento ao longo dos anos” (BRASIL, 2020), não há justificativa para isso se não o racismo. Importante lembrar que vidas indígenas também são violentadas e exterminadas desde a invasão dos europeus nestas terras, sem, no entanto, indignar a parte da sociedade que se acredita descendente apenas destes europeus invasores. A elite branca, egocêntrica, não percebe as minorias em direitos do país, tampouco parece ter a capacidade de se indignar com suas mazelas.

O racismo estruturou os modos de acúmulo da riqueza nos últimos 500 anos, em nosso país (GONZALEZ; HASENBALG, 1982; NASCIMENTO, 2002; ALMEIDA, 2019), e segue estruturante na sociedade atual. Vivemos numa sociedade onde os espaços de privilégio são ocupados pela branquitude (BENTO, 2002) e, aos não brancos, em sua grande maioria, pretos e pardos, são relegados os espaços de desprestígio, engrossando as piores condições econômicas, sociais e de vida.

Passados 134 anos da abolição da escravatura, a conjuntura de vida da população negra em nosso país tem melhoras a conta-gotas, pois, além de toda a forma de resistência e luta, desde a época da escravização, foi preciso sobreviver a toda a adversidade de um pós-abolição em que essa população foi descartada como força trabalhadora, impedida de ter acesso à propriedade assim como, de ter acesso à educação. Nas palavras de Cláudia Zeferino Pires (2014), não houve modificação nas estruturas sociais depois do fim da escravidão:

o mesmo padrão social permaneceu para a maioria dos negros e seus descendentes em nosso país, onde a ideologia racial construída permanece em nossos imaginários e dispõem toda uma cultura e seu legado aos planos inferiores do trabalho, da renda, da circulação e movimento, bem como do território que em suas condições precárias de infraestrutura, educação, saúde, segurança e lazer impedem o acesso às condições básicas do exercício da vida, operando sobre a negação de sua historicidade e deixando que as diferenças sejam resolvidas por si mesmas sob a forma de que todos e todas somos iguais. (PIRES, 2014, p.6-7)

Sílvia Almeida (2019) define o racismo como parte integrante da sociedade organizando-a política e economicamente.

O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. [...] as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade. (ALMEIDA, 2019, p.20-21)

Desde o sequestro em África resistindo e lutando para romper a dominação e o racismo, com diferentes formas de atuação e, sobretudo, através do acesso à educação,

ao romper barreiras instituídas, com organização em diversos coletivos e movimentos, e em consequência dessa luta, a penetração em espaços outrora totalmente negados, constituíram e ainda constituem formas de combate à discriminação e aglutinação de forças para o enfrentamento ao racismo, tarefa extremamente árdua e complexa em função de seu aspecto estruturante e das relações de poder daqueles que não querem a sociedade igualitária, todavia porque negam-se a perder privilégios concedidos na constituição do Estado a partir da modernidade e perpetuados até nossos dias.

Importante frisar que, embora o racismo que temos hoje é oriundo do colonialismo e peça fundamental fundadora do capitalismo, o professor do Instituto de Humanidades e Letras Malês da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Ricardo Matheus Benedicto (2019), faz referência ao pensador Vulindlela Wobogo (2011), que refuta a ideia do racismo ser um produto da modernidade ou do capitalismo, o pensador, inspirado nos estudos de Cheik Anta Diop (1983-1926), coloca a xenofobia como uma das causas e que esta teria sido formada durante o Paleolítico Superior ocasionada pelo ambiente inóspito em que os europeus viviam. Ainda referenciando Wobogo, o Ricardo Benedicto destaca que “Wobogo prefere definir racismo como ‘abuso’ ao invés de ‘opressão’ porque este conceito é utilizado em outra filosofia que o pensador não está disposto a endossar” (BENEDICTO, 2019, p.21), este abuso é direcionado às pessoas com fenótipo não branco.

O professor doutor, especialista em antropologia afro-brasileira, Kabengele Munanga (2020) menciona que existem três formas principais de acabar com o racismo: I) através das leis para criminalização do mesmo; II) através das ações afirmativas; e III) através da educação. Este trabalho situa-se na perspectiva de contribuição do terceiro componente, a educação. E tem como horizonte evidenciar elementos que contribuam para o letramento racial crítico ou antirracista.

Sobre o letramento racial, convém esboçar um pouco mais do que se trata: cabe ressaltar que essa pesquisa se fundamentou no conceito apresentado por Lia Vainer Schucman em sua tese de doutoramento quando traduz o termo 'racial literacy' cunhado pela socióloga afro-estadunidense France Winddance Twine (2006). Shucman (2020) informa, na sua tradução, que:

‘Racial Literacy’ é um conjunto de práticas [...] que inclui o seguinte: (1) um reconhecimento do valor simbólico e material da Branquitude; (2) a definição do racismo como um problema social atual, e não como um legado histórico; (3) um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e resultado de práticas sociais; (4) a posse de gramática e de um vocabulário racial que facilitam a

discussão de raça, racismo e antirracismo; (5) a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e as práticas racializadas de nossa sociedade; e (6) uma análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade. (TWINE, 2006, p. 344, traduzida por SCHUCMAN, 2020 p.188/189).

Bárbara Danielle M. Vieira (2022) alerta que o letramento racial está operando sempre, e que ele pode ser um letramento opressor racista ou antirracista, citando Tavares (2020), a pesquisadora destaca que temos uma linguagem pedagógica de libertação ou um processo de dominação.

Quando pessoas brancas cometem atos racistas na presunção de impunidade ou quando o Estado legitima e incentiva o genocídio de pessoas negras e indígenas, significa que essas pessoas e as instituições são letradas racialmente em uma gramática racista. Quando a polícia militarizada mata pessoas negras significa que essa instituição é muito bem letrada racialmente, mas em um paradigma racista. O que significa compreender os discursos racistas vigentes também como projetos de letramento raciais em curso e que são atualizados cotidianamente. [...] o letramento racial antirracista nos oferece ferramentas para um exercício crítico e autorreflexivo sobre o lugar racial [...] nesse sentido, [letramento racial] pode ser compreendido como um esforço de sistematização de práticas discursivas que se insurgem contra o racismo, tanto na sua dimensão epistemicida, como simbólica e letal. (VIEIRA, 2022, p.61,62, 63).

Levando em conta que a educação se dá tanto em espaços formais quanto não formais, o local cibernético com sua estrutura e capilaridade é um múltiplo lugar onde obtemos acesso à informação e podemos construir conhecimento. Se constitui em espaço, inclusive, de articulação e organização para a resistência, como foi o caso da construção da manifestação em protesto ao assassinato de João Alberto Silveira Freitas, o Beto, homem negro que foi brutalmente espancado e assassinado numa loja do Carrefour em Porto Alegre, em plena véspera do dia da Consciência Negra, na noite de 19 de novembro de 2020, pelos seguranças daquele estabelecimento. Naquela ocasião, através de diferentes grupos de Whatsapp e convocatórias por Facebook, Twitter e Instagram, ocorreu a mobilização de milhares<sup>7</sup> de pessoas na frente da loja onde aconteceu o crime, no dia seguinte ao fato.

Em vista a contribuir para a extirpação dessa chaga que ainda impera, na sociedade brasileira, o racismo, sociedade esta que foi construída por mãos, suor e sangue de africanos e afro-brasileiros, venho através deste estudo investigar as interações que ocorrem em alguns perfis ativistas digitais em redes sociais que abordam a questão racial

---

<sup>7</sup> Fonte: Milhares de pessoas protestam e pedem justiça por Beto, assassinado em um supermercado Carrefour de Porto Alegre – disponível em: < <https://sintrajufe.org.br/ultimas-noticias-detalle/milhares-de-pessoas-protestam-e-pedem-justica-por-beto-assassinado-em-um-supermercado-carrefour-de-porto-alegre/>> acesso em 12/10/2022.

negra, perfis que denominarei no âmbito deste trabalho como ciberquilombistas<sup>8</sup>, e responder ao seguinte problema de pesquisa: quais contribuições podem ser encontradas no ciberativismo desses perfis de redes sociais digitais? Aponto como objeto de estudo as publicações nos perfis e interações daquelas/es que os acessam. Pretendo também responder às seguintes questões: que elementos encontramos nos perfis digitais analisados? De que maneira estes conteúdos e interações podem ser espaços de reconhecimento, acolhimento, resistência e letramento racial?

Defino como objetivo geral da pesquisa: analisar a contribuição dos perfis @pretitudes e @sitemundonegro no Instagram e Geledés no Facebook de forma a poder caracterizá-los como ciberquilombistas (ao promover acolhimento, autorreconhecimento, resistência e letramento racial crítico ou antirracista); elenco os seguintes objetivos específicos: I) verificar que elementos são encontrados nas publicações dos perfis digitais analisados; e II) perceber em que medida a interlocução dentro desses perfis contribui para o acolhimento de negras e negros, o autorreconhecimento, a resistência e o letramento racial deste público.

Para tanto, intento a realização de pesquisa através da seguinte metodologia: análise do discurso digital à luz do referencial teórico da Teoria Racial Crítica e quilombista, tendo como foco os perfis e redes sociais mencionados, como evidências do ciberquilombismo. Tais perfis tiveram como critério de escolha, o resultado de uma pesquisa exploratória aplicada durante a feitura do projeto da pesquisa.

Compreendo que a utilização de conteúdos relacionados a questões raciais em plataformas de mídias sociais, seja em forma de denúncia de algum caso de racismo, seja para divulgação de conhecimentos históricos ou acontecimentos do momento, ou ainda, para a finalidade de congregar indivíduos para o desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento do racismo existente, reestruturou e deu visibilidade a causas que eram defendidas por indivíduos ou grupos de maneira isolada ou com alcance restrito. A internet caracteriza-se como um “pluri” local que engloba todo o planeta, assim tornando-se um cenário importante para a realização de ativismo pró questão racial pelo seu alcance e capilaridade.

Este trabalho está assim estruturado: o capítulo de apresentação que nomeei como *O log-in (autenticando-me na plataforma)*, onde faço uma referência ao ato de

---

<sup>8</sup> Ciberquilombismo é um termo que trago neste trabalho e que está relacionado ao conceito de quilombismo (NASCIMENTO, 2002) e as práticas digitais, será detalhado no capítulo 4.

validação que comumente se faz nas redes digitais, informando nome de usuário e senha para poder ter acesso ao conteúdo, e que também pode ser entendido como uma analogia à minha vida que, como mulher negra, preciso constantemente validar minha existência e direito à dignidade, nesta seção do trabalho escrevo sobre mim; a Introdução contextualiza o momento atual e informa o leitor do tema de pesquisa, a justificativa deste, os objetivos do estudo e a forma como este se dará; em *O Movimento do Povo Negro – o offline, o corpo a corpo, face a face*, trago um pequeno panorama das lutas do nosso povo para o reconhecimento de sua cidadania, com enfoque para algumas das nossas resistências, destacando os quilombos, e os aspectos comunicacionais; no *Território Digital*, o leitor encontrará uma breve caracterização do espaço digital, a apresentação de plataformas em que estão hospedados os perfis que este trabalho analisará, bem como, a definição de ciberativismo e episódios de racismo encontrados em redes sociais digitais e nos algoritmos dos sistemas de internet que usamos, a expressão território no título do capítulo, evoca o sentido territorial do quilombo, mas nitidamente se sabe que temos territórios hostis aos quilombos que foram combatidos pelo poder central, porém sempre a instituição quilombo ressurgia; em *Ciberquilombismo* realizo a explicação sobre o que é este termo, de onde ele se origina e mostro um pouco as potencialidades desta junção da resistência que o povo negro sempre se viu obrigado a ter na modernidade e a propagação e interação que a internet proporciona; em seguida, em *Aspectos Metodológicos*, apresento a pesquisa exploratória, os perfis que analiso neste estudo e a metodologia utilizada. Por fim, apresento as análises desenvolvidas, porque trato os perfis da pesquisa como ciberquilombos, bem como alguns tecnodiscursos que corroboram com os meus achados de pesquisa.

## **2. O MOVIMENTO DO POVO NEGRO – o offline, o corpo a corpo, face a face**

O movimento do povo negro, que venho apresentar neste capítulo, retrata uma trajetória de resistências desde o sequestro de humanos no continente africano até a contemporaneidade. Destaco desse longo período, as intensas formas de oposição ao cativo, por meio das estruturas dos quilombos, a articulação de movimentos em defesa em defesa do abolicionismo, posteriormente, das lutas e revoltas contra a violência expressa nos períodos do pós-abolição, organizações de expressão política como a Imprensa Negra e seus canais de divulgação, a organização da Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro (TEN). De modo contemporâneo, as diversas organizações do Movimento Social Negro.

Nesse contexto, o Movimento Negro Unificado (MNU), como importante movimento de massas e o Grupo Palmares, um movimento de ativistas e intelectuais negros do Rio Grande do Sul, formam, um corolário de organizações e movimentos que permitiram o avanço de importantes conquistas da população negra como a percepção da importância da demarcação de terras quilombolas, a inclusão nas Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) do estudo da história da África e dos afro-brasileiros, as ações afirmativas em concursos públicos e de ingressos em universidades e aumento da consciência de pertencimento da população afro-brasileira. A jornada de resistência e luta das populações de origem africana no Brasil em outros locais da diáspora negra é muito intensa e, tratar desse tema, encanta e mobiliza aqueles que trazem em suas origens as marcas da cor e da dor.

Coloco em destaque neste estudo, alguns destes movimentos citados acima, por ter consciência que tenha embora elencado algumas movimentações marcantes, não ser possível evidenciar todas as participações ativas da negritude. Não há possibilidade no espaço de um capítulo e nem é o escopo deste trabalho fazer referência a toda a nossa história de luta e resistência. Porém a intenção aqui é pontuar algumas ocorrências, erupções do nosso enfrentamento organizado para que pudéssemos ter cidadania, a busca de superação das desigualdades impostas ao povo negro neste país, com especial destaque às práticas de comunicação das diferentes épocas, para depois me adentrar aos

ativismos que são feitos através de dispositivos eletrônicos via rede mundial de computadores, os digitais.

## **2.1 As primeiras resistências: dos quilombos ao movimento abolicionista**

Considero o Movimento Negro como educador, conforme o pensamento da professora Nilma Lino Gomes (2017), que nos fala que: “o panorama político brasileiro está profundamente marcado pela ação coletiva de militantes afro-brasileiros na denúncia contra o racismo.” (p.107) e na luta pela conquista de direitos que foram desde a pisada das/os africanas/os neste solo, quando do sequestro em seu continente de origem, época aquela em que, meu povo era, para quem o subalternizou, apenas peça, mercadoria, objeto. Desde a vinda, naqueles navios denominados tumbeiros pelos próprios sequestrados, pois para eles desde a entrada nestes equipamentos significava a morte, houve resistência, seja no momento da captura, seja no interior dos navios (Leite, 2017; Silva, s.d.).

Como uma viagem entre a África e o Brasil era muito dispendiosa, esses humanos [os africanos], vitimados pela mercadorização, permaneciam por vários dias trancados à espera da formação de um carregamento completo, para então serem transportados até o destino de sua escravização. Durante a espera não permaneciam quietos, resistiam de todos os modos possíveis, sendo mais comum a rebelião. Há registros de rebeliões na ilha de São Tomé; e também a bordo dos navios negreiros, irromperam revoltas nas quais, os escravos matavam marinheiros e europeus, os jogavam nas águas salgadas do Atlântico e tomavam o comando dos navios. Alguns navios foram aportar em ilhas povoadas apenas por índios, ou na costa da América Central. E quando resistir se tornava impossível, restava-lhes aguentar as condições desumanas da viagem que, muitas vezes causavam-lhes à morte. (LEITE, 2017, p.67)

Quando já acorrentados, em pé, dentro dos tumbeiros, impedidos de fazer rebelião, quando os sequestradores lhes gritavam para deixarem suas crenças em África porque agora deveriam seguir a religião de quem os capturava, suas saudações aos seus orixás eram manifestação de resistência. O professor de História da Educação Carmelindo da Silva (s.d.) nos informa que a partir do século XV tem início o flagelo dos povos africanos quando do contato com os portugueses que lá chegaram, e que não fosse a cobiça dos ibéricos até poderia haver um acordo proveitoso para todos os envolvidos. Ressalta mais uma vez a grande resistência dos povos africanos:

[...] portanto, só pelo terror de serem mandados para a América, agitam-se freneticamente e, se possível, fogem para as matas. Outros, no momento de embarcar, desafiam às pauladas e matam-se a si mesmos, atirando-se à água. Um século mais tarde, um médico de Luanda confirmava que os escravos (sic) continuavam a pensar que seriam devorados pelos brancos do outro lado do mar. Para os nativos de Angola, os verdadeiros canibais eram os brancos da América portuguesa (ALENCASTRO, 2000 apud DA SILVA, s.d., p.14-15).

As formas persistentes de enfrentamento ao cativo são destacadas pela professora Nilma Lino Gomes e outros pesquisadores da área da história e sociologia: “as lutas, as rebeliões nas senzalas, as lutas quilombolas, os abortos, os envenenamentos foram respostas fortes das africanas e africanos escravizados ao regime da escravidão” (GOMES, 2017, p.102). Aqui no Brasil, os quilombos ou mocambos caracterizaram outro movimento de resistência dos povos africanos e seus descendentes, espaços de reação à escravização.

Houve também as fugas reivindicatórias, que eram formas de pressão aos senhores por melhorias de condições de trabalho, porém depois de alguns dias o fugitivo retornava. Ao executar essa ação, “o escravo comprometia a produção e colocava em xeque a autoridade do senhor. Isso quer dizer que as fugas não só traziam prejuízos econômicos, como expunham os limites da dominação senhorial. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006). O militante negro e cientista social Clóvis Moura, que, no século XX, aprofundou-se em estudos raciais no Brasil, nos informa que:

[...] no Brasil, como nos demais países nos quais o escravismo moderno existiu, a revolta do negro escravo se manifestou. [...] a quilombagem foi apenas uma das formas de resistência. Outras, como o assassinio dos senhores, dos feitores, dos capitães-do-mato, o suicídio, as fugas individuais, as guerrilhas e as insurreições urbanas se alastravam por todo o período. Mas o quilombo foi a unidade básica de resistência do escravo. [...] onde quer que o trabalho escravo se estratificasse, surgia o quilombo ou mocambo de negros fugidos, oferecendo resistência, lutando, desgastando em diversos níveis as forças produtivas escravistas, quer pela sua ação militar, quer pelo rapto de escravos das fazendas. [...] se o quilombamento não tinha um projeto de nova ordenação social, capaz de substituir o escravismo, em contrapartida, tinha potencial e dinamismo capazes de desgastá-lo e criar elementos de crise permanente em sua estrutura. (MOURA, 2020, p.24-25).

Quilombo é um vocábulo de origem do quimbundo, língua banto falada em Angola, (kilombo), relativo a acampamento ou fortaleza (Fonsêca e Silva, 2020), “a tradução exata seria ‘capital, povoação, união’. Mas a ‘tradução’ brasileira oficial é ‘valhacouto de escravos fugidos’” (GONZALEZ, 2020, p.51). Já mocambo tem a origem no quimbundo mukambu, é palavra que era utilizada pelos portugueses para designar as povoações africanas nas matas brasileiras (SCHWARTZ apud FONSECA E SILVA, 2020). Sobre quilombos, o rei de Portugal na ocasião de consulta sobre esses, assim os definiu: “[...]toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (MOURA, 2020, p.21).

Já segundo os pesquisadores Humberto Fonsêca e Zoraide Silva (2020), a definição de quilombos, para seus habitantes, representava:

[...]Não apenas a simbologia da resistência à escravatura, mas também o ambiente onde podiam conservar suas culturas e tradições, em meio a toda uma opressão ideológica que cerceava seus direitos, e lhes impunha uma cultura europeia que lhes era estranha. (FONSECA; SILVA, 2020, p.246)

O maior e o que mais tempo resistiu dos quilombos foi o de Palmares, localizado na Serra da Barriga, atualmente estado de Alagoas, à época, século XVII, pertencia à capitania de Pernambuco. Palmares teve como alguns de seus líderes Ganga-Zumba e Zumbi e, aproximadamente, 100 anos de existência.

A República dos Palmares, com sua enorme população relativamente à época, dominou uma área territorial de mais ou menos um terço do tamanho de Portugal. Essa terra pertencia a todos os palmarinos, e o resultado do trabalho coletivo também era propriedade comum. Os autolibertos africanos plantavam e colhiam uma produção agrícola diversificada, diferente da monocultura vigente na colônia; permutavam os frutos agrícolas com seus vizinhos brancos e indígenas. Eficientemente organizados, tanto social quanto politicamente, em sua maneira africana tradicional, foram também altamente qualificados na arte da guerra.

[...] Palmares pôs em questão a estrutura colonial inteira: o exército, o sistema de posse da terra dos patriarcas portugueses, ou seja, o latifúndio, assim como desafiou o poder todo poderoso da Igreja católica. Resistiu a cerca de 27 guerras de destruição lançadas pelos portugueses e holandeses que invadiram e ocuparam por longo tempo o território pernambucano. Palmares manteve sua existência durante um século: de 1595 a 1695 (NASCIMENTO, 2002, p.61-62).

Foram realizadas algumas ofensivas para a destruição de Palmares, como em 1677, a comandada pelo capitão Fernão Carrilho que atacou o mocambo de Acqualtune dentro dos domínios palmarinos. Os quilombolas se retiraram para outro local, utilizando-se de táticas de guerrilha. Depois de um tempo, com reforços, Fernão Carrilho investiu novamente num ataque no mocambo do Amaro e conseguiu aprisionar dois dos filhos do rei Ganga-Zumba, além de chefes de mocambos.

Acabar com Palmares exigia, além de perseverança, muito dinheiro. Era caro e perigoso organizar uma entrada. Exigia armas, munição, mantimentos, escravos para carregar a bagagem e remuneração para os combatentes. Desanimados com vitórias sempre parciais e com o custo das expedições, as autoridades coloniais resolveram propor uma trégua aos quilombolas de Palmares. O momento era propício para a suspensão dos conflitos, julgavam os senhores. Os quilombolas estavam enfraquecidos depois da ofensiva do capitão Carrilho. Ao receber a proposta de suspensão da guerra, o rei Ganga Zumba fez sua própria análise da situação. O chefe quilombola deve ter contabilizado as perdas já

sofridas, às quais iriam se somar outras tantas em novos combates, e por isso decidiu tentar um acordo com o adversário.

A proposta do governo previa a concessão de uma área para que os palmarinos pudessem viver em liberdade, plantando e negociando com os brancos. Em troca tinham que se desfazer de suas armas, armadilhas e deixar de acolher futuros escravos fugidos. Se houve branco que não viu esse acordo com bons olhos, não faltou quilombola para repudiá-lo. Zumbi foi um deles. Ele preferiu ignorar a trégua e continuar a receber cativos dispostos a viver longe dos seus senhores. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.122-123)

Assim que soube da rebeldia de Zumbi, o governo organizou nova expedição para destruir o quilombo. Atacaram e conseguiram matar Ganga-Zumba, a partir de então Zumbi passa a ser o rei de Palmares. O governo contrata o bandeirante experiente Domingos Jorge Velho para comandar os novos ataques. Em 1692 a expedição dele chegou ao quilombo, ainda não conseguindo destruí-lo, houve recuo e depois de dez meses, com reforços no grupamento e com munições, num cerco de mais de 20 dias, a expedição atacou novamente. Em 1694, Zumbi e outros quilombolas que resistiam tentaram a fuga, alguns foram capturados ou mortos e depois de 65 anos de combates, o quilombo é enfim aniquilado. Zumbi foi capturado em 20 de novembro de 1695, em companhia de outros vinte homens que foram mortos. O líder palmarino foi decapitado e sua cabeça foi espetada em um poste da praça principal de Recife (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Sobre as reiteradas expedições, até a destruição total de Palmares, Clóvis Moura observa que:

O que a levou a ser condenada e extinta [a República de Palmares] foi sua estrutura comunitária, que se chocava com o sistema baseado no escravismo. Aqui, parecidos, é que está a chave do problema: Palmares foi a negação, pelo exemplo de seu dinamismo econômico, político e social, da estrutura escravista-colonialista. O seu exemplo era um desafio permanente e um incentivo às lutas contra o sistema colonial em seu conjunto (MOURA, 2020, p.92).

Inúmeros outros movimentos de resistência continuaram a se desenvolver, outros tantos quilombos de norte à sul, de leste à oeste, a exemplo do quilombo de Quariterê no Mato Grosso e outras revoltas que tiveram no período colonial e imperial, tal como a Revolta dos Malês na Bahia, em 1835. Malês era como eram conhecidos negros nagôs muçulmanos que planejaram durante um ano tomar o poder na Bahia para esta ser governada por africanos, foram traídos e delatados, mas quando surpreendidos pelas autoridades, enfrentaram deflagrando a rebelião que ainda estava sendo planejada e foram

derrotados (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006). Essa e outras revoltas dos séculos XVIII e XIX tiveram inspiração na revolução de escravizados que ocorreu em Santo Domingo (Haiti) em 1791.

[...] a luta pela libertação e emancipação do corpo negro sempre foi uma presença marcante na vida e nas ações dos africanos escravizados e seus descendentes. As lutas, as rebeliões nas senzalas, as lutas quilombolas, os abortos, os envenenamentos foram respostas fortes das africanas e africanos escravizados ao regime da escravidão. E em todas elas o corpo negro regulado pela escravidão se mostrava rebelde e lutava pela sua emancipação. Também hoje a história já nos revela que negros libertos também participaram do movimento abolicionista e não somente a classe média branca mais revolucionária da época. (GOMES, 2017, p.102).

Amplio foi o movimento para a conquista da abolição da escravatura. Livres e libertos tiveram participação e os escravizados “tomaram iniciativas que aceleraram o fim da escravidão, como as fugas, a formação de quilombos e a rebeldia cotidiana” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.175). Há registros de que o movimento abolicionista brasileiro é anterior à lei Eusébio de Queirós de 1850, - a de proibição do tráfico transatlântico de escravizados – e que manifestações coletivas contrárias à escravização cresceram na segunda metade dos anos 1860, antes da lei do Ventre Livre de 1871 (ALONSO, 2014). À época o império contava já com muitos livres e alforriados. No pós-independência, o descontentamento de negros, mestiços, além de brancos pobres, nas grandes cidades era alto, em função da crise econômica e havia uma agitação por melhores condições, o que incluía a “abolição das barreiras e privilégios que separavam a minoria branca da imensa maioria dos negros” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.163-164). Ainda, a possibilidade de que uma coalizão entre livres de cor negra, libertos e escravos pusesse fim à escravidão apavorava a elite brasileira, ressaltam Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006).

A professora do Departamento de Sociologia da USP, Angela Alonso (2014) realizou levantamento em 35 jornais de nove províncias encontrando 1446 eventos de protesto abolicionista no Brasil entre 1868 e 1888. Ressalta que os abolicionistas utilizaram variedades de estratégias de “mobilização, sobretudo a organização de 293 associações exclusivas e de 600 manifestações públicas, como também iniciativas institucionais, ações diretas, simbólicas, de difusão e confrontação” (ALONSO, 2014, p.120)., em 236 cidades de cada uma das províncias, com movimentos mais acentuados nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará. A mobilização abolicionista brasileira foi grande, estruturada e duradoura. Tratou-se de “uma rede coordenada e

nacional de ativistas e associações” (ALONSO, 2014, p. 121), com o emprego de diversas estratégias de mobilização. “Essa mobilização de feições nacionais permite caracterizar o abolicionismo como nosso primeiro – e grande – movimento social” negro do país (ALONSO, 2014, p.122), com participação determinante e efetiva de nomes como Luiz Gama, André Rebouças, entre outros.

Após a abolição legal ter ocorrido no Brasil, o último lugar das Américas a abolir a escravização, em maio de 1888, a população africana e seus descendentes continuaram a sofrer brutal e intenso apartamento da sociedade brasileira. Pois foram impedidos de exercer a cidadania, expulsos das zonas urbanas, sub vivendo em moradias insalubres, sem acesso à terra, ao trabalho e à educação.

Visando a abolição que inevitavelmente aconteceria, o governo brasileiro realizou mecanismos de impedimento da integração dos afro-brasileiros à sociedade, no campo da educação, por exemplo foi instituído o Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, que estabelecia a não admissão de escravizados nas escolas públicas do país, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares (BRASIL, 2005, p.7).

## **2.2 Imprensa Negra**

A Imprensa Negra foi mais uma protagonista das formas de resistência e luta da população africana e negra brasileira, na Colônia, no Império e na República. É possível destacar no período colonial o importante papel que a comunicação teve na Revolta dos Búzios, em 1798, em Salvador, Bahia, movimento também conhecido por Revolta dos Alfaiates ou Conjuração Baiana:

formado majoritariamente por alfaiates, soldados, mulatos, negros forros e escravos, pequenos comerciantes e alguns representantes da burguesia, a exemplo de médicos e senhores de engenho. [...] a Revolta dos Búzios foi se delineando com o objetivo de resgatar os direitos das camadas sociais, reivindicar melhores condições de vida e de trabalho, abolir a escravidão e retirar Portugal do poder (SOUZA, RIOS, ALVES, 2010, p. 98).

A professora doutora em história, Ana Flávia Magalhães Pinto (2006), em sua dissertação de mestrado relata que a Revolta dos Búzios teve como estratégia importante a comunicação impressa, pois usou “como catalisador os manifestos e boletins colados em

pontos estratégicos da cidade – uma versão primária do contemporâneo jornal mural”, (PINTO, 2006). A autora ainda informa que, conforme Florisvaldo Mattos (1998), “[a revolta] foi, do princípio ao fim, um imenso tecido de comportamentos comunicativos, e se consumou mesmo, na realidade de sua existência sociopolítica, em apenas atos de comunicação” (MATTOS, 1998, apud PINTO, 2006, p.20).

Através dos manuscritos, as ideias de Luís Gonzaga da Virgens, João de Deus, Lucas Dantas e Manuel Faustino, os líderes do movimento, comunicavam, aos que sabiam ler e ao que escutavam a leitura feita, sobre as reivindicações de uma sociedade justa, “em que as pessoas valessem por seus talentos e virtudes e não pela cor de sua pele” (PINTO, 2006, p.20). O nome Revolta dos Búzios ou dos Alfaiates ou ainda das Argolinhas teve origem porque os revoltosos usavam um búzio preso à pulseira ou uma argola na orelha para melhor identificarem-se entre si e porque alguns dos conspiradores eram alfaiates.

Jornais impressos no Brasil começaram a circular em 1808, quando da fuga da

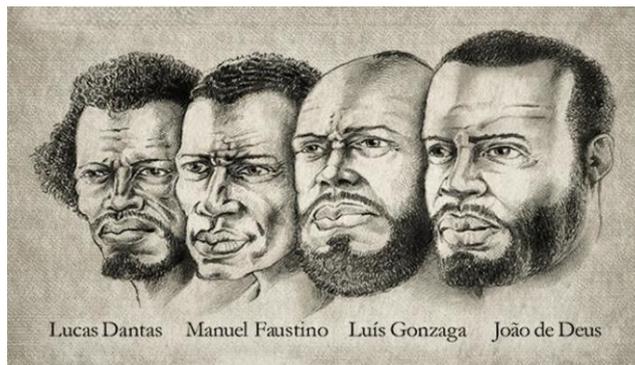


Figura 1 - Líderes da Revolta dos Búzios – Fonte: <https://mst.org.br/2020/08/14/ideais-e-sonhos-conectados-a-revolta-dos-buzios-continua/>

família real portuguesa para cá, sua colônia. Como dito acima, esses periódicos tiveram grande importância na organização e luta do povo negro no país, primeiramente no enfrentamento e resistência ao cativeiro e depois da abolição, para a reivindicação de direitos que eram negados aos afro-brasileiros. Pontuo agora algumas das iniciativas importantes pertencentes ao que chamamos de Imprensa Negra, tendo consciência que são só alguns dos títulos, muito mais foi produzido visando informar dos direitos, educar e denunciar as arbitrariedades e barbaridades feitas contra a população afrodescendente.

O primeiro jornal da Imprensa Negra é *O Homem de Cor* que depois da terceira edição passou a chamar-se *O Homem de Cor* ou *O Mulato*, impresso na tipografia Fluminense que pertencia à José de Paula Brito, na cidade do Rio de Janeiro em 14 de setembro de 1833 (PINTO, 2006). Ainda no Rio de Janeiro,

[...]outros títulos deram sua graça: Brasileiro Pardo, O Cabrito, O Crioulinho e O Lafuente. Peças que circularam na Corte entre setembro e novembro de 1833, esses periódicos anunciaram, agora por intermédio das letras tipográficas, o protesto negro a serviço de seus direitos – nesse caso, aqueles prometidos a todo cidadão. A marcha dos negócios públicos, apesar do avanço liberal, não garantiria melhores condições à população negra livre, muito menos à liberta, quiçá, então, à escravizada. (PINTO, 2006, p.26).

Em Recife, no ano de 1876, o jornal *O Homem – realidade constitucional ou dissolução social*, tinha em seu lema: “promover a união, a instrução e a moralização dos homens de cor pernambucanos [...] A folha advogaria a causa dos interesses legítimos do grupo ao qual se ligava e defenderia seus direitos políticos” (PINTO, 2006, p.86), divulgando a cobrança dos direitos da Constituição para que fossem estendidos a todos os brasileiros, sem distinção. O jornal era organizado em seções, com a ênfase na educação como um importante elemento para a classe dos “homens de cor”, as seções que tinham por objetivo dar visibilidade aos atos arbitrários que atingiam o grupo sociorracial, os exemplos a serem seguidos e algumas saídas possíveis à opressão. As mais evidentes eram: a coluna ‘Homens de Cor Vítimas da Política Conservadora dessa Província’, a ‘Galeria de Homens de Cor Ilustres’, o ‘Noticiário’, - havendo possibilidade de extensão às ‘Variedades’ e ao ‘Folhetim’. (PINTO, 2006, p.119).

Em Porto Alegre, de dentro de uma barbearia localizada no número 247 da Rua da Praia, um grupo de homens negros, “Arthur de Andrade, Marcílio Freitas, Esperidião Calisto, Aurélio Bittencourt Júnior, Sérgio Bittencourt, Alfredo de Souza, entre outros” (PINTO, 2006, p.157), iniciou a publicação do jornal *O Exemplo*, em 11 de dezembro de 1892.

O nosso programa é simples e podemos exarar-lo em duas palavras: a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos mediócrs conhecimentos’ (*O Exemplo*, n.1, p.1). Outrossim, em diversos momentos, o impresso serviria como espaço para a denúncia e o combate ao cotidiano de discriminações raciais (PINTO, 2006, p.158).

O professor doutor em história, Amílcar Araújo Pereira (2019), destaca que a criação dos próprios jornais por pessoas negras configurou expediente de extrema importância tanto aqui no Brasil como nos Estados Unidos. “[...] essa estratégia foi utilizada nos diferentes momentos de sua história, desde a primeira metade do século XIX [...] tiveram papel fundamental para a circulação de informações, ideias e referenciais para a luta contra o racismo no Brasil, nos EUA e em outras partes do planeta” (PEREIRA, 2019, p.141).

A Imprensa Negra se constituiu como um dos instrumentos utilizados pelos negros brasileiros para a provocação de um debate político sobre o racismo no país, a partir do domínio da técnica jornalística pelos negros e do uso da esfera pública para a enunciação de um discurso dissonante das forças hegemônicas. (ROSA, 2014, p.564). Conforme a doutora em comunicação Isabel Cristina Clavelin da Rosa (2014) evidencia em seu artigo publicado sobre a Imprensa Negra, publicar jornais foi uma estratégia para interferir na esfera pública e participar politicamente “na busca pelo poder de influência e emissão de opinião própria [...] e de travar uma luta ideológica através da imprensa negra” (ROSA, 2014, p. 557).

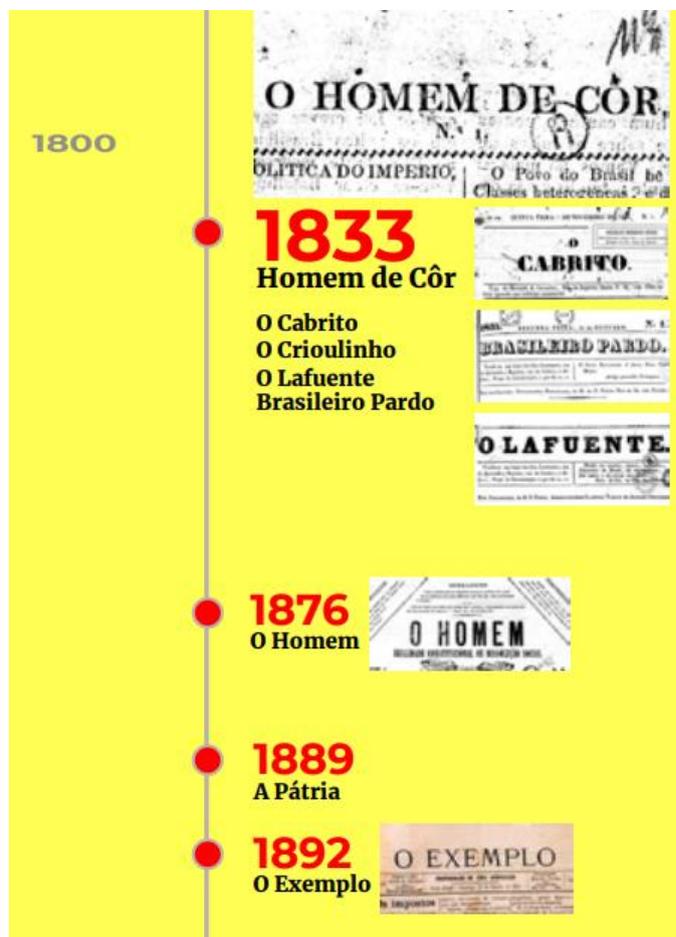


Figura 2- Fragmento da linha do tempo da imprensa negra no Brasil - 1.<sup>a</sup> fase fonte: História da Imprensa Negra no Brasil - Alma Preta (2019)

Já no século XX outros pasquins e jornais entram neste cenário da Imprensa Negra, até mesmo porque muitos do século anterior não tiveram vida longa, o próprio pioneiro O Homem de Cor só teve quatro edições, pois era muito difícil manter economicamente o jornal aberto. Rael Fizon Eugenio dos Santos (2010) apoiado no

sociólogo francês Roger Bastide, informa que “a imprensa negra da época buscava agrupar os ‘homens de cor’, dar-lhes senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los para lutar contra o complexo de inferioridade. Sendo assim, tal imprensa aparece como um órgão de educação e de protesto” (SANTOS, 2010, p.126), sendo uma constante nos impressos até 1945, destaques para os “bons costumes, o combate ao alcoolismo e a boa aparência” (p.127).

Cito alguns nomes e locais de jornais do século XX que tinham como propósito informar, congregar através de eventos, reivindicar direitos e denunciar o preconceito racial, crimes e desigualdades cometidas contra a população afro-brasileira, sempre lembrando que a menção é somente de alguns periódicos, tendo como base a linha do tempo disponibilizada pela publicação do Alma Preta Jornalismo (2019), que categoriza essa fase como a segunda da imprensa negra: *O Baluarte*, de São Paulo, 1903; *Cruzada Cultural*, São Paulo, 1905; *O Melenick*, São Paulo, 1915; *A Rua e O Getulino*, São Paulo, 1916; *O Alfinete* e *O Bandeirante*, São Paulo, 1918; *A Liberdade*, São Paulo, 1919; *O Clarim*, que após transformou-se em *O Clarim d’Alvordada*, São Paulo, 1924; *A Revolta*, Bagé/RS, 1925; *A Chibata*, São Paulo, 1932, *A Voz da Raça*, São Paulo, 1933; *Tribuna Negra*, São Paulo, 1935; *Revista Senzala*, São Paulo, 1946; *O Quilombo*, Rio de Janeiro, 1948; *A Voz da Negritude*, Rio de Janeiro, 1953; *Notícias de Ébano*, 1957; *Níger*, São Paulo, 1960; *Correio d’Ébano*, São Paulo, 1963; *Árvore das Palavras*, 1974.

### **2.3 Frente Negra Brasileira e Teatro Experimental do Negro**

A Frente Negra Brasileira (FNB) foi uma organização criada em São Paulo no ano de 1931, segundo o seu estatuto, com a finalidade de “afirmar os ‘direitos históricos’ da ‘Gente Negra Nacional’, ‘em virtude da sua atividade material e moral no passado’, e reivindicar seus direitos sociais e políticos, atuais, na Constituição Brasileira” (OLIVEIRA, 2002, p.12). Compunha os seus quadros, intelectuais e militantes negros. Em 1937 foi extinta quando da ditadura do Estado Novo, assim como todos os partidos políticos e associações. E, segundo Laiana Lannes de Oliveira (2002) em sua dissertação de mestrado sobre a FNB, ela é identificada como o primeiro momento do movimento negro no Brasil.

Ao longo de sua escrita, Oliveira nos conta do panorama que era a vida do afro-brasileiro nas primeiras décadas dos anos 1900 e do desamparo da população negra no período. A Frente, inspirada nas muitas associações de imigrantes que existiam naquele

período em São Paulo, surge para ser essa entidade de apoio à população negra, com o objetivo de “elevação moral” e de consolidar a autoestima do negro brasileiro: ao contrário do que as teorias racistas afirmavam, a dificuldade dos negros de ascenderem socialmente, não eram em decorrência de nenhuma herança genética e hereditária, nenhum “vício da raça”, mas sim efeito de um completo estado de abandono e descaso.

A péssima qualidade de vida e a ausência de formas de lazer, direcionava-os para o alcoolismo e o sexo desregrado. O agravamento da vida social desorganizada, a dificuldade de manter o emprego, a desilusão e desesperança, fizeram com que os negros deixassem de acreditar em sua capacidade e possibilidade de inverter essa situação. Interiorizaram uma aceitação fatalista do presente, não só não buscando soluções, como principalmente agravando-as, desqualificando totalmente as suas vidas, caminhando para os vícios como o alcoolismo e a prostituição, assim como para a criminalidade. O que muitos denominavam de “vícios da raça” não eram inatos, e sim um reflexo, uma reação contra o abandono social (OLIVEIRA, 2002 p.29).

A entidade tinha como um dos seus eixos a questão da educação, contendo um departamento específico para a instrução que oferecia curso primário e alfabetização de adultos, também um departamento musical com a finalidade de ensinar os associados a tocar instrumentos, além dos departamentos esportivo, de artes que oferecia aulas de pintura e de algumas profissões, como pedreiro, pintor, corte e costura.

Ainda que de maneira pouco articulada, as lideranças fretenegrinas foram precursoras em tecer críticas quer à dimensão preconceituosa dos conteúdos escolares, quer à forma discriminatória como os professores e os estabelecimentos de ensino se relacionavam com os alunos negros (DOMINGUES, 2008, p.532).

Também contava com departamento jurídico e oferecia assistência médica e odontológica. A preocupação da entidade era amparar a população negra em todos os aspectos. Relacionado à comunicação havia um departamento, primeiramente comandado pelo intelectual negro José Correia Leite (editor de outros jornais importantes da imprensa negra no cenário paulista, como *O Clarim d’Alvorada*), esse departamento era responsável pelo jornal da Frente, o periódico de nome *A Voz da Raça*.

O historiador Petrônio Domingues (2008) destaca que a FNB criou um conjunto de símbolos identitários, tais como hino, carteira de associado, bandeira e até uma ‘milícia fretenegrina’. Sobre a bandeira, “possuía quatro cores: o branco, representando o português, o vermelho, representando o índio, o preto homenageando os negros e o verde,

representando a epopeia do negro na Serra da Barriga” (OLIVEIRA, 2002, p. 69). O caráter da Frente Negra era integrar o negro à sociedade da época, tanto que na sua bandeira havia menção aos demais povos formadores, através desse apoio que ela dava para que os afro-brasileiros se instrumentalizassem, era preciso chegar ao patamar do branco, porque assim o negro seria respeitado. “[...] a entidade defendia um projeto nacionalista, de viés autoritário. Arlindo Veiga dos Santos [presidente da FNB], era radicalmente contrário à democracia e constantemente fazia apologia do fascismo europeu” (DOMINGUES, 2008, p.522). Em 1937, ano de sua extinção, se tornara um partido político.

O sentimento nacionalista estava tão presente quanto a luta contra o preconceito racial. Na verdade, a luta da Frente Negra Brasileira não era exclusivamente contra o preconceito racial. O seu interesse maior era a união dos negros com o objetivo de superar as dificuldades decorrentes do passado escravista. A sua orientação e atuação não estava centrada no passado nas injustiças e desumanidades cometidas pelos “brancos”. Sua preocupação era com o presente e o futuro, apagando definitivamente as “marcas da escravidão”. A Frente Negra Brasileira absorvia toda a luta nacionalista do governo Vargas. (OLIVEIRA, 2002, p. 70/77).

A Frente Negra teve unidades em outros locais do país ou inspirou associações em outros lugares, por exemplo aqui no estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Pelotas teve a sua Frente Negra Pelotense de 1933 a 1937, conforme nos informa a doutora em história, professora da UFRGS, Fernanda Oliveira da Silva (2011), do qual o clube social negro Fica Ahí P’ra Ir Dizendo fazia parte, este clube está em funcionamento até hoje. Conforme o doutor em história, Amílcar Araújo Pereira (2019), a FNB serviu de inspiração e foi referência “ainda na década de 1930, para a luta por direitos civis e sociais para a população negra nos EUA e na diáspora” (PEREIRA, 2019, p.128).

Outro expoente marcante de movimento negro foi o Teatro Experimental do Negro (TEN) fundado no Rio de Janeiro, em 1944, liderado pelo grande intelectual, artista, militante do movimento negro, deputado e senador brasileiro, Abdias Nascimento. A ideia era a de “valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, bem como com a ambição de delinear um novo estilo dramático, com uma estética própria, não uma mera recriação do que se produzia em outros países” (BRASIL, 2021). Atores e atrizes dirigidos por ele, eram negros e negras comuns, muitas empregadas domésticas e operários, além de moradores de favela, muitos sem escolarização, que estavam naquele momento reunidos para atuarem na dramaturgia. “O TEN os habilitou a

enxergar criticamente os espaços destinados aos negros no contexto nacional (BRASIL, 2021). Surgiu com o intuito de valorizar a/o intérprete negra/o e para romper com a imagem estereotipada a que a esses eram destinados pela sociedade e arte dominante da época.

A literatura dramática, assim como a estética do espetáculo, fundadas sobre valores e desde a ótica da cultura afro-brasileira, emergiram como necessidade e resultado lógico do exame, da reflexão, da crítica e da realização do TEN. Ele organizou e patrocinou cursos, conferências nacionais, concursos, congressos, ampliando, dessa forma as oportunidades para o afro-brasileiro analisar, discutir e trocar informações e experiências.

Na rota dos propósitos revolucionários do TEN vamos encontrar a introdução do herói negro com seu formidável potencial trágico e lírico nos palcos brasileiros e na literatura dramática do país. Transformou várias empregadas domésticas - típicas mulheres negras - em atrizes, e muitos trabalhadores e negros modestos, alguns analfabetos, em atores dramáticos de alta qualidade. A existência desses atores e atrizes de valor reconhecido demonstrou a precariedade artística do costume no teatro brasileiro, de brochar de preto a cara de atores brancos para interpretar personagens negros de responsabilidade artística (NASCIMENTO, 2019, p.94).

Estreou nos palcos em 08 de maio de 1945 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, obteve sucesso de crítica. Sua atuação não se limitava à crítica social ou somente ao discurso, objetivava a melhoria de vida da população afrodescendente. Lançou um jornal, em 1948, *O Quilombo*:

ateve-se à abordagem de temas culturais, enfatizando as manifestações artísticas negras e denunciando casos concretos de discriminação. [...] contou com a colaboração de renomados intelectuais como Gilberto Freire, Artur Ramos e Guerreiro Ramos, que constantemente publicavam artigos no jornal” (FGV, 2009).

## **2.4 Grupo Palmares e MNU**

Destaco agora outras duas importantes entidades da história negra brasileira. Começo com o Grupo Palmares, de Porto Alegre, junção importante de gente negra que aqui vivia e que é do início da década de 1970. O grupo pautou e irradiou para o restante do país a data da Consciência Negra brasileira, um movimento encabeçado pelas mulheres deste coletivo (MARQUES, 2019). E finalizo essa parte com o grande marco, vivo e pulsante Movimento Negro Unificado, entidade de abrangência nacional, que nasceu no final dessa mesma década de 1970, e que desde então, vem pautando a nossa luta negra e segue na defesa de direitos à população afro-brasileira.

**1971**

*Em meio a olhares  
curiosos, desconfiados*

*no extremo-sul do Brasil  
no centro da capital  
do estado mais embranquecido da federação  
um grupo se reunia*

*Encontro marcado  
na rua da praia  
debaixo do grande relógio  
que mostrava a hora de despertar*

*Eram Antonios, Ilmos, Helenas, Oliveiras  
corpos e mentes, negros e negras  
que nunca aceitaram a falsa história oficial  
sobre a escravização de seu povo*

*Mulheres e homens  
reivindicando outra versão  
para um passado de duras penas  
tantas penas...  
mas também de luta e libertação*

*Ali se encontravam  
Inquietos, tramavam  
com inspiração quilombola  
em plena selva de pedra  
um plano de denegrir e fortalecer  
consciências*

*Encontros marcados*

*(Vladimir Rodrigues)*

O Grupo Palmares, de acordo com Elenir Gularte Marques (2019), que escreveu sua dissertação de mestrado intitulada *O Grupo Palmares na década de 1970: o papel das mulheres negras ativistas*, durou de 1970 a 1978, sendo constituído inicialmente por homens que se reuniam em bares da Rua da Praia e, a partir de 1972, o grupo já era formado por mulheres em sua maioria. Suas propostas centrais “eram de revisão de aspectos da história do negro no Brasil e a necessidade de se discutir e divulgar fatos trazidos à tona pela nova historiografia” (MARQUES, 2019, p.21). O grupo buscava referenciais e heróis negros com a finalidade de afirmação negra cultural e política. Em plena época da ditadura militar, as reuniões eram feitas sob a vigilância da polícia, a autora relata que nessa época, porteiros de prédios informavam aos agentes de segurança se alguma reunião acontecia em alguma das salas dos prédios.

O idealizador do grupo foi Oliveira Silveira (1941-2009), grande poeta, intelectual e valioso militante do movimento negro, gaúcho de Rosário do Sul, e conforme nos informa Elenir Marques (2019), o Grupo Palmares “surgiu da ideia de se criar um grupo cultural como espaço para estudos, artes, literatura e teatro. Estavam presentes influências do Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias Nascimento e do poeta Solano Trindade” (MARQUES, 2019, p.25). Em novembro de 1971 houve o primeiro evento público do grupo no Clube Náutico Marcílio Dias, denominado “Evocativo ao 20 de novembro”. Uma data que remete à República de Palmares e toda a sua força e resistência e não a concessão de uma abolição inacabada como até então se reverenciava.

Treze de maio traição.  
Liberdade sem asas  
e fome sem pão.

Liberdade de asas quebradas  
como  
este verso.

Liberdade asa sem corpo:  
Sufoca no ar,  
se afoga no mar.

Treze de maio – já dia 14  
a resposta gritante:  
pedir  
servir  
calar.

Os brancos não fizeram mais  
Que meia obrigação. (SILVEIRA, 2012, p.249).

---

Na roda, tendência à unanimidade. O treze não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A abolição só havia abolido no papel; a lei não determinara medidas concretas, práticas, palpáveis em favor do negro. E sem o treze era preciso buscar outras datas, era preciso retomar a história do Brasil. Nas conversas, a República, o Reino, o Estado, os quilombos de Palmares (Angola Janga) foi o que logo despontou na vista d'olhos sobre os fatos históricos (SILVEIRA, 2003, p.24).

O grupo tinha essa forma de resistência que combinava o cultural com o político, pelos estudos de Marques (2019), as mulheres do grupo colocam em ação a pauta mais política e os homens a questão cultural. Dentre as mulheres que compunham o grupo podemos citar: Helena Vitória Machado, Anita Abad, Antonia Carolino e Marli Carolino. As mulheres ao lado de Oliveira Silveira levaram para o centro do país a proposta de troca de data de celebração para o povo negro, do 13 de maio para o 20 de novembro. Mais tarde, em 1978, o MNUCDR encampa e propaga a data como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. Algumas mulheres que fizeram parte do Palmares, como Vera Daisy Barcelos, ao

saírem do grupo, formam um outro, o Tição, que produziu dois números de revista e um de jornal, fazendo parte da imprensa negra, naquele ano e nos subsequentes: 1978, 1979 e 1980.

O Movimento Negro Unificado (MNU) que na sua fundação em 18 de junho de 1978 era Movimento Negro Unificado Contra à Discriminação Racial (MNUCDR), se define como movimento político de instrumento da comunidade afro-brasileira, que desenvolve um trabalho de organizá-la politicamente em função dos seus interesses, ou seja, na luta contra o racismo e a discriminação racial, contra o Desemprego e a Violência Policial, por melhores condições de vida, pela liberdade de manifestação da cultura e religiosidade afro-brasileira, e contra a Exploração e Opressão Econômica, no sentido da libertação integral do povo negro em todas as partes do mundo (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 1988, p.42).

No contexto da ditadura militar ainda, a entidade inicia a sua trajetória discutindo, publicando e publicizando o racismo brasileiro, o que era proibido falar naquela época para se manter a imagem do 'paraíso racial' que os militares vendiam do Brasil. De abrangência nacional, ou seja, com núcleos em diversos estados do país, o MNU continha em sua carta de princípios a luta pela defesa do povo negro em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais; a busca de maiores oportunidades de emprego para esse segmento da população (que é a maioria); melhor assistência à saúde, educação e habitação; reavaliação do papel do negro na história do Brasil; valorização da cultura negra e combate sistemático à comercialização desta, assim como folclorização e distorção; extinção de todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência; liberdade de organização e expressão do povo negro. (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 1988).

Sobre o MNU, Lélia González relata:

O MNU difere da FNB e do TEN por não ter um líder com o poder de controlar o destino da organização. [...] O MNU se define como um movimento político de reivindicação sem distinção de raça, sexo, educação, crença política ou religiosa e sem fins lucrativos. Seu objetivo é a mobilização e organização da população negra brasileira em sua luta pela emancipação política, social, econômica e cultural, que tem sido obstada pelo preconceito racial e suas práticas. Ao mesmo tempo, o MNU também se propõe denunciar as diferentes formas de expressão e exploração do povo brasileiro como um todo. Tendo como ponto de partida seu programa de ação, tenta articular os problemas específicos dos negros com os problemas gerais do povo brasileiro. (GONZÁLEZ, 2020, p.119).



Figura 3- Capa do Jornal do MNU de 1991 – fonte: perfil Quebrando o Tabu no Facebook

Em suas diferentes instâncias e congressos, eram pautadas as dificuldades do povo negro e construídas formas de superá-las, sendo que uma das principais bandeiras era a de combate à política do branqueamento adotada na sociedade brasileira como forma de invisibilizar o povo negro, sua história e cultura, fazendo com que negras/os tivessem uma autoimagem negativa de si mesmas/os e que internalizassem a inferioridade.

A ideologia subjacente a essa prática de ocultação e distorção do negro e seus valores, tem como objetivo não oferecer modelos positivos que ajudem a construir uma auto-imagem positiva, nem referencial da sua verdadeira história aqui e na África. Em consequência, desenvolve-se no negro um complexo de auto-rejeição e inferioridade e uma necessidade de branquear-se, de tornar-se semelhante ao branco, o único modelo considerado bom, bonito e aceito pela sociedade (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 1988, p.49).

A crítica era feita aos meios de comunicação de massa: cinema, televisão, revistas, literatura, pois esses eram aparelhos reprodutores de inferiorização do povo negro, além de claro, a escola. Em relação à comunicação social, o MNU teve o seu jornal próprio, a sua revista própria, além de veículos em suas seções regionais, tais como o jornal *Negritude* em Pernambuco e o *Nêgo* na Bahia.

Atualmente a entidade tem um sítio na internet, assim como, perfis nas redes sociais: Facebook (<https://www.facebook.com/movimentonegrounificado.mnu>), Instagram

(@movimentonegrounificado) e um canal no Youtube (MNU), além de perfis das seções em regionais nas diversas plataformas.

### **2.5 *Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela Cidadania e a Vida e a Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem-Viver***

Dentre movimentos mais recentes, destaco duas marchas à Brasília que reuniram pessoas de todas as regiões do país e que culminaram em encontro com os mandatários da república na ocasião: a *Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida* e a *Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem-Viver*. O primeiro evento tem uma especial importância, pois se configura como marco inicial da “mudança na postura discursiva do Estado brasileiro, o qual passa de uma retórica de democracia racial para reconhecer que a população negra do país sofre com o preconceito e com a discriminação racial” (LIMA JUNIOR, 2019, p.2).

A Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela Igualdade e a Vida ocorreu no ano de 1995, que marcou os trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares. Foram a Brasília entre 10 a 30 mil pessoas em caminhada, representantes do Movimento Negro entregaram ao então presidente Fernando Henrique Cardoso um documento com a pauta reivindicatória da população negra. A partir de então, com a pressão do Movimento Negro se força o reconhecimento das estruturas racistas e o estado compromete-se a combater este problema social. Segundo a pesquisadora Juliana Serzedello Crespim Lopes (2022), no documento de 18 páginas continha um programa de ações efetivas, além de dados que evidenciavam a sub-cidadania dos negros no Brasil quanto à:

saúde, educação, habitação e violência escancaram a necessidade da implementação de políticas públicas que considerem efetivamente o recorte racial da população. Entre as reivindicações, destaca-se a necessidade de inclusão do quesito raça/cor na produção de dados e informações oficiais, e propostas específicas para as áreas da saúde, educação, emprego, violência e distribuição de terras. (LOPES, 2022, p.111).

Já a Marcha das Mulheres Negras de 2015, denominada Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem-Viver, ocorreu em 18 de novembro de 2015 e reuniu, segundo a organização do evento, mencionados por Cidinha da Silva (2019), 50 mil mulheres em Brasília, a marchar pela cidade e entregar suas reivindicações à presidente da república à época, Dilma Roussef.

O ato foi marcado pelo grito que reivindica a construção de um novo pacto civilizatório que inclua mais de cinquenta por cento da população brasileira, a

parcela negra, que tem sido invisibilizada e/ou excluída do alcance das políticas públicas. A Marcha das Mulheres Negras foi aberta pelas zeladoras da secular Irmandade da Boa Morte, da cidade de Cachoeira, Bahia. [...] Houve uma comissão de frente composta por Iyalorixás vindas dos quatro cantos do país. (SILVA, 2019, p.145).

A estratégia de comunicação e mobilização da organização, para reunir mulheres negras de todas as regiões do país, da cidade e do campo, das águas e das florestas, se deu, além do uso das ferramentas de tecnologias digitais pela internet, através do “*boca a boca*”, ao estilo correio nagô<sup>9</sup>, como citado por Denize de Almeida Ribeiro (2017). A Marcha aconteceu pelas ruas da capital federal, com um incidente de um tiro disparado a ela, por um dos fascistas acampados em protesto a favor do impeachment de Dilma. O homem foi preso pela polícia depois do tumulto, a Marcha seguiu e algumas representantes entregaram uma carta à presidente da república.

A Carta das Mulheres Negras, de 2015, propõe uma série de ações e orientações para políticas públicas no campo do direito à vida e à liberdade, da promoção da igualdade racial, do direito ao trabalho, emprego e território. Direito à terra, à moradia e à cidade, à justiça ambiental, à defesa dos bens comuns e à não “mercantilização da vida. Direito à seguridade social, à educação e à justiça. Para alcançar o bem-viver proposto pela Marcha, a superação do racismo e da violência, dos quais as mulheres são alvo, essas são condições essenciais (SILVA, 2019, p.147).

A Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo e a Violência e pelo Bem-Viver!, foi proposta pela ativista Nilma Bentes, em 2011, durante Encontro Ibero-americano do Ano Internacional dos Afrodescendentes - Afro XXI – em Salvador (SANTOS, 2021), e oficializada na III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial - CONAPIR (FONTOURA, 2016). Teve como legado a denúncia do racismo e das opressões sofridas por parcela de 25% da população brasileira, as mulheres negras, bem como, dar visibilidade a essas mulheres, além da articulação nacional destas em rede, quando do planejamento e elaboração das reivindicações para a alteração desse estado de coisas. “Recuperar e valorizar a trajetória de protagonismo de milhões de mulheres negras anônimas que, de forma silenciosa, contínua e participante, foram e são responsáveis pela manutenção e sustento dos núcleos familiares” (FONTOURA, 2016, p. 79), também foram legados do movimento.

---

<sup>9</sup> Correio nagô é a expressão usada pelos candomblezeiros para transmitir de boca em boca as notícias e os eventos que ocorrem dentro do terreiro/templo.

### 3. TERRITÓRIO DIGITAL

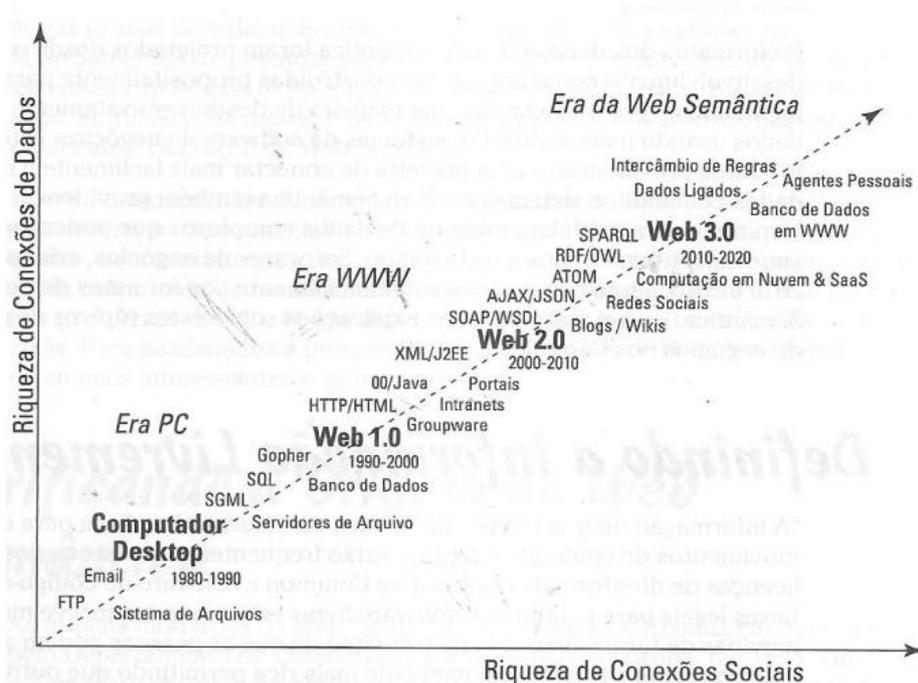
Em consequência do avanço das inovações tecnológicas ocorridas a partir das duas últimas décadas do século XX nos encontramos, continuamente, evoluindo de forma acelerada no campo das descobertas digitais, temos hoje uma sociedade imersa e dependente de tais recursos. Refiro-me aqui ao desenvolvimento de equipamentos, programas computacionais e aprimoramento das conexões de interligação entre os mesmos, possibilitando àqueles que tem acesso aos dispositivos fazerem as mais variadas atividades a partir de suas máquinas portáteis por estarem conectados à internet. O caráter ubíquo da rede mundial de computadores permite uma gama de serviços, divertimentos e facilidades na rotina diária dos indivíduos. O mundo inteiro, desde que fazendo parte do grupo de incluídos digitalmente, pôde experimentar as mais variadas atividades realizadas com a mediação dos suportes tecnológicos comunicacionais em função do isolamento demandado pela pandemia do COVID-19.

Conforme Sara Firmino Rodrigues (2020), a evolução da comunicação em nossas sociedades se deu através dos tempos, mas tem sua intensificação a partir do desenvolvimento digital, especificamente, a internet. A autora faz um panorama histórico da rede mundial de computadores que teve seu surgimento nos fins da década de 1960, onde tinha o nome de Arpanet e era usada para a comunicação das bases militares dos Estados Unidos da América, no tempo da Guerra Fria.

Na década seguinte ficou acessível ao público acadêmico passando a denominação de Internet. A “rede global só ganhou maior expressão na década de 1990, quando o cientista Tim Berners-Lee criou a World Wide Web, e em 1999 já era utilizada por 179 milhões de pessoas, em mais de 200 países.” (RODRIGUES, 2020, p.9). Atualmente, os mais diversos serviços são possíveis de serem realizados através da internet: correspondência, notícias, comércio, ensino, consulta médica de baixa complexidade, reuniões empresariais, aplicações bancárias, visitas guiadas a museus, acesso ao acervo de bibliotecas, entre muitos outros. E, dentre os mais diversos empregos, Rodrigues (2020) nos aponta as redes sociais como forma de alteração da comunicação entre as pessoas e formação de vínculos. “A comunicação social foi quem sofreu maior transformação com a vinda da era digital e na qual as redes sociais assumiram um papel de destaque” (p.7).

A partir da popularização da internet, ou seja, da sua face multimídia, a web propriamente dita, aquela acessada através de programas denominados navegadores, usuárias/os vêm acompanhando sua evolução, entrando em contato com diferentes fases ou gerações dela. Conforme Renato dos Santos Costa (2020) nos informa em sua dissertação: “Tim O’Reilly classificou essas mudanças em três ondas, Web 1.0, Web 2.0 e Web 3.0, estes termos sugerem novas versões mas não se referem as especificações técnicas e sim às mudanças nos serviços e comportamentos dos usuários” (COSTA, 2020, p. 33).

A Web 1.0 caracteriza-se por ser a web gráfica, a das páginas pessoais estáticas, (Franco, 2010), onde a publicação era feita por usuários experientes na linguagem HTML<sup>10</sup>, havia pouquíssima interação, no máximo a decisão de clicar ou não no hiperlink já programado pelo desenvolvedor do site e preenchimento de formulário nas seções ‘fale conosco’ que, após o envio não apareceria na página e sim no e-mail ao qual o web design<sup>11</sup> teria programado, o papel do internauta era de consumidor, leitor.



Já a Web 2.0 é conhecida como a Web Social (Gil, 2014; Oliveira, Maziero e Araujo, 2018) ou Colaborativa, pois nesta, as páginas de internet têm “características que privilegiam a interação, a colaboração e o desenvolvimento de uma inteligência coletiva”

Figura 4- Quatro principais ondas da evolução web – fonte: COSTA, 2020, p.33

<sup>10</sup> *Hipertext Markup Language* – Linguagem de marcação de hipertexto

<sup>11</sup> Criador de página de internet.

(FRANCO, 2010, p.20). Os sites permitem comentários, relações entre pessoas, são constituídos também por vídeos, áudios, animações. É possível publicar informações em páginas (blogues<sup>12</sup>) sem dominar a linguagem HTML. Blogues, wikis<sup>13</sup>, sites de redes sociais, ferramentas que não precisam ser instaladas nas máquinas do/a usuário/a para que obtenham seus serviços (aplicativos do Google Drive, One Drive, etc.), serviços de compartilhamento de imagens, vídeos, áudios, surgem nessa geração da internet (Franco, 2010). É a geração da internet que há o irrompimento dos sites de redes sociais: Orkut, Facebook, Twitter, Youtube, Flickr, Delicous, LinkeDin, e outros tantos.

E a Web 3.0 é referenciada como a Web Semântica, como já dito acima, ou Web dos Dados (W3C Brasil). Bruna Dal’evedove e Lucas Figueira (2017) caracterizam essa geração da internet como a que introduziu melhores algoritmos para o trabalho com dados e que estes têm um comportamento inteligente, a informação se torna adaptável e adaptativa. A Web 3.0 trata “fundamentalmente sobre a utilização de novas tecnologias que ajudam a misturar, reutilizar e reaplicar dados na Web em novas formas” (DALEVEDOVE; FIGUEIRA, 2017, p.44). É uma versão inteligente, onde os dados são manipulados e ‘entendidos’ por máquinas, onde nem tudo precisa passar pela interação com o humano, o próprio equipamento em função de rotinas da inteligência artificial vai saber o que fazer. “As informações são organizadas de tal forma, que as máquinas podem decifrar conteúdos e apontar soluções sem intervenção humana” (OLIVEIRA; MAZIERO; ARAUJO, 2018, p.63).

Exemplificando as ferramentas dessa geração da web, temos as atendentes (agentes) virtuais de alguns sites de compras, as quais falamos através de chats que vão evoluindo a conversa de acordo com informações que são coletadas de usuárias/os mediante menus pré-programados, quaisquer sistemas de recomendação, seja o que nos sugere o filme ou a série que vamos ver num serviço de vídeos por streaming, seja de música, que tem por base as músicas já ouvidas por nós, num serviço de música por streaming, seja num site de compras que vai nos mostrar mercadorias de acordo com o que a gente já comprou. E, um

[...]exemplo do funcionamento da Web 3.0 pode ser quando um documento, texto ou site é analisado por um software que faz a indexação significativa, identificando os termos principais para que tal informação seja recuperada de forma rápida e fidedigna, ou seja, confiável” (OLIVEIRA; MAZIERO; ARAUJO, 2018, p.64).

---

12 São páginas de internet de fácil publicação, e que permitem que os leitores possam comentar as postagens. O termo é uma contração da palavra *web-log* cuja tradução é ‘registrar na rede’.

13 Páginas web cujos conteúdos podem ser editados por múltiplos utilizadores através de qualquer navegador, desde que tenham permissão para isso. O termo wiki deriva do havaiano *wiki wiki*, que significa “rápido”. (CONCEITO DE WIKI, 2020, online).

A seguir referencio as redes sociais digitais também conhecidas como mídias sociais. São ferramentas que surgiram com a Web 2.0, mas que têm em suas evoluções elementos da Web 3.0. Também me dedico a explicá-las em função deste trabalho ter como foco a análise de algumas das redes sociais digitais/mídias sociais, especificamente as de conteúdo relacionado ao povo negro e ao antirracismo, e que são capazes de promover uma educação nesta perspectiva, e que nomeio aqui neste trabalho esse movimento como ciberquilombismo.

### **3.1 Redes Sociais Digitais**

Uma rede pode ser definida como um entrelaçamento de nós, pontos que são ligados através de uma conexão. Na definição de Souza et al. (2019, p.12) as redes “podem ser definidas, de forma mais simples, como coleções de pontos ligados por linhas”. Esse significado se aplica desde as redes que usamos para descanso e de pesca (que são tramas de fios para essas finalidades) até as redes sociais. Com base nos autores Wasserman e Faust (1994); Degenne e Forse (1999), Raquel Recuero, em seu livro *Redes Sociais na Internet*, vai conceituar que “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009, p.24).

É possível inferir que vivemos, ou fizemos parte alguma vez na vida, inseridos em várias redes sociais: a família, a vizinhança, a empresa, turma da escola/faculdade, torcida de um time, profissionais de determinada área, organização sindical, etc. Neste trabalho, discorrerei sobre as redes sociais digitais, também conhecidas como redes sociais online ou conectadas ou ainda redes de mídias sociais. São conexões possíveis através da internet, por páginas criadas especificamente para isso, surgiram nos primeiros anos do segundo milênio, a partir da geração 2.0 da web. A sociedade em rede foi potencializada pelas tecnologias de informação e comunicação, onde se pode dizer que a importância das mídias ditas de massa (televisão, rádio e impresso) ocorrida até a década de 90 foi aos poucos transferida “para as mídias sociais (fóruns interativos, redes sociais digitais) através das quais as pessoas podem estar em permanente interação entre si, acedendo a conteúdos e informações partilhados pela sua comunidade virtual.” (RODRIGUES, 2020, p.13). A autora afirma que de acordo com o relatório anual da GlobalWebIndex (empresa

que trabalha com pesquisa de mercado, com sede em Londres) feito em 2019, a população mundial utiliza, em média, duas horas e 22 minutos, por dia, com as redes sociais digitais.

As redes sociais conectadas proporcionam que sejam pautados assuntos diversos e de interesses de diferentes grupos. Lopes, Alves e Alves (2020) relatam que uma maior disseminação da informação passou a ocorrer por meio das redes sociais digitais, “principalmente por meio de recortes sociais específicos que pautam suas demandas com um olhar diferenciado das mídias tradicionais [...] promovendo uma rede de diálogo”, (LOPES, ALVES E ALVES, 2020, p.44678), o que dá visibilidade a temáticas e grupos que antes sequer eram mencionados na mídia hegemônica.

Os serviços disponibilizados pelos sites de redes sociais abrangem um conjunto de novas tecnologias comunicacionais mais participativas e as apropriações sociais que são geradas em torno dessas ferramentas. Tais serviços possibilitam que os sujeitos disputem este espaço interativo no que se refere ao número de visualizações e engajamento em suas postagens. (REMENCHE, MACHADO e ROHLING, 2020, p.2).

Se dependesse do que é mostrado na mídia hegemônica do nosso país, este poderia ser caracterizado como uma nação de povo exclusivamente branco. As pautas negra e indígena não são referenciadas, quando o são, não de forma positiva na mídia tradicional: ou essa pauta é aquém do necessário ou é tratada de forma negativa, estereotipada. Com as novas mídias foi possível ao povo negro e indígena enxergarem-se midiaticamente e ter conteúdo relativo às suas raças, que são também formadoras do nosso país. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) Contínua do IBGE o percentual de pessoas que se autodeclaram negras é de 56,10%<sup>14</sup> e, segundo o Censo do IBGE de 2010, o percentual de indígenas no Brasil é de 0,42%<sup>15</sup>. E em função das mídias digitais, que permitem a comunicação de muitos para muitos e que as diferentes etnias podem se enxergar nela, é que neste trabalho, mostro ocorrências do espaço digital.

De acordo com dados do Comitê Gestor da Internet (CGI.Br), os brasileiros utilizam mais a internet para fins de comunicação, “sendo o envio de mensagens instantâneas realizado por 92% dos usuários de Internet, seguido pelo uso de redes sociais (76%) e chamadas por voz ou vídeo (73%), em crescimento nos últimos anos” (TIC

---

14 Dado retirado de reportagem “Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil”. (Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>) acesso em 05/11/2020.

15 Dado retirado da página da Wikipédia “Composição étnica do Brasil” (Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Composi%C3%A7%C3%A3o\\_%C3%A9tnica\\_do\\_Brasil#:~:text=Os%20pretos%20autodeclarados%20comp%C3%B5em%207,no%20Nordeste%20e%20no%20Sudeste](https://pt.wikipedia.org/wiki/Composi%C3%A7%C3%A3o_%C3%A9tnica_do_Brasil#:~:text=Os%20pretos%20autodeclarados%20comp%C3%B5em%207,no%20Nordeste%20e%20no%20Sudeste)) acesso em 05/11/2020.

DOMICÍLIOS, 2020, p.73). A seguir faço a descrição das redes sociais digitais das quais os perfis serão analisados no decorrer deste trabalho.

### **3.1.1 Facebook**

O Facebook é a gigante das redes sociais, no Brasil lidera na preferência dos usuários. Conforme demonstrado no site Canaltech, a empresa “é a maior rede social do mundo, com mais de 2 bilhões de usuários ativos (CANALTECH, 2022). Além de manter um perfil onde coloca imagem ou vídeo para se identificar, a/o usuária/o tem a possibilidade de se conectar com outros perfis, os amigos, criar páginas sobre determinado assunto, produto ou empresa, criar ou se juntar a grupos de seu interesse, utilizar o aplicativo de mensagens diretas (Messenger). Na área denominada linha do tempo, aparecem as publicações que a pessoa dona do perfil faz e fica visível no feed de notícias as conexões que o perfil tem. Essas publicações podem ser mensagens, fotografias e vídeos ou links para outros locais da web, da mesma forma que aparecerá no feed do perfil as publicações de amigas/amigos além das publicações de grupos e páginas ao qual o perfil desta/e usuária/o tiver ligação.

“De acordo com Mark Zuckerberg, o objetivo da rede social é conectar pessoas, criando um mundo mais transparente”. A empresa teve início em 2004, com o nome de The Facebook, criada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, um ano antes eles criaram o sistema como forma de conectar os estudantes dentro da Universidade de Harvard. No Brasil a rede começou oficialmente em 2007, quando recebeu suporte à língua portuguesa. (CANALTECH, 2019). A gigante Facebook é dona da rede social Instagram e do aplicativo de mensagens WhatsApp.

### **3.1.2 Instagram**

É uma rede social digital para compartilhamento de fotos e vídeos, para ser utilizada através de dispositivos móveis: tablets e smartphones, através de um computador pessoal não é possível utilizar todos os recursos da plataforma. A conexão acontece a partir da criação de um perfil em que se passa a seguir outros perfis e ser seguida/o pelos perfis que estão nas redes. Como pertence ao Facebook, que o adquiriu em 2012, se o perfil

estiver nessa rede as sugestões de amigas/os de lá passam a aparecer como sugestão para seguir nesta plataforma aqui.

O Instagram foi criado por Mike Krieger, engenheiro de software brasileiro que vive nos Estados Unidos, e Kevin Systrom, engenheiro de software estadunidense. Foi lançado em 2010. Entre as funcionalidades que a ferramenta apresenta, o destaque ocorre para a aplicação de efeitos nas fotos e em vídeos curtos denominados filtros, a publicação de “instastories”, o popular stories, recurso que permite que fotos ou vídeos de até dez segundos fiquem disponíveis no perfil da/o usuária/o por 24 horas. Um recurso muito popular também é o Instagram Live, em que é possível fazer vídeo ao vivo dentro do aplicativo.

### **3.2. O cyber (*digital em rede*)**

A cibercultura, conforme Souza (2015) foi definida por Pierre Lévy “como o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (SOUZA, 2015, online), ou seja, a cultura que foi incorporada aos nossos modos de agir, a partir dessa movimentação no espaço digital. Imersos que estamos, cada vez mais, não a totalidade, mas um bom contingente de indivíduos das sociedades de diversos territórios nesta terceira década do século XXI, firmo o olhar e ponho em evidência o movimento preto que está ocorrendo há um certo tempo dentro dos espaços digitais.

Através das mídias sociais digitais há a possibilidade de disseminação de conteúdos e de interlocuções, uma vez que a direcionalidade do que é comunicado diverge do que se tinha antes do advento das novas tecnologias de informação e comunicação. Diferentemente da grande mídia (mídia de massa), onde um transmite e muitos recebem, as novas mídias, caracterizadas pela horizontalidade, possibilitam a comunicação de muitos para muitos, de forma que as “verdades” podem ser contestadas através de um comentário em resposta ao que foi originalmente postado e toda essa interlocução publicizada na plataforma onde a comunicação está acontecendo.

As mídias sociais digitais trazem a possibilidade de, em função do seu alcance majorado a partir das comunicações possibilitadas pela internet, articular e promover escritas outras, articulações, junções, aquilombamentos, reconhecimentos, encontrar ou

criar locais que têm como finalidade o compartilhamento dos saberes, cultura, experiências, além de configurarem-se em espaço onde se articulam estratégias para enfrentamento aos diferentes modos de racismo cotidiano. Como mídias sociais digitais podemos elencar as plataformas que possibilitam a publicação de informações textuais, imagéticas, de vídeo, animações presentes na internet tais como Instagram, Twitter, Facebook, TikTok, YouTube, Blogger, entre muitas outras. O que Ana Alakija (2012) vai definir em seus escritos como "afromídias ou mídias afros": canais de expressão e visibilidade de e para um público segmentado (o público afro) que tem confrontado com a mídia convencional e dominante (ALAKIJA, 2012, p.140). Exemplos de ciberativismo.

João Caribé (2010) conceitua o ciberativismo como "o uso da comunicação em rede em prol de uma causa, seja política, social ou ecológica. É exercer a comunicação em rede para exercer o seu ativismo" (CARIBÉ, 2010, online). Neste viés, o Ciberquilombismo traz táticas de ciberativismo para o enfrentamento aos racismos que a sociedade nos apresenta, pois como já definido acima ele se constitui nos espaços de organização negra, no ambiente digital em rede de afirmação, de (re)existência, resistência, denúncia, articulações das demandas do povo negro.

Sendo assim, apresento nesta escrita o Ciberquilombismo como sinônimo do movimento digital de quilombamento que acontece atualmente pulverizado nos diferentes espaços da internet, como potência da junção das pessoas pretas para tratar dos assuntos pertinentes ao ser e estar no mundo, resgatar e difundir a memória, as estratégias de resistência, os saberes, a organização e pautar demandas específicas que necessitam ser tratadas por uma sociedade que não convive com o povo afro-brasileiro com a decência que deveria.

### **3.3 Ciberativismo**

O ciberativismo emerge como uma forma de inter-relacionamento da internet com o engajamento civil. Esse engajamento pode ser definido como "formas pelas quais os cidadãos se envolvem com questões da vida pública" (OLGA MORAIS e RUI QUEIROZ, 2016, online). O ciberativismo é "um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet." (SILVEIRA, 2010, p.31). Um ativismo em favor de causas humanitárias, políticas e sociais que é realizado através dos equipamentos digitais e das conexões da rede.

Eliani de Fátima Covem Queiroz (2017) informa que,

[...] de acordo com Alcântara (2013), o ciberativismo possui diversas noções, conceitos e variáveis afins tratados como sinônimos, como ativismo midiático, ativismo digital, novo ativismo, novíssimos movimentos sociais, click-ativismo, hacktivismo, smart mobs, ativismo eletrônico, desobediência civil eletrônica, ciberguerra, netwar, guerrilha de comunicação, dentre outros. (QUEIROZ, 2017, p.2).

Porém, conforme outros autores, há uma diferença em algumas dessas nomenclaturas, designando então tipos diferentes de ciberativismos, caso do hacktivismo e da desobediência civil eletrônica. A junção dos termos hack e ativismo forma o hacktivismo, que pode ser definido como “o uso não violento legal ou ilegal, de ferramentas digitais para perseguir finalidades políticas” (SAMUEL apud MORAIS E QUEIROZ (2016). Publicação de endereços IP16 de visitantes de fóruns de pornografia infantil na internet e de frequentadores de sites de pedofilia ilustram algumas ações realizadas por hacktivistas no Brasil.

A Desobediência Civil Eletrônica (DCE) é “uma das múltiplas formas de ‘hacktivismo’” (MORAIS e QUEIROZ, 2016, online), os autores também citam a Distributed Denial of Services (DDoS) - Negação de Serviço Distribuída – ou Ataque de Negação de Serviço, que é uma tentativa de deixar indisponíveis os recursos de um sistema para os seus utilizadores, provocando uma invalidação por sobrecarga (WIKIPÉDIA, 2020). Ainda sobre Desobediência Civil Eletrônica (DCE), o caso referência é o do Electronic Disturbance Theater (EDT), no Movimento Zapatista de 1994. Estes definem a DCE “como uma forma de ação direta massiva descentralizada, utiliza bloqueios e sítios virtuais. Ao contrário do participante de uma ação tradicional de desobediência civil, um ator DCE pode participar de bloqueios e sítios de casa, do trabalho, da universidade e outros pontos de acesso a Rede. De mais a mais, o ator DCE pode agir contra um oponente que esteja a centenas, se não, milhares de quilômetros afastado dele.” (FREIRE, 2007, p.77).

O ciberativismo que será tratado nesta pesquisa relaciona-se com uma militância virtual, aquela para engajamento e compartilhamento de informações e conceitos das questões de negritude, quilombistas, pan-africanistas e de combate ao racismo com a finalidade de letrar racialmente usuárias/os das plataformas mencionadas. Por ser “um conjunto de táticas coletivas que manifestam a busca por transformações sociais a partir de ações de cooperação” (ZAGO, BATISTA, 2011 apud COUTO JUNIOR; VELLOSO; SANTOS, 2020), o ciberativismo, que é uma forma de mobilização que utiliza os recursos de rede e mídias digitais, constitui-se como espaço e elemento para veiculação e

---

16 Sigla de *Internet Protocol* (protocolo de transmissão da internet).

espalhamento de forma horizontal de nossas palavras/imagens/ações. Nesta comunicação que tem a característica de ser do tipo muitos para muitos, uma vez que, como já mencionado neste trabalho, a *mass media* não abre espaço para a veiculação desse conteúdo.

A internet possibilita troca e compartilhamentos entre negros e negras com posições geográficas distantes, por exemplo. A partilha dessas vivências e informações aumenta potencialmente a capilaridade das articulações da negritude tanto no território brasileiro quanto internacionalmente, a internet tem proporcionado uma outra forma de associativismo, que não é substituído pelas organizações, entidades, coletivos, mas que ocorre em conjunto. (BUENO e SILVEIRA, 2016, online).

### **3.4 Racismo na internet – das redes de mídias sociais aos algoritmos**

As vantagens já mencionadas das mídias digitais para uma positivação das raças negra e indígena, o que não acontece na mídia de massa, são deveras importantes, em função da potencialização do alcance proporcionado pelas conexões em esfera global, fazendo com que uma pauta num determinado local que poderia ser silenciada, ganhe eco com a reverberação através da internet. Porém, também há fatores extremamente negativos, como o espalhamento do ódio e do racismo possibilitado pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Segundo Trindade (2020) “as desigualdades sociais e raciais se perpetuam no Brasil e, por sua vez, as plataformas de redes sociais representam a arena contemporânea para a construção, disseminação e reforço de tais valores distorcidos, ou uma espécie” (p. 35).

São muitos casos os de racismo<sup>17</sup> explícito nas redes sociais em que o/a agressor/a se sente autorizado a cometer esse crime pela certeza de impunidade por estar por trás de um equipamento. Juliana Dantas Lima (2020) afirma que ““existe um sentimento de impunidade em decorrência da sensação de anonimato em função da distância entre autor e vítima. Os criminosos informáticos, em regra, são indivíduos que percebem a

---

17 Tratarei neste trabalho racismo e injúria racial da mesma forma, embora se tenha nitidez de que racismo é um “sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele” (DJAMILA RIBEIRO, 2018, p.61) e a injúria racial é a forma de agressão, ofensa, segregação, intimidação, difamação dirigida a uma pessoa (GELEDÉS, 2018).

Internet como um escudo e não costumam cometer crimes fora do espaço cibernético” (p.20). Também e não menos prejudicial são os casos de racismo implícito nas plataformas, o chamado racismo algorítmico. Pontuarei esses dois tipos de agressões através da tecnologia digital nas próximas linhas.

### 3.4.1 Ataques racistas nas redes sociais digitais

De acordo com o portal Geledés – Instituto da Mulher Negra, o “racismo ocupa o primeiro lugar do ranking como o crime virtual mais popular e o Facebook é o site com mais registro de denúncias”, seguido do Twitter e do Youtube (Geledés, 2018, online). Mesmo o racismo sendo crime no Brasil há mais de trinta anos quando da promulgação da lei Caó, lei n.º 7716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, o crime de racismo é o crime com mais ocorrências dentre os crimes cibernéticos. Há uma predominância de que a internet seja uma terra sem lei, em função disso muitos perfis propagam mensagem com conteúdos racistas além do que se verifica um aumento substancial de crimes de ódio disseminados nas redes sociais digitais.

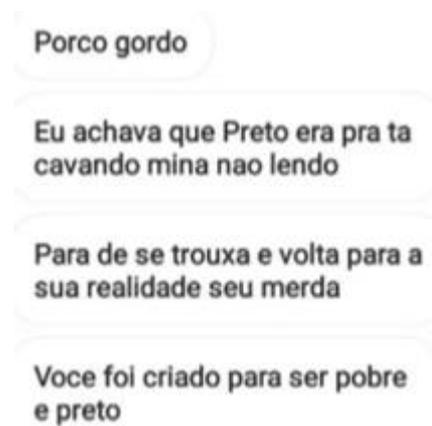


Figura 5- Ofensas publicadas no perfil de Adriel. Fonte: Instagram, perfil @livrosdodri

Menciono aqui, dentre os inúmeros episódios, a ocorrência de alguns casos do corrente ano, como o do menino Adriel Bispo de Souza que mantém um perfil que realiza postagens de incentivo à leitura, o Modelo Dalligton Person no perfil do Shopping RioMar, o ataque à campanha virtual da Cervejaria Implicantes, os casos dos candidatos à eleição para prefeitura, Orlando Silva, de São Paulo e Suéllem Rosim, de Bauru. Adriel Bispo de Souza de 12 anos é um menino baiano com um perfil no Instagram onde publica vídeos

com resenhas e dicas de livros que leu, o @livrosdodrii. Em maio desse ano, o perfil de Adriel foi atacado com comentários racistas, onde o criminoso lhe chamou de “Porco gordo”, “Eu achava que Preto era pra tá cavando mina não lendo”, “Você foi criado para ser pobre e preto” e outras agressões. O caso teve grande repercussão e Adriel aumentou o seu número de seguidores.

Em setembro, depois de ter fotos publicadas no perfil do Shopping RioMar, na Zona Sul do Recife, Dallington Person, de 28 anos, sofreu ataques racistas nos comentários das imagens postadas pelo centro de compras. Um homem comentou: “quando vocês vão colocar um modelo normal?” Depois, a mesma pessoa escreveu que Dallington estava mais para “modelo do Aníbal Bruno”, referindo-se ao antigo presídio onde hoje funciona o Complexo Prisional do Curado, Zona Oeste do Recife, e seguiu com ofensas (G1 PERNAMBUCO, 2020).

A Cervejaria Implicantes, com sede aqui em Porto Alegre, é a primeira fábrica cervejeira no país em que os donos são negros. Realizou uma campanha de financiamento coletivo em função da crise da pandemia de COVID-19, na postagem do Facebook feita pela namorada de um dos sócios, com esse fim, apareceram vários ataques, os racistas escreveram coisas como “Cervejaria Alemã negra, onde vamos parar?”, “Não sou negro, portanto não vou ajudar”; “Aceita a derrota, preto” e “Vou comprar, mas se vier furada como a Marielle, eu não aceito”. A mobilização de muitas pessoas indignadas com os ataques propiciou com que a meta da campanha virtual fosse batida, impedindo o fechamento da empresa.

No processo eleitoral deste ano, o candidato à prefeitura de São Paulo, Orlando Silva, do PCdoB, recebeu ataques em suas contas do Twitter, Facebook e Instagram. Na época candidata e hoje prefeita eleita de Bauru/SP, Suéllem Rosim, do Patriota, também foi vítima de mensagens afirmando baixa capacidade dela e de pessoas negras para a administração da cidade, o que circulou por grupos de WhatsApp nas vésperas e no dia da eleição do segundo turno.

### **3.4.2 Racismo algorítmico**

Há nos ambientes digitais processos que não são visíveis a usuárias/os e sim por detrás dos códigos dos aplicativos que manipulamos. Dentro das aplicações há a “materialidade dos modos pelos quais o racismo se imbrica nas tecnologias digitais através de processos ‘invisíveis’ nos recursos automatizados como recomendação de conteúdo,

reconhecimento facial e processamento de imagens” (SILVA, 2020, p.122). Segundo o autor:

Na era computacional digital, em sistemas de big data, a lógica algorítmica foi expandida para processos de inteligência artificial estreita, presente nos sistemas informacionais do cotidiano. Estas decisões [de inteligência artificial] trazem impactos em diferentes níveis de imediaticidade e sutileza, [...] podendo modular o comportamento e condutas de seus usuários de forma discreta, na maioria dos casos para reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade (SILVA, 2020, p.123).

Silva (2019) citado por Trindade (2020) define o racismo algorítmico como “interfaces e sistemas automatizados, tais como as plataformas de redes sociais, que podem não somente reforçar, mas também ocultar dinâmicas de cunho racistas das sociedades onde são empregadas e amplamente disseminadas” (TRINDADE, 2020, p.31). Tarcízio Silva relaciona as ocorrências de racismo algorítmico com microagressões que ele traz no artigo Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: Microagressões e Discriminação em Código, como um conceito proposto por Chester Pierce em 1969-70 quando desenvolve estudos sobre os mecanismos ofensivos dos grupos opressores “em medida similar ao que as práticas psiquiátricas já realizavam sobre os ‘mecanismos defensivos’” (SILVA, 2020, p.124).

Como exemplo de materializações de microagressões o autor destaca tipos comuns que identificou em literatura acadêmica: a) Suposição de Criminalidade – inferir que a pessoa racializada tem mais chance de ser perigosa; b) Negação das Realidades Raciais/Democracia Racial – “ideologia usada para promover tanto a negação de atitudes racistas [...] quanto para deslegitimar produção de conhecimento [...] por pensadores, pesquisadores e ativistas negros” (SILVA, 2020, p.127); c) Suposição de Inferioridade Intelectual – microagressão comum no contexto educacional onde pressuposições e tratamentos para sujeitos racializados são diferentes da raça considerada norma; d) Patologização de Valores Culturais – atribuição de patologia às culturas e religiões africanas, a ponto “de usar referencial psiquiátrico para tratar das manifestações da religião afro-brasileira” e de ter “percepção enviesada de julgamentos sobre ‘agressividade’, ‘timidez’ e outras características como se fossem próprias do grupo ao invés de contextual” (idem); e) Exotização – como no caso da hiperssexualização das mulheres negras; f) Estrangeiro na Própria Terra/ Negação de Cidadania – o que acontece com os povos originários em seu próprio continente, por estarem em quantitativo menor em função do seu extermínio pelo colonizador; g) Exclusão ou isolamento – discursos e atitudes que fazem

determinados grupos não se sentirem pertencentes ao ambiente, tanto no contexto profissional, quanto educacional ou de relações interpessoais (SILVA, 2020).

Entre os dados de opressão algorítmica que foram relacionados pelo autor às microagressões, destaco alguns que aparecem naquele estudo: Sistema do Google permite empresas exibirem anúncios sobre crime especificamente a afro-americanos (Sweeney, 2013), caso de microagressão de Suposição de Criminalidade; Resultados no Google Imagens apresentam hiperssexualização para buscas como “garotas negras” (Noble, 2013, 2018) – microagressão do tipo Exotização e Negação de Cidadania; Facebook esconde manifestações contra violência policial racista (Tufekci, 2014) – microagressão de Negação de Realidades Raciais; Google Photos marca fotos de jovens negros com a tag “Gorila” - Negação de Cidadania, entre outros que o autor elenca (SILVA, 2020).

#### 4. CIBERQUILOMBISMO

Trago o ciberquilombismo como elemento central desta escrita. A ideia do ciberquilombismo teve origem numa das disciplinas cursadas no decorrer deste mestrado, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UFRGS) denominada Seminário Especial Educação e Quilombismo: diálogos a partir de Abdias Nascimento, ministrada pelas professoras Carla Beatriz Meinerz e Edilaine (Dedy) Ricardo Machado. Na ocasião da leitura, das muitas realizadas para a feitura deste projeto, de um artigo sobre ativismo digital ciberfeminista, reaparece em minha mente a fala do colega Alisson Ferreira Batista, de uma das muitas rodas de conversa que tivemos naquele Seminário: a de nos referenciarmos em nossas pautas para a proposição e a positivação do que estamos falando, que foi exatamente o que Abdias Nascimento ([1980] 2002) fez quando cunhou o conceito de Quilombismo. Anteriormente a esse insight, estava eu trabalhando com a perspectiva ciberativista antirracista.

Mas do que trato quando trago esse termo para esta escrita? Inspirada em Abdias Nascimento (2002) que lançou o conceito do Quilombismo, nos informando que o mesmo:

[...]trata-se não só de um instrumento de luta antirracista, mas sobretudo de uma proposta afro-brasileira de organização político-social de nosso país, construída com base em nossa própria experiência histórica cuja riqueza elimina a necessidade de procurarmos orientações ideológicas alheias a qualquer gênero [...] Também o quilombismo oferece aos afrodescendentes de todas as Américas um instrumento de conscientização e organização em seus respectivos países, adaptando os preceitos comuns à nossa experiência coletiva para adequá-los a cada local específico (NASCIMENTO, 2002, p.57).

Reportando ao tempo presente e com a crescente evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), é possível verificar a amplificação de diversos elementos na cibercultura trazendo a questão negra como evidência, resgatando e positivando nossa cultura, nossa história, nossos saberes, nós. Assim como denunciando as desigualdades, os crimes contra a nossa população e formando redes para o enfrentamento de nossas problemáticas, advindas do racismo estrutural das sociedades ocidentais e, em específico, da nossa sociedade brasileira. O papel de resistência que através das mídias digitais é possível exercer vai ao encontro do que Abdias Nascimento (2002) pontua no quilombismo, em que a base está na ideia de “reexistência expressa como ‘afirmação humana, étnica e cultural’, na qual a população negra integra uma prática de

libertação e assume o comando da própria história” (NASCIMENTO, 2002, p.264). Também serve como “afirmação da existência e o conhecimento daqueles que foram apagados, invisibilizados e negados pela colonialidade” (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSFUGUEL, 2018, p.27).

#### **4.1 O Quilombismo**

Abdias Nascimento, nascido em 1914, na cidade de Franca/SP e falecido no ano de 2011, foi grande intelectual negro, militante, ativista, artista, deputado estadual e senador da república, fundador, entre outras coisas, do Teatro Experimental do Negro, em 1944, organização esta que revolucionou e demarcou um papel de sujeito para o negro na dramaturgia brasileira. Em 1980 publicou a obra *O Quilombismo* no qual concebe o termo que vai então nomear este seu livro e que tem como definição ser um “complexo de significações” das ações do povo afro-brasileiro, nas palavras do próprio autor, “única unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história” (NASCIMENTO, A., 2002, p.338).

Neste livro, Abdias enumera os tratamentos discriminatórios que são dados à população negra no país, resgatando lembranças da sua infância (duas décadas após a abolição) até quase os dias atuais. O autor evidencia todo o processo de branqueamento que os dirigentes do país conceberam (incentivo à imigração de europeus, mestiçagem, etc), assim como o desamparo total quanto à saúde, educação, moradia e trabalho, a falta de condições de sobrevivência para os afro-brasileiros. Denuncia o tratamento dado pelo Brasil aos países do continente africano com relações nada diplomáticas, a exemplo das nações que estavam ainda em processo de libertação do domínio colonial onde o Brasil não reconhecia os processos de independência desses países ou se omitia a cada reunião da ONU. Demonstrou o quadro de penúria que os descendentes de africanos vivenciaram e, em muitos casos, continuam vivenciando, não sem sempre exaltar a importância desse povo para a economia do país, pois simplesmente por todos os ciclos econômicos que o país teve, estava lá presente a mão de obra negra.

O texto denominado *Quilombismo*, que no livro é apresentado como Documento 7, foi apresentado originalmente no 2.º Congresso de Cultura Negra das Américas, ocorrido no Panamá no ano de 1980. Inicia pontuando a memória africana, a necessidade de

recuperá-la, em função da sua negação, das tentativas do seu apagamento e da sua depreciação. O autor escreveu, na ocasião, que a memória negro-africana “tem sido agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há quase 500 anos” e que esta tem sido “vítima, quando não de graves distorções, da mais crassa negação do seu passado histórico” (NASCIMENTO, A., 2002, p.327). Abdias Nascimento argumenta que

[...] Em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro brasileiro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes étnicas, históricas e culturais, desta forma seccionando-o do seu tronco familiar africano. [...] e as classes dominantes enfatizam sua intenção e ação no sentido de arrancar da mente e do coração dos descendentes escravos a imagem da África como uma lembrança positiva de nação, de pátria, de terra nativa (NASCIMENTO, A., 2002, p.327-328).

O quilombismo traz essa proposta de resgate da memória negra, dessa conexão com as nossas histórias, por ter o propósito, inspirado no pan-africanismo, da centralidade do negro, da afrocentricidade, a oposição do que nos foi imposto nestas terras, desde o sequestro dos ancestrais, e com pouca alteração até os dias de hoje.

A historiadora Beatriz Nascimento (2018; 2021) em seus estudos dedicados aos quilombos, rompe com o que é afirmado à época pela historiografia dominante, onde se definia que o quilombo era simples espaço de escravos fugidos. A autora evidencia o caráter desse evento como espaço de organização e como este se constitui como “impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo negro” (NASCIMENTO, B., 2021, p.109). Beatriz conceitua o quilombo como o local onde o negro se unifica, tem a agência, empreende. Ela retoma o significado africano de quilombo: união. A convergência que foi desenvolvida pelos negros em solo brasileiro depois que o colonialismo lhes impôs a desagregação. A autora afirma que toda a vez que tiver uma reunião dos negros com um propósito, ocorrerá a repetição do que em essência acontecia nos quilombos.

[...] qualquer agrupamento que a gente faça, qualquer relação que a gente tenha entre si, cada vez a gente está repetindo a forma de resistência cultural e racial e a possibilidade de criarmos, realmente, uma sociedade paralela, mas atuante dentro dessa sociedade global que tanto nos oprimiu. Então, nesse momento, todo o trabalho que toda a... vamos dizer assim, a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, sentido de luta como se reconhecendo homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida, porque merecem essas melhores condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade. (NASCIMENTO, B., 2018, p.131-132).

Com base no modelo associativo e comunitário dos quilombos e tendo a perspectiva afro-brasileira como centro, Abdias Nascimento propõe o Quilombismo como forma de resistência e reinvenção da experiência negra em solo brasileiro. Em sua

perspectiva, Quilombismo é um “movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país” (NASCIMENTO, A., 2002, p.369).

#### **4.2. O quilombismo de Abdias Nascimento e sua atualização na cibercultura**

Desde a invasão europeia que massacrou indígenas e escravizou africanos sequestrados daquele continente, o racismo vem estruturando os modos de acúmulo de bens e riquezas no Brasil (GONZALEZ; HASENBALG, 1982; NASCIMENTO, 2002; ALMEIDA, 2019). Ainda em 2022 as populações negra e indígena não estão representadas de forma proporcional nos diferentes espaços de poder, econômicos e na sociedade brasileira. À população negra e indígena é obstaculizada a mobilidade social.

O Ciberquilombismo se faz importante para que o combate ao racismo também se dê nos espaços digitais, buscando uma sociedade mais igualitária, onde a democracia racial não seja apenas um mito. Identifico, nos ciberquilombos locais de preservação da memória negra, assim como a pesquisadora Jéssica Mara Raul (2019) descreve na atuação das ciberativistas negras, como o ciberespaço se presta ao papel de “ferramenta antirracista e canal de produção e reprodução de memórias negras, que se configuram em práticas educativas racializadas nas redes sociais” (RAUL, 2019, p.171).

O povo negro, assim como o indígena têm muito a mostrar e propagar seus conhecimentos, e a sociedade brasileira com sua consideração eurocêntrica de saber, precisa reconhecer a validade dessas epistemes. Os perfis ciberquilombistas espalhados pela rede estão fazendo com que os saberes circulem e se reelaborem. A comunicação social através da internet contribui para que não seja uma voz única, a colonial, a ditar o que é o saber. O afrofuturismo, por exemplo, tem em sua concepção essa organização reticular com “o uso intenso de tecnologias digitais com foco na produção criativa decolonial de caráter especulativo” (PINTO, 2019, p.62). Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018) mencionam a necessidade de outros saberes que não os da colonialidade.

Em aproximação com o que trago aqui, a jornalista e pós-graduada em Mídia, Informação e Cultura, Kelly Santos da Conceição (2020), traz o termo “aquilombamento

digital” como uma designação de “redes que se movimentam e se estruturam em ambientes digitais no modelo adotado dos antigos quilombos” (CONCEIÇÃO, 2020, p.3). A autora estudou o grupo *Indique Uma Preta*, do Facebook, que funciona como conexão de mulheres negras ao mercado de trabalho. Menciona que o grupo estudado “se mostra um modelo de aquilombamento digital, onde a relação comunicacional é afetiva, de acolhimento e possui um olhar interseccional para compreender a trajetória dessas mulheres e impulsioná-las ao mundo do trabalho” (CONCEIÇÃO, 2020, p.12)

Nos traz também o destaque para a utilização de plataformas digitais conectadas em rede por pessoas negras, exemplificando que as ferramentas digitais têm “a mesma ideia de pertencimento e busca de identidade dos quilombos do período escravagista [...] são utilizadas para conectar pessoas e estarem entre os seus, mesmo com a distância física” (CONCEIÇÃO, 2020, p.6).

Kelly Conceição também vai buscar inspiração em Abdias Nascimento:

O que diferencia o "aquilombamento digital" visto na atualidade do aquilombamento proposto por Abdias em 1980 é que o primeiro acontece dentro da esfera do digital e não há uma utopia por modelo hierárquico a ser seguido, quanto o segundo apresenta uma relação utópica de um movimento político dos negros brasileiros para que haja um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República de Palmares. O que podemos entender é que o "aquilombamento digital" pode ser uma atualização do movimento quilombista na contemporaneidade, onde ele se utiliza de técnicas e ferramentas tecnológicas na tentativa de uma sociedade com equidade (CONCEIÇÃO, 2020, p.12).

Muitos foram os perfis digitais encontrados desde o momento da definição do tema desta pesquisa até agora, com produções de diferentes enfoques, fora os que já eram de conhecimento antes da definição por mim da realização deste estudo. Trago aqui as ocorrências mais frequentes da pesquisa exploratória que fiz para definir o ciberquilombismo que irei aprofundar:

Nome do perfil	Número de ocorrências	Plataforma
Geledés	25	Portal da Web (site)
Pretitudes	9	Instagram
Site Mundo Negro	9	Instagram
Geledés	5	Facebook
Alma Preta	4	Instagram

Tabela 1- Perfis digitais mais citados. - Fonte: elaborada pela autora.

Na pesquisa exploratória realizada através de formulário Google intitulada Sobre perfis digitais com temática étnico-racial, lançada em 27 de janeiro de 2021 e encerrada em

março do mesmo ano, a ocorrência mais citada foi o Portal Geledés, seguido pelos perfis do Instagram de Pretitudes e Site Mundo Negro, depois novamente o Geledés, mas com o seu perfil no Facebook e o quinto mais mencionado foi o perfil do Instagram do Alma Preta Jornalismo.

Ao pensar os espaços digitais como locais de acolhimento, pertencimento, autorreconhecimento e resistência e, especificamente pensando na resistência, os pesquisadores Dilton Couto Júnior, Luciana Velloso e Rosemary dos Santos (2020) pontuam que “o espaço da internet e dos diferentes dispositivos digitais têm se constituído estruturantes no debate de questões ligadas à intolerância, preconceito, misoginia e tantos fenômenos que observamos pulular em nossas redes e relações cotidianas” (COUTO JÚNIOR, VELLOSO, SANTOS, 2020, p.92).

A pesquisadora Tatiana Santos da Paz, em sua tese de doutorado intitulada *Ativismo em Rede e Processos Formativos Decoloniais Articulados por Mulheres Negras no Youtube*, afirma que “sites de redes sociais, como Facebook, e o YouTube, têm sido o contexto de debates e reflexões sobre a identidade da mulher negra, que envolve discussões sobre negritude, empoderamento, consumo, colorismo, feminismo negro etc.” (PAZ, 2019, p.26).

E Jéssica Mara Raul em seu artigo *Entre Silêncios E Protestos: Uma Reflexão Sobre Escrita Preta No Ciberespaço* menciona que este lugar pode “ser observado como local de propagação e produção de memórias diaspóricas negras” (RAUL, 2019, p.170). Além da ferramenta digital possibilitar a produção e disseminação do conhecimento sobre e para mulheres negras, contribuindo para seu empoderamento em que a escrita possibilita desafiar as imagens estereotipadas, restituindo-lhes sua condição de sujeito histórico, cujas interpretações produzidas sobre os diversos temas sobre os quais se debruçam constituem um ponto de vista de enfrentamento ao silêncio imposto aos seus corpos racializados e que produz o lugar epistêmico de onde parte o conhecimento contra hegemônico. (RAUL, 2019, p. 172).

Grupos que são formados através de programas aplicativos de troca de mensagens, como Whatsapp e Telegram, em que usuárias/os interagem, compartilham materiais de forma escrita, imagética, por áudio ou vídeo, possibilitam a articulação de resistência, o acolhimento, a instrumentalização e divulgação de conteúdos em torno das mais variadas pautas da temática racial (assim como sobre qualquer outro tema). Trago alguns exemplos: o Grupo de Educação Antirracista do RS, formado por 90 integrantes,

educadores, em sua maioria moradores do estado do Rio Grande do Sul, que atuam nas redes educacionais municipais, estadual, federal ou privada e que utilizam todo o potencial de recursos da ferramenta para compartilhar saberes e articular propostas, o resultado foi a organização e execução de um conjunto de *lives* que ocorreram no ano de 2020, sobre temas relacionados à cultura, história e práticas pedagógicas antirracistas, que estão disponíveis na rede social digital Facebook e muito conhecimento socializado.



Figura 6- Cards de anúncios das lives do Grupo de Educação Antirracista do RS –  
Fonte: Perfil Afroativos do Facebook

Outros grupos como o próprio Mestrandes&DoutorandaPretes da UFRGS, que relatei na Apresentação deste trabalho, que foi o espaço digital articulador para reuniões dos nossos aquilombamentos digitais e que serve como uma espécie de orientação coletiva ao grupo destes mestrandes do PPGEdu da UFRGS. Posso seguir citando outros tantos: Negrxs na Pós, Discentes de Ações Afirmativas UFRGS, Pesquisadorxs Negrxs, Aya Profes Negr@s POA e outros muitos que proliferam o ciberespaço. Eis o Ciberquilombismo.

No escopo deste estudo, o Ciberquilombismo pretende evidenciar manifestações que ocorrem nas mídias sociais de perfis digitais que tratam da questão racial negra, em consonância com os princípios do quilombismo de Abdias Nascimento, com o objetivo de analisar brevemente a ocorrência de discursos de afirmação, de (re)existência, resistência, denúncia e articulações para pautar as demandas do povo negro, bem como ver o quanto os discursos lá presentes possam contemplar os objetivos desta dissertação: a ocorrência de saberes, memória, acolhimento e letramento racial da população negra. Portanto, perfis ciberquilombistas devem evidenciar em suas postagens e/ou interlocuções práticas afetivas

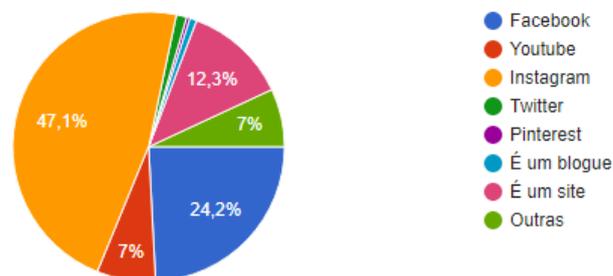
(o acolhimento), práticas de formação de rede, a evocação da memória (do saber afro-brasileiro, africano e da diáspora negra) e aprendizado (letramento racial crítico). E a pesquisa realizada permitiu constatar esses elementos.

## 5. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Antes de apresentar a metodologia deste estudo apresento aqui o critério de escolha para a análise dos perfis que farão parte da pesquisa. Para tanto utilizei as respostas de um questionário exploratório aplicado a usuárias/os de internet sobre perfis digitais com temática étnico-racial. Foi utilizado um instrumento feito na ferramenta Google Formulários, o qual foram enviados link do mesmo em diversos grupos de WhatsApp e publicado em meu perfil do Facebook, solicitando tanto num espaço quanto noutra que as pessoas repassassem a pesquisa adiante. A abertura desta se deu em 27 de janeiro de 2021, e o encerramento em março de 2021. Um total de 244 respostas foram coletadas, de diversas partes do país.

Esse perfil é em qual rede social digital?

244 respostas



Os perfis mais citados na pesquisa são os apontados na Tabela 1 – Perfis

Figura 7- Redes Sociais Digitais apontadas na pesquisa exploratória – Fonte: elaborado pela autora.

Digitais mais citados - apresentados no capítulo anterior, nesta ordem: Portal Geledés, Pretitudes no Instagram, Site Mundo Negro no Instagram, Geledés no Facebook e Alma Preta Jornalismo no Instagram. A maioria das respostas coletadas, quanto à rede social em que o perfil digital de preferência está localizado, é o Instagram com 115 respostas (47,1%), seguido pelo Facebook com 59 menções (24,2%), trinta respondentes assinalaram site da internet (12,3%), Youtube recebeu 17 respostas (7%), três pessoas mencionaram o Twitter (1,2%), blogue foi resposta de duas pessoas (0,8%), Pinterest obteve uma resposta (0,4%) e outras redes obtiveram 17 marcações (7%).

Quanto à faixa etária das pessoas que responderam ao questionário: 110 pessoas têm de 30 a 45 anos (45,1%), 72 pessoas têm de 46 a 60 anos (29,5%), 57 pessoas têm de 15 a 29 anos (23,4%), duas das pessoas que responderam tem mais de 61 anos (2%).

Sua faixa etária:

244 respostas

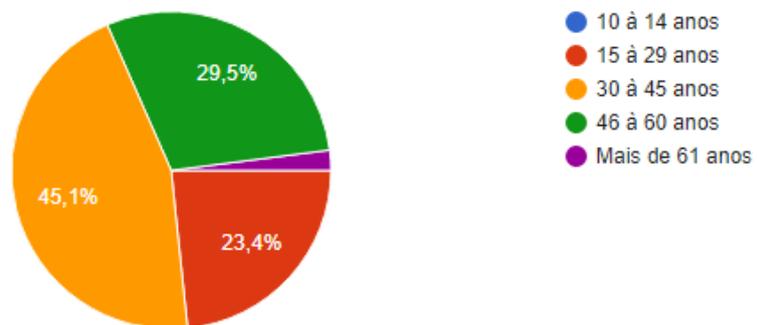


Figura 8- Faixa etária dos respondentes da pesquisa exploratória – Fonte: elaborado pela autora.

Quanto ao gênero 191 respondentes assinalaram feminino (78,3%), 51 assinalaram masculino (20,9%) e 2 assinalaram não binário (0,8%). Quanto ao nível de escolaridade: 149 possuem Pós-graduação (61,3%), 69 têm nível superior (28,4%), 23 têm Ensino Médio e duas (0,8%) o Ensino Fundamental.

E seu nível de escolaridade?

243 respostas

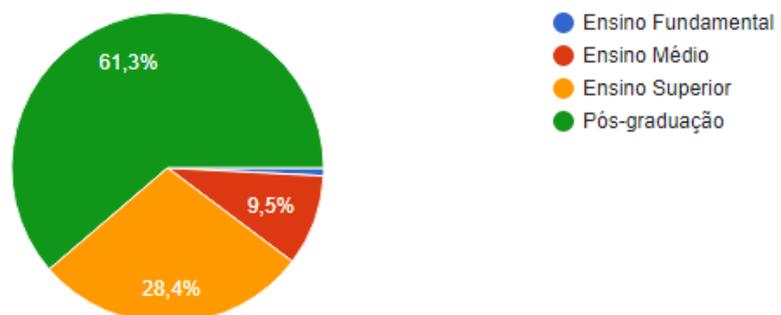


Figura 9- Nível de escolaridade dos respondentes da pesquisa exploratória –

Fonte: elaborado pela autora.

O estado de moradia das pessoas que responderam à pesquisa exploratória em sua maioria foi o RS, 144 (59%), seguido por SP, 33 respondentes (13,5%), depois o RJ, 19 pessoas (7,8%), Bahia, 16 respondentes (6,6%), 8 pessoas moram em MG (3,3%), cinco pessoas no PR (2%), no DF, quatro pessoas responderam (1,6%), três pessoas no PA (1,2%), duas na PB e duas no CE cada estado (0,8%), ES, GO, MA, MS, TO, RN, SC e SE teve um (0,4%) respondente cada estado.

Você mora em qual estado brasileiro?

244 respostas

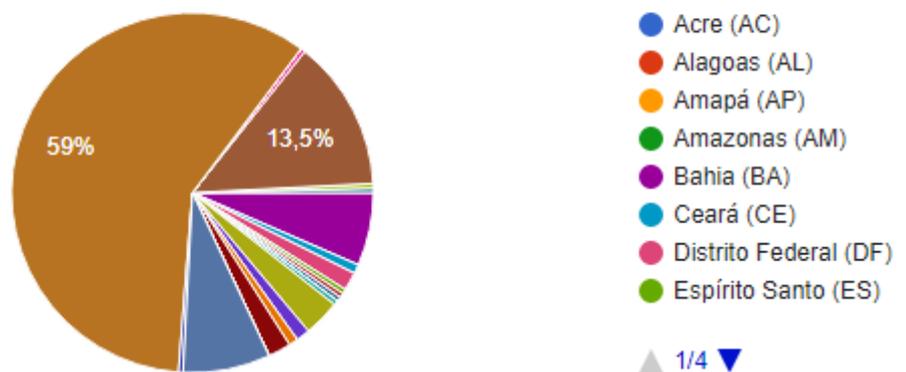


Figura 10- Estados dos respondentes da pesquisa exploratória. Fonte: elaboração própria.

### 5.1 Metodologia da pesquisa

A pesquisa a ser realizada terá caráter qualitativo e será feita através da análise do discurso digital (PAVEAU, 2021) acerca do Ciberquilombismo, em que tenho a pretensão de coletar conteúdo dos perfis **Pretitudes** e **Site Mundo Negro** da rede social digital Instagram e **Geledés** da rede social digital Facebook. Além das informações descritivas de cada perfil serão coletadas informações sobre quantidade de seguidores, postagens mais curtidas, comentários das postagens, a interação (se há resposta ao comentário feito por parte dos perfis), os compartilhamentos, entre outros. Os dados serão analisados por meio da análise do discurso à luz da teoria racial crítica.

O corpus da análise contempla postagens dos perfis @pretitudes e @sitemundonegro no Instagram durante um ano: de janeiro de 2021 a janeiro de 2022, sendo utilizadas postagens acima de 30.000 curtidas. Já o perfil do Geledés no Facebook também teve a temporalidade de um ano, mas por restrição da plataforma, consegui coletar

postagens sistematicamente de 13 de agosto de 2021 a 1º de janeiro de 2022, aquelas com curtidas a partir de 1.000, não conseguindo fazer o recorte anual completamente em função das restrições da rede social digital Facebook, não sendo administradora da página se torna impossível resgatar mensagens mais antigas em um perfil de postagens diárias. Entrei em contato com o instituto Geledés para conseguir aumentar o escopo da pesquisa, mas não tive sucesso.

### 5.1.1 Análise do Discurso Digital

Em princípio, este trabalho após os dados coletados teria o tratamento destes a partir dos dispositivos da análise do discurso materialista, análise que levando em conta o estudo linguístico e “outros aspectos externos à língua” além do contexto imediato da situação de comunicação, são também levados em consideração “elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção do discurso e nele se refletem” (BRANDÃO, 2015, p.21). No entanto, como a pesquisa ocorre em redes sociais digitais e, para dar conta de todas as especificidades do que foi produzido nesses ambientes da Web 2.0, optei pela análise do discurso digital que acomoda melhor os objetos da pesquisa, pois:

A análise do discurso digital consiste na descrição e análise do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da Web 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando igualmente os recursos languageiros e não languageiros dos enunciados elaborados. [...] A análise do discurso digital cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet (PAVEAU, 2021, p.57).

A análise do discurso digital é a ferramenta que se adequa para esse debruçar meu sobre as escritas dos perfis digitais negros para perceber o que deles emerge. Como citado por Mônica Magalhães Cavalcante no prefácio do livro *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e práticas*, “a tecnologia discursiva favorece uma explosão criativa de textos coproduzidos com a máquina, e com ela social e individualmente relacionados” (CAVALCANTE, 2021, p.15).

Mari-Anne Paveau destaca que o “o discurso digital nativo é o conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas de escrita. [A análise do discurso digital] vai dar conta do funcionamento dos discursos nativos da internet numa perspectiva qualitativa e ecológica (PAVEAU, 2021, p.28). Para nomear esse discurso digital nativo, Paveau cunhou o termo

tecnodiscurso, que também pode ser caracterizado como o conjunto dos processos de discursivização da língua num meio tecnológico. “O tecnodiscurso é um dispositivo no âmbito do qual a produção linguageira e discursiva está intrinsecamente ligada a instrumentos tecnológicos online e off-line” (PAVEU, 2013 apud BARROSO et al., 2021, p.48).

A autora francesa que cunhou o termo tecnodiscurso enumera que este tem as seguintes propriedades: “composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade” (BARONAS, 2021, online). De forma sintética, explico aqui no que consiste cada propriedade do tecnodiscurso trazidos por Mari-Anne Paveau (2021):

i) composição – é a dimensão compósita dos discursos da web que abarca o linguageiro e o técnico caso da hashtag, palavra que nas plataformas das redes sociais digitais apresenta o aspecto técnico da clicabilidade ao utilizarmos a cerquilha (#) para indicar a sua existência, ao clicar o usuário é levado para outro local onde estão listados outros enunciados relacionados àquela palavra âncora;

ii) deslinearização - é uma característica própria de elementos da web que “consiste na intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que direcionam o leitor-escritor de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo, instaurando uma relação entre os dois discursos” (PAVEAU, 2021, p.145);

iii) ampliação - o prolongamento do que foi enunciado, ocorrendo através de comentários que estão disponíveis nas plataformas próximo à postagem ou através de reblogagem ou compartilhamento;

iv) relacionalidade – a relação do tecnodiscurso com outros através dos hiperlinks ou com o equipamento em que ele foi produzido ou até mesmo a relação com o/a seu/sua escritor/a ou escreitor/a;

v) investigabilidade – os tecnodiscursos estão “num universo que nada esquece e que é percorrido por ferramentas de busca e de redocumentação, são localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições, etc.” (PAVEAU, 2021, p.59);

vi) imprevisibilidade – “resulta da impossibilidade de o enunciador-escreitor prever a forma, a circulação ou mesmo o conteúdo de suas produções linguageiras on-line.” (PAVEAU, 2021, P.249).

A pesquisadora brasileira, Cristiane Dias (2015), também menciona que existem propriedades do corpus do discurso digital, a saber: a) temporalidade, o discurso digital é passível de atualização pelo acesso e pela circulação; b) instabilidade do arquivo, referente à atualização, mudança à indisponibilidade do digital; c) dimensão e heterogeneidade do arquivo, relacionada aos diferentes formatos e infinidade de textos disponíveis na web; d) autoria, porém há bastante textos disponíveis sem a identificação da autoria; e) leitura dispersiva, deslocamento de uma leitura linear para a predominância de uma “ordem espacial” da visualidade (DIAS, 2015, p.975). Algumas das propriedades mencionadas por Dias (2015) têm relação ao que Paveau (2021) aponta, tais como a dimensão e heterogeneidade do arquivo com a ampliação e a leitura dispersiva com a relacionalidade e deslinearização.

Neste trabalho, foram utilizadas algumas ferramentas da análise de conteúdo para o tratamento de dados mais amplos, porém, especificamente para as postagens ou tecnodiscursos (PAVEAU, 2021) que tiveram observações mais profundas, foi realizada análise do discurso digital à luz da teoria racial crítica.

### **5.1.2 Teoria Racial Crítica**

A teoria racial crítica, que nasce no Direito estadunidense e é utilizada em outras áreas tais como a Sociologia, a Educação e a Comunicação, caracteriza-se por oferecer “um questionamento do direito tradicional [onde] buscam-se outras versões, histórias alternativas. [...] Há uma outra história a ser contada. A teoria racial crítica usa a raça como este ponto de partida para a análise” (GANDIN, DINIZ-PEREIRA, HYPOLITO, 2002, p.277). Trata-se de um movimento intelectual que nos traz subsídios para identificação de como funciona o racismo e como esse funcionamento impede a construção de uma sociedade realmente democrática. (MOREIRA, 2021). Gabriela dos Santos Coutinho (2019) informa que a Teoria Racial Crítica “considera narrativas, autobiografias, histórias, contranarrativas, histórias não hegemônicas para demonstrar como o racismo é estrutural na sociedade e no ambiente educacional” (COUTINHO, 2019, p.5).

De acordo com Ferreira (2014) a TRC se ancora em cinco grandes princípios fundamentais, quais sejam: i) A intercentricidade de raça e racismo; ii) O desafio à ideologia dominante; iii) O compromisso com a justiça social; iv) A perspectiva interdisciplinar e v) A centralidade do conhecimento experimental. Já conforme Santos (2018) são identificados sete princípios fundamentais da TRC: 1- O racismo é endêmico ao invés de um desvio das normas norte-americanas; 2- É preciso ser cético com relação às reivindicações dominantes de meritocracia, neutralidade, objetividade e cegueira racial; 3- Contesta-se o a-historicismo e insiste em uma análise contextual e histórica do direito; 4- Contesta-se a presunção de legitimidade das instituições sociais; 5- Insiste-se no reconhecimento do conhecimento empírico e consciência crítica das pessoas negras com relação ao entendimento do direito e da sociedade; 6- É interdisciplinar e eclético (baseia-se no liberalismo, pós-estruturalismo, feminismo, teoria marxista crítica do direito; pós-modernismo e pragmatismo) alegando que a intersecção entre raça e direito vai além das fronteiras disciplinares; e 7- Trabalha para a liberação da população negra bem como contempla um projeto maior de libertação do povo oprimido.

A TRC contribui para que o contar e o recontar das histórias de vida sirvam para entender como as identidades de raça são formadas, além de ser também um instrumento de resistência às ideologias. p.98

## 6. ANÁLISE DOS DADOS

A coleta foi realizada nos dois perfis do Instagram de 1º de janeiro de 2021 a 1º de janeiro de 2022 e foram selecionadas postagens que tinham a partir de 30.000 curtidas. No perfil do Geledés no Facebook, devido à limitação de exibição de postagens antigas da plataforma, foi possível coletar postagens de 1º de janeiro de 2021 até 1º de setembro de 2021 sistematicamente, os dados após setembro foram os possíveis de selecionar utilizando as ferramentas de busca de forma manual da plataforma, mas com a impossibilidade de fazer acompanhamento diário. As postagens coletadas foram as que tiveram, durante esta temporalidade, a partir de 1.000 curtidas. A disparidade entre o número de curtidas de uma plataforma e outra acontece em função da rede social digital Instagram ser uma rede muito mais acessada pelo seu público do que a rede social Facebook para o seu.

Portanto, a quantidade final de postagens coletadas nesta pesquisa totalizou 397, assim distribuídas: 175 do @pretitudes, 91 do @sitemundonegro, ambos da rede social digital Instagram, e 131 do perfil do Geledés na rede social digital Facebook.

### 6.1 Os ciberquilombos desta pesquisa

O primeiro perfil em que foram coletados os tecnodiscursos que compõem o corpus desta pesquisa foi o **@pretitudes** do Instagram, que possui 3.886 publicações, 481 mil seguidores e segue 681 perfis. Está assim descrito no topo da sua página na rede social digital: “Pretitudes - o humor é nossa prioridade (orixás). Contém algumas áreas de destaque onde concentra postagens referentes a assuntos específicos tais como: *No Brasil (mitologia)*; *Morrendo de rir (humor)*; *O que é o que é (aulão)*; *Eugenia no Brasil (pardismo)*; *Preto de vitrine (cospreto)*.

No mapeamento das postagens que foram coletadas no perfil **@pretitudes** para esta pesquisa, foi possível evidenciar que o conteúdo das publicações, enquadradas nas seguintes categorias, por mim elaboradas: 37 denúncias ou privilégios da branquitude, 31 exaltação de personalidades, 25 temas alheios ao foco, 22 de posicionamento/protesto, 5 estética negra (cabelos), 4 exaltação de anônimos, 2 ensinamento, 1 postagem é sobre escravatura. Quanto ao tipo, os tecnodiscursos coletados estão categorizados da seguinte

forma: 39 imagens ilustrativas seguidas de legenda, 76 imagens contendo texto nela própria e 60 vídeos.



Figura 11 - Tela do perfil @pretitudes. Fonte: Instagram

O próximo que apresento é o do **@sitemundonegro** que contém a seguinte descrição: **MUNDO NEGRO** Empresa de mídia/notícias O melhor conteúdo sobre negros do Brasil. Direção de conteúdo: @silvia\_nascimento Jobs: @blackinfluence Apresenta 9.622 publicações, 596.000 seguidores e segue 2.163 perfis no Instagram.



Figura 12 - Tela do perfil @sitemundonegro. Fonte: Instagram

O **@sitemundonegro** compõe a pesquisa com 91 publicações. Quanto ao tipo, e dentro do critério estabelecido, a partir de 30.000 curtidas, foram relacionadas 19 imagens

seguidas de legenda, 32 imagens contendo texto nela própria e 36 vídeos. Quanto ao conteúdo das postagens: 41 compõem a categoria de exaltação à personalidades, 17 são exaltação à anônimos, 6 são sobre informações/curiosidades/ destaques, 7 são enquadradas como denúncias, 3 são ensinamentos, 1 é divulgação de filme e 1 é sobre a estética negra (cabelo).

E por fim, a página do Geledés no Facebook<sup>18</sup> apresenta uma avaliação de 4,8 estrelas (de um total de 5), tem 4.785 avaliações, mostra o endereço físico da instituição, a descrição: “Geledés - Instituto da Mulher Negra foi criado em 30 de abril de 1988. É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras”, além de exibir as seguintes informações: 627.300 pessoas curtiram isso, 629.244 pessoas estão seguindo isso, 404 pessoas fizeram check-in aqui.



Figura 13- Tela inicial do perfil Geledés no Facebook. Fonte: Facebook/geledes

Dentro do critério estabelecido foram selecionadas 131 postagens na página do Geledés no Facebook. Todas as 131 postagens são imagens com escrita que são links para a página do Geledés, a escrita é a manchete do texto que é encontrado no portal. Foram 37 publicações exaltando personalidades, 28 relacionadas à informações – curiosidades - destaques, 26 denúncias, 24 incentivando a leitura – escrita negra – educação – cultura, 11 exaltando anônimos, 3 sobre a escravatura, 1 falando sobre afropessimismo e 1 de campanha – arrecadação.

<sup>18</sup> <https://www.facebook.com/geledes/>

O corpus da pesquisa evidencia uma valorização da questão negra, pois das 397 postagens coletadas nos três perfis pesquisados, foi possível perceber que a maioria delas relacionam-se a questões positivas nossas, ao nosso acolhimento e reconhecimento. O gráfico 1, que fala da positividade das postagens dos perfis ciberquilombistas, logo a seguir, ilustra esta afirmação.

Há 215 postagens que se enquadram em classificações que positivam a questão racial negra, tais como as categorias nas criei para classificá-las: exaltação de personalidades, exaltação de anônimos, ensinamento, cabelos, informações/curiosidades/destaques, divulgação de filme e bem-estar/autocuidado. Outras 65 publicações são relacionadas às questões negativas: denúncias/centralidade na branquitude, escravatura, posicionamentos/proteto, afropessimismo. E 31 publicações podem ser classificadas como neutras, as relacionadas a: temas alheios ao foco, campanhas de arrecadação.

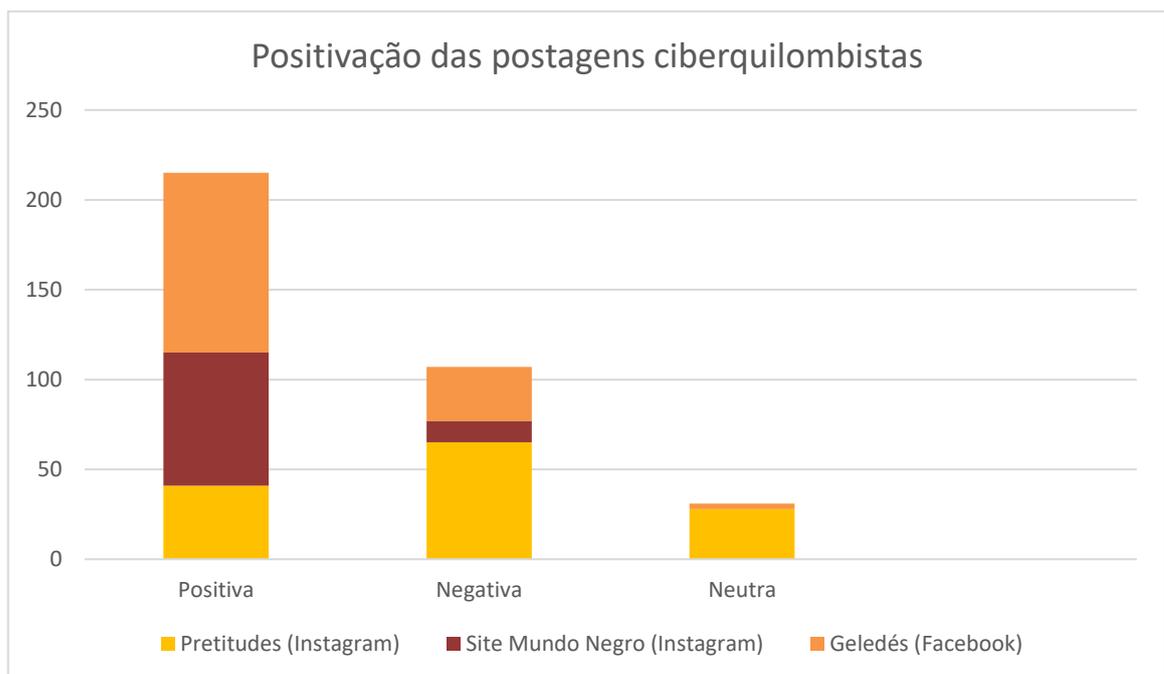


Gráfico 1 - Classificação das postagens analisadas nas pesquisas evidenciando a maioria de teor positivo. Fonte: a autora.

Após este panorama geral do corpus de pesquisa, na próxima seção, aprofundo as análises de algumas postagens e suas interlocuções, a ampliação do tecnodiscursos como caracterizado por Maria-Anne Paveau (2021), os comentários. Faço uso da Análise do Discurso Digital à luz da Teoria Racial Crítica e do Quilombismo.

## 6.2 Os tecnodiscursos dos ciberquilombos: algumas amostras

### 6.2.1 Racismo Velado Check – Pretitudes

O primeiro tecnodiscurso a ser analisado é um vídeo que foi publicado no perfil Pretitudes, em 1.º de fevereiro de 2021, com o título **Racismo velado check**<sup>19</sup>. A postagem obteve 104.169 curtidas, até o dia da coleta dos dados (setembro de 2022). No vídeo aparecem oito meninas agrupadas de forma que caibam na câmara, em sequência, mudam a posição em que estão de forma que cada uma, vai ao centro da tela e fala uma frase que já escutou e as demais, depois da frase gritam eeeeeê e batem palmas:

*[Menina1] “Já deixaram de me contratar por causa do meu cabelo”, [gritos de êê e palmas].*

*[Menina2] “Já me perseguiram na loja achando que eu ia roubar alguma coisa”, [gritos de êê e palmas].*

*[Menina3] “Já perguntaram se esse cabelo aqui é meu mesmo”, [gritos de êê e palmas].*

*[Menina4] “Já me perguntaram se tinha como lavar o meu cabelo”, [gritos de êê e palmas].*

*[Menina5] “Já falaram que o meu cabelo fica muito melhor de trança, porque o meu cabelo normal era horrível”, [gritos de êê e palmas].*

*[Menina6] “Já falaram que eu ficava muito melhor de cabelo liso do que cacheado”, [gritos de êê e palmas].*

*[Menina7] “Já entrei numa loja de rico e acharam que eu não ia comprar nada” (por ser preta), [gritos de êê e palmas].*

*[Menina8] “Já me excluíram de um grupo de meninas por causa do meu tom de pele”, [gritos de êê e palmas].*

O texto postado junto com o vídeo é o que segue:



pretitudes

🌟 Racismo velado check 🌟

*Entramos na nova brincadeira, só que de um jeito diferente. As palmas desse vídeo são para os hipócritas, racistas, caras de pau que passaram pela nossa vida tentando diminuir nossa autoestima e credibilidade por conta da nossa cor, estilo, posição social ou cabelos.*

*Ainda fico de cara com a falta de senso de algumas pessoas, as opiniões expostas desnecessárias e os olhares que nos oprimem.*

<sup>19</sup> Link direto da postagem: <<https://www.instagram.com/p/CKwRhohnS-D/>> acesso em 12/10/2022

*Devemos parar? JAMAIS*

*Mas, quando será o dia em que nós vamos aplaudir umas as outras por algo realmente grandioso feito por nós e reconhecido por vocês? Ó sociedade!*

Apresento a seguir alguns comentários<sup>20</sup> feitos a esta postagem, fiz uma seleção de 28 dentre os mais de cem comentários exibidos no perfil, trazendo para este estudo o tema que mais apareceu: cabelos, ou melhor, o racismo sofrido pelas pessoas a partir da textura crespa e crespíssima de seus cabelos. Sobre os comentários de uma postagem servirem como ampliação sobre aquilo que foi mostrado, Maria-Anne Paveau nos fala que:

A escrita digital na ordem da razão computacional é uma escrita ampliada na medida em que suas capacidades expressivas e comunicacionais ultrapassam as ordens da razão gráfica. [...] pela primeira vez na história da escrita, [é possível] que vários escritores produzam um texto simultaneamente no mesmo espaço sem que as enunciações sejam confundidas.

Do mesmo modo, a atividade de leitura é igualmente ampliada online, principalmente pela prática do comentário, nos blogs, nos sites de imprensa ou nas redes sociais: a compreensão das mensagens não depende mais apenas da sua enunciação primeira, mas integra as enunciações segundas, prolongamentos temáticos ou metadiscursos, que constituem os comentários, os compartilhamentos, as circulações. (PAVEAU, 2021, p.53-54).

Comentário 1	<i>Já tocaram no meu cabelo, e se espantaram por ele ser macio</i> 
Comentário 2	<i>Mas isso não tem nada haver com cor, tinha cabelo comprido fiquei um bom tempo quase 1 ano procurando serviço, cortei arrumei, fora q tbn não contratam pessoas fora do peso independe a cor, dependendo da função</i>
Comentário 3	<i>Qual é o stress de dizerem que o cabelo fica melhor liso do que cacheado?? Nao é apenas uma opiniao sincera??</i>
Comentário 4	<i>Já quiseram me dar um pente de presente</i>
Comentário 5	<i>As piores piadas eram, caiu um caminhão de Pente ali. Escondi sempre meu cabelo para ser um "pouco mais aceita e menos ofendida. E quando tive o Meu Filho por ele ser branco o racismo só aumentou, Babá, ja perguntaram se eu o estava sequestrando [,] são dores que querem calar, para tapar o que realmente passamos.</i>
Comentário 6	<i>Pra uma negra seu cabelo até que e bom.</i> 
Comentário 7	<i>Esses dias fui procurar um emprego e minha mãe mencionou q eu queria ter cabelo rastafari, e a moça falou q era melhor eu fazer minhas pulseiras e vender na praia</i>
Comentário 8	<i>já disseram que eu dava pra esconder uma plantação de maconha no cabelo por conta do volume</i>

<sup>20</sup> As escritas foram preservadas como estão no ambiente digital. Preservei também demais sinais gráficos como imagens e emoticons. E essa opção vai ocorrer nos comentários dos próximos perfis também, portanto, em desta dissertação.

Comentário 9	<i>Ja me perguntaram se eu preferia ter um cabelo que eu conseguisse pentear EHHHH 🤔🤔🤔</i>
Comentário 10	<i>Um garoto que eu gostava quando tava no fundamental disse que me achava mais bonita de cabelo liso (e foi aí que comecei a alisar) 😊 e quando cheguei no ensino médio me mandaram prender o cabelo pq era muito volumoso e atrapalhava todo mundo a ver o quadro</i>
Comentário 11	<i>Ja falaram p deixar bem amarradinho que tanto volume é ridículo.</i>
Comentário 12	<i>Já me perguntaram se eu queria um pente de presente êêêeehhh 🤔🤔🤔🤔🤔 Já me perguntaram em piscinas se meu cabelo molhava Êêêê 🤔🤔🤔🤔🤔</i>
Comentário 13	<i>Ja mandaram eu alisar o cabelo pq meu cabelo é feio</i>
Comentário 14	<i>Já falaram que cabelo colorido não combina com meu tom de pele 😞</i>
Comentário 15	<i>Ja mandaram eu prender o cabelo, alisar por qur ficava melhor e ja mandaram chamar o meu cabelo de duro</i>
Comentário 16	<i>Já me disseram na entrevista que não podem me contratar por causa do meu cabelo</i>
Comentário 17	<i>Quando me perguntam como lava eu não sei o que me segura pra não dar uma resposta daquelas... Que sentimento de ódio e tristeza que dá.</i>
Comentário 18	<i>Quando coloquei trança sofri preconceito de mais até de macaquinho me chamaram 🤔🤔</i>
Comentário 19	<i>Já falaram que eu ficava melhor de cabelo liso e que meu cabelo cacheado fica feio e que não dar p fazer nenhum penteado, e na escola uma garota perguntou se eu arrumava meu cabelo sendo q ele tava arrumado(eu tava no início da transição) 🤔🤔🤔🤔 eeeeeee</i>
Comentário 20	<i>Já me disseram q tenho um cabelo muito fino, para uma negra 🤔🤔🤔🤔🤔🤔</i>
Comentário 21	<i>Já me olharam com indiferença por causa do meu cabelo.</i>
Comentário 22	<i>Já aconteceu tudo isso cmg eeeê 🤔🤔🤔🤔 uma cabeleira me entregou um pente pra eu mesma finalizar pq ela não sabia mexer em cabelo como o meu eeeê 🤔🤔🤔🤔</i>
Comentário 23	<i>Já perguntaram como o pente entra no meu cabelo, Êeeeeeeeeeh 🤔🤔🤔</i>
Comentário 24	<i>Já perguntaram se entrava pente no meu cabelo. Quando algo sumia, perguntavam se eu não tinha guardado no cabelo. Já "brincaram" de ficar escondendo coisas no meu cabelo. Já compararam meu cabelo ao pêlo do poodle. Já me apelidaram de "assolam". Já falaram que devia ser bom ter um cabelo igual ao meu porquê não ia precisar comprar bombril.</i>
Comentário 25	<i>Já me aplaudiram de pé quando entrei na sala de aula de cabelo liso.</i>
Comentário 26	<i>Já me falaram que meu cabelo parecia de leão por ser alto, riam, e falavam na minha cara para ajeitar, por isso desde sempre eu abaixo a raíz</i>
Comentário 27	<i>"É seu cabelo mesmo?" "Como você lava?" "Nossa, está cheiroso. O que você faz?"</i>
Comentário 28	<i>Já perguntaram se eu lavava meu cabelo 🤔</i>

Quadro 1: comentários sobre a postagem Racismo Velado Check

Esta postagem foi escolhida inicialmente para compor o estudo trabalho, por ser a que mais teve engajamento neste perfil, foram 104.169 curtidas, centenas de comentários e muitos versando sobre o racismo que as pessoas sofreram na vida com seus cabelos, afora as outras frases racistas que uma e outra pessoa menciona que experienciou. Juntando toda a ampliação do tecnodiscurso trazida aqui, pois foram 28 comentários, é possível inferir que essa ampliação forma algumas narrativas, uma das premissas da teoria racial crítica. “Os teóricos da teoria crítica da raça têm se baseado em experiências cotidianas relacionadas com perspectivas, pontos de vista e com poder das histórias e de convencimento para compreender melhor como os americanos<sup>21</sup> (sic) veem a raça” (DELGADO; STEFANCIC, 2021, p.67).

Os comentários de n.º 4, 5, 9, 11, 24 e 25 de diferentes comentaristas da página, nas palavras de Paveau (2021), escreteiros, denunciam falas racistas que afirmam, de acordo com quem as proferiu que pessoas negras de cabelo crespíssimo não penteiam o cabelo. A comentarista número 4 escreveu: “*Já quiseram me dar um pente de presente*”, a comentarista 5 relatou que “*As piores piadas eram, caiu um caminhão de Pente ali. Escondi sempre meu cabelo para ser um "pouco mais aceita e menos ofendida.*”, e a comentarista 9 completa: “*Ja me perguntaram se eu preferia ter um cabelo que eu conseguisse pentear EHHHH 🤔🤔🤔*”. O discurso é da ordem da humilhação, com o sentido de constranger a quem ele é dirigido. Grada Kilomba (2019) nos diz que:

Mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período da escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano então foi classificado de “cabelo ruim”. (KILOMBA, 2019, p.127)

O padrão de beleza imposto na sociedade e que é reverberado pela mídia de massa: televisão, revistas, cartazes, outdoors, trazem o branco como o ideal a ser alcançado e, no caso do cabelo, o liso, contribui para esse imaginário de que o cabelo crespíssimo não é bom, não é belo, é o não penteado. “[...] o modelo estético ocidental (branco) nos foi imposto como superior ideal a ser atingido. Por isso mesmo nós, negras e negros, éramos sempre vistos como o oposto do daquele modelo através do reforço pejorativo das nossas características físicas: cabelo ruim, nariz chato ou fornalha, beijos

<sup>21</sup> Nesta tradução foi feita a correspondência pela palavra americanos como se esta tratasse do gentílico dos Estados Unidos, o que não é uma posição da autora deste estudo, que tem a consciência de que quem nasce naquele país é estadunidense.

ao invés de lábios. (GONZÁLEZ, 2020, p.242). Esta não consideração da característica negra, a ofensa, a humilhação ou ainda o deboche com as nossas características fica evidente na escrita do comentário 5: “Já me perguntaram se eu queria um pente de presente Êêêêêehhh 🤔👉👉👉👉👉👉👉👉 Já me perguntaram em piscinas se meu cabelo molhava Êêêê 🤔👉👉👉👉”

Os demais comentários mostram relatos de comentaristas que ouvem que seus cabelos precisam ser de outra forma ou a tentativa delas de adequarem-se ao que os racistas impõem, de esconder a textura de seus fios, tal qual o comentário n.º 10: Um garoto que eu gostava quando estava no fundamental disse que me achava mais bonita de cabelo liso (e foi aí que comecei a alisar) 😊 e quando cheguei no ensino médio me mandaram prender o cabelo porque era muito volumoso e atrapalhava todo mundo a ver o quadro; Comentário 11: “Já falaram p deixar bem amarradinho que tanto volume é ridículo”. Comentários 13, 14 e 15: “Já mandaram eu alisar o cabelo pq meu cabelo é feio; já falaram que cabelo colorido não combina com meu tom de pele; Já mandaram eu prender o cabelo, alisar porque ficava melhor e já mandaram chamar o meu cabelo de duro”.

Ao destacar a postagem e a interlocução ocorrida através dos comentários registrados, é possível perceber que o perfil através de uma brincadeira Check, que estava em voga naquele momento nas redes sociais, iniciada no Tik Tok, e consistia no usuário fazer um vídeo comentando coisas que já fez ou passou, ou seja, fazer um check, publicizou experiências de racismo experimentadas por aquelas oito meninas. Oito experiências diversas, porém, todas elas com a crueldade que o abuso do racismo proporciona (WOBONGO apud ...). A identificação das escritoras/es registradas nos comentários e outras mensagens confortando-as sobre o que passaram, mobilizou um sentido de acolhimento pelas condutas inadequadas por elas sofridas.

### **6.2.2 Lewis Hamilton lança projeto para formar professores negros - Geledés**

A próxima postagem foi publicada na página Geledés no Facebook, na data de 7 de outubro de 2021 e obteve 12 mil curtidas, o número mais alto dentre todo o corpus coletado no Geledés. Teve também 388 comentários e 1,5 mil de compartilhamentos. Além da postagem informar uma iniciativa do piloto heptacampeão de Fórmula 1, detentor de muitos fãs e referência no esporte para a população negra, o conteúdo da iniciativa

envolvendo capacitação de educadores em tecnologia também contribui para o grande número de reações. Todas as publicações na página do Geledés no Facebook consistem em manchete com uma imagem e um pequeno texto, sendo um link que remete ao artigo na íntegra localizado dentro do Portal Geledés, fora da plataforma do Facebook.

A amostra de interlocuções geradas e analisadas aqui, a partir da publicação,



Figura 14 - Tela da postagem sobre iniciativa de Lewis Hamilton no Geledés. Fonte: Facebook

ampliam a postagem primeira, de forma que, como nos informa Paveau: “estabelece uma relação simples, de tipo fático, com o discurso primeiro (PAVEAU, 2021, p.107). O comentário de número 1 utiliza dados do artigo na íntegra para justificar ação do piloto heptacampeão e exemplifica com outras iniciativas que promoveram reparações à comunidade negra no país por ele citado. A partir deste posicionamento, outros interlocutores manifestam-se aprovando de forma escrita o registro feito ou curtindo, ação que se configura como um enunciado de gesto: “[curtidas] são comentários não languageiros, que produzem, no entanto, um discurso implícito. Constituem manifestações fáticas, expressando a emoção ou significando uma aprovação e numerosas outras significações contextuais (PAVEAU, 2021, p.107).

*Comentário 1: A disparidade entre os 500 professores sendo 2 % não brancos é bem grande. Essas iniciativas tem que ser feitas senão, nada muda no âmbito meritocracia. Por volta de 1967 mais ou menos, tiveram (os negros norte-americanos) que criar a sua própria gravadora, nem Michael Jackson existiria. Se Dezel Washington nao tivesse financiado os estudos do astro do cinema Chadwick Boseman numa universidade no Reino Unido, nunca teria chegado onde chegou. As oportunidades não chegam para gênios assim.*

*COM.2: perfeito! Seu comentário é essencial para os imbecis que comentam contra o Lewis aqui no post. 🍌*

*COM.3: Está mudando, já há iniciativas fora desdes nichos.*

*COM.4: Também achei perfeito seu comentário. **Parabéns.** a todos profissionais negros que alcançam um patamar privilegiado, e pensam no outro. Todos temos capacidade é inteligência. Esse é o temor de muitos. Saber que o negro é capaz e inteligente. Amo o Hamilton. Cada vez mais mostra o quão maravilhoso ele é.*

Quadro 2: comentários 1 e 2 sobre a postagem Lewis Hamilton lança projeto para formar professores negros

O comentário 12 e o comentário 22 destoam dos demais quando registram que a iniciativa não deve ser exclusivamente para professores negros e sim para todos os professores. O que emerge destes registros, além de uma “cegueira” ao que ocorre na sociedade é uma manifestação de contrariedade à correção de desigualdades raciais e inquietação com a perda do privilégio branco. Lia Vainer Shucman nos diz que:

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que a ocupam foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SHUCMAN, 2012, p. 60-61)

O incômodo dos comentaristas de n.º 12 e n.º 22 se dá com uma iniciativa que nem política pública é, pois, a oportunidade à professores negros é anunciada por uma fundação do piloto, custeada com o seu dinheiro, com vistas à reparar uma ausência que ele quando em idade escolar teve: a falta de professores negros e de conteúdo sobre seu povo e sua história.

*COM.5: **Parabéns**, iniciativa de um vencedor.*

*COM.6: Este é um campeão digno de aplausos ser humano da melhor qualidade. Não se esconde. Parabéns !*

COM.7: SEMPRE DE " NÓS P NÓS", GRATIDÃO SEMPRE HAMILTON E TODAS E TODOS QUE ESTÃO NA QUESTÃO RACIAL!
COM.8: Quem sabe e pode faz, negros são excelentes em todas as áreas, inclusive tecnológica. Basta ter uma oportunidade.
COM.9: Exemplo a ser seguido por muitos que podem e não se mobilizam. Consciência de fazer pelo outro. Cada dia se mostra além de grande esportista, grande SER HUMANO.
COM.10: Hamilton, você faz a diferença nesse mundo tão egoísta. Eu , sei a dificuldade de ser negra e pobre e estudar pra ser professora e só você acreditar em você. Hamilton, faça esse projeto que fará a diferença. 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌
COM.11: Esse não veio ao Mundo para passear!
COM.12: Melhor seria se fosse para formar professores de todas as cores
COM. 13: Que outros negr@s bem sucedidos sigam seu exemplo com certeza o mundo será menos desigual e desumano.
COM.14: <b>Parabéns</b> pela iniciativa ,que outros pretos bem sucedidos tenha você como exemplo.fica a dica.
COM.15: Grande Hamilton❤️❤️ Faz falta ao planeta
COM.16: Homens poderosos e conscientes como ele pode fazer a diferença para milhares de pessoas negras.
COM.17: Professores em ciência e tecnologia voltados para serem aplicados ao automobilismo. Excelente, segue a linha de Obama chega de advogados precisamos de engenheiros, vale dizer que a Mercedes tem projetos semelhantes com meninas e jovens mestiços e de outras nacionalidades.
COM.18: Excelente ser humano! <b>Parabéns</b>
COM.19: <b>Parabéns</b> pela iniciativa e atitude gostei muito
COM.20: Parabéns iniciativa é muito importante e buscar a diminuição da desigualdade racial é de suma importância
COM.21: Lewis Hamilton, só posso parabenizar vc por essa iniciativa. Adoro o seu trabalho como piloto da Fórmula 1.Vc sabe mais do que os negros têm que provar que são bons. Admiro demais o seu talento, sempre torço por vc. Vc é um sucesso! Deus lhe proteja sempre.
COM.22: A iniciativa é boa, mad não acho que deveria participar do projeto somente professores negros porque não é a cor, raça ou etnia que possa medir intelecto de uma pessoa. Então porque não dizer: projeto para professores, porque aí envolve todos os possíveis capacitamos??.
COM.23: Bela iniciativa. <b>Parabéns</b> Você representa , muito a nossa raça. Orgulho, muito orgulho. 🍌🍌🍌🍌🍌

Quadro 3: comentários 3 à 23 sobre a postagem Lewis Hamilton lança projeto para formar professores negros

### 6.2.3 Dom: a favela fetiche de cineasta zona sul - Geledés

Esta postagem foi publicada em 21 de julho de 2021 na página do Facebook do perfil Geledés e obteve 1,8 mil curtidas, 186 comentários e 246 compartilhamentos. As postagens na página do Geledés são compostas por uma manchete e uma imagem que é

um link. Ao clicar na publicação, a/o usuária/o será remetida/o para o artigo de Heloísa Pires de Lima, *Dom: a favela fetiche de cineasta zona sul*.

Postagem original, texto seguido de imagem:

"Um filme, apesar das novas dinâmicas de transmissão, em casa e a qualquer hora do dia, permanece dimensionado em dois aspectos: a tela e a plateia. E, dentre as inúmeras perspectivas para observá-los está a do racismo sistêmico e, certa filmografia nacional. Proponho ajustarmos o foco sobre um dos títulos brasileiros, em evidência, *Dom* (2021), escrito e dirigido por Breno Silveira. Trata-se de uma história na qual a cocaína é a grande protagonista. É ela que constrói o vínculo polarizado entre a "favela" e demais cenários do Rio de Janeiro."

Leia o artigo da Heloisa Pires Lima



Quadro 3: A postagem *Dom: a favela fetiche de cineasta zona sul*

Neste tecnodiscurso analisamos a sua ampliação, ou seja, os comentários. E as interlocuções começam quando a primeira escritora opina afirmando que a análise da autora do artigo é sensacional, mas seu texto é ruim. Ao ser respondida pela autora do artigo, que lhe pergunta qual é a dificuldade a comentarista não responde. Três pessoas seguem os comentários na mesma linha da primeira comentarista quando então outros interlocutores refutam a idéia que está sendo propagada, tais como o autor do comentário 5 e o do comentário 8:

*COMENTARISTA 1 Análise sensacional, texto ruim. A linguagem acadêmica é péssima pra instruir pessoas e disseminar ideias. Se o público alvo da página são as pessoas*

<p><i>pretas que precisam ser educadas a respeito do racismo pra se defender e combatê-lo, a página se esqueceu de se ater a um pequeno detalhe: pessoas pretas tem baixa escolaridade. Se você quer se comunicar mas o interlocutor não te entende é porque você está falhando em algum ponto. Deveriam escrever textos com o mesmo conteúdo mas em linguagem acessível ao público médio a fim de alcançar mais pessoas. Esse tipo de conteúdo precisa chegar ao máximo de pessoas possíveis mas escrito desse jeito não passa de papo de bolha.</i></p>
<p><i>COM.5 em resposta à COM.1- Pessoas pretas conseguem entender linguagem acadêmica com tranquilidade. Elas têm cérebro também. Assim como MUITOS brancos que conheço não sabem pontuar sequer uma vírgula no lugar certo, também existem os pretos que são intelectuais, acadêmicos e etc...que isso...rs Concordo que uma linguagem mais simples ajudaria a propagar melhor as ideias do texto, mas discordo quando o pedido acontece porque "pessoas pretas não tem escolaridade".</i></p>
<p><i>COM.8 respondendo à COM.1 não são só pretos que têm baixa escolaridade, brancos também. Mas claro que ninguém jamais falaria isso sobre um texto direcionado ao público branco. O esteriótipo de ignorante só é possível se for direcionado ao público de pele preta, sendo isso um racismo velado, disfarçado de preocupação. Sou preta, tenho estudo e capacidade de interpretação de texto, inclusive acadêmicos, como muitos outros pretos.</i></p>

Quadro 4: Comentários 1, 3 e 5 da postagem Dom: a favela fetiche de cineasta zona sul

Outros dois comentários seguem na linha de que a linguagem não é adequada ao alcance do público. Outro protesta em relação ao comentário preconceituoso da comentarista 1 e os demais oscilam entre a qualidade ruim da série, a história não ser verídica, inventada pelo pai do rapaz em que o personagem principal é inspirado e a concordância com a análise da autora que publicou a coluna na página do website do Geledés, como é possível ver nos comentários abaixo:

<p><i>COM.17 Perfeita reflexão. Assisti somente o primeiro episódio e fiquei incomodada. Demorei dias para entender o porquê. O artigo calou fundo na minha percepção.</i></p>
<p><i>COM.18 Precisamos "mesmo" reforçar estereótipos de negros ignorantes e violentos e brancos diplomáticos e inteligentes no Brasil.... 😞 (Isto foi ironia) Afff!!! Para que criar uma série desta? Sabendo que os meios de comunicação INFLUENCIAM SIM os preconceitos e o imaginário popular?? Os crimes de racismo só aumentam e ainda terão o respaldo da série que tem ares de ser "baseada em fatos reais"... Que "desserviço"...</i></p>
<p><i>COM.20 Uma série para atender a síndrome de super herói do pai do Dom, o resto é esteriótipo</i></p>
<p><i>COM .23 Não vi mas pela análise não me interessei, me pareceu ser mais do mesmo, as figuras são estereotipadas e o enredo maniqueísta.</i></p>

*COM.24 Tô chocada, como ainda existem produtores diretores e roteiristas racistas e que consideram a favela o lixo do mundo.*

*COM.30 Excelente análise. Incomodou os racistas.*

Quadro 5: Comentários 17, 18, 20, 23, 24 e 30 da postagem Dom: a favela fetiche de cineasta zona sul

Os comentários trazem a ideia da concordância com o artigo lido e que a população negra está apontando que basta dos estereótipos que a branquitude projeta nas telas, uma história que não é bem assim na vida real, do negativo ser mostrado como o negro, as coisas dos negros, ou à favela, onde a maioria dos moradores são negros, e o polo positivo da narrativa pertencer às pessoas brancas. bell hooks, em seu livro *Olhares Negros – raça e representação*, pontua que

[...] multidões de pessoas negras continuam a ser socializadas via mídia de massa e sistemas educacionais não progressistas para internalizar pensamentos e valores da supremacia branca. Sem uma luta de resistência contínua e movimentos progressistas de libertação dos negros pela autodefinição, massas de pessoas negras (e de todas as outras pessoas) não têm uma visão de mundo alternativa que afirme e celebre a negritude. Rituais de afirmação (celebrando a história dos negros, feriados etc.) não podem intervir na socialização da supremacia branca se existirem fora de uma luta antirracista ativa que busque transformar a sociedade. (HOOKS, 2019, p.60)

Neste sentido, o espaço das redes sociais serve para chamar a atenção da comunidade antirracista para esse modo de agir da mídia de massa e provocar a consciência de que a ideologia do branqueamento não será mais escancarada assim nas grandes telas, sem contestação. Contestação esta que pode suscitar até que o próprio responsável pela obra tenha de vir à público se retratar, como aconteceu com a novela *Nos Tempos do Imperador* da emissora de televisão Globo em 2021, onde os autores brancos tiveram que ir à público fazer a retratação depois de transmitirem uma cena historicamente impossível sugerindo um “racismo reverso” em 1800.

### **6.2.3 “A humilhação como tecnologia de controle da população negra”**

No dia 11 de agosto de 2021 foi publicado na página do Geledés no Facebook o link para o texto “A humilhação como tecnologia de controle da população negra”, enviado pela doutora em sociologia Fabiane Albuquerque. Nele a autora discorre sobre como os processos de humilhação fazem com que corpos negros acabem perdendo a capacidade de reação por vivenciarem isso cotidianamente. Ao longo da vida, negros e negras passam por um processo de humilhação tão grande e constante que isso os desvitaliza de tal forma que muitos, assim como os imigrantes, tornam-se, não somente dóceis e conformados, mas

perdem a capacidade de reagir devido ao cansaço físico e emocional que provoca feridas profundas na psiquê, quando não, doenças derivadas desse tipo de tratamento: hipertensão, problemas de pele, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, problemas cardíacos ou distúrbios alimentares.

A humilhação equivale ao rebaixamento, à diminuição da pessoa e do seu valor no mundo e quando ela é um projeto de sociedade, tem a função de reduzir a pessoa ou grupo humilhado até fazê-la desaparecer, material ou simbolicamente. Isso se dá através das instituições sociais e de seus agentes. Corpos negros experimentam, desde o nascimento, uma carga de violência inimaginável que, com o passar dos anos, essa violência deixa de ser vista como algo anômalo para ser vista como natural, como parte da vida de uma pessoa negra.



Figura 15 - Tela da postagem 'A humilhação como tecnologia de controle da população negra – fonte: Facebook Geledés

A publicação recebeu 1,3 mil reações (entre curtidas e comentários). Dentre os comentários, cinco discordaram do que a autora trazia no texto, um comentário foi apenas marcando uma pessoa naquele texto e um desqualificando a autora do texto. Não é possível saber se todos os comentaristas leram o texto no portal ou se basearam suas escritas apenas no título e na figura que ilustra a postagem. O acesso a textos que permitem a reflexão sobre a posição da população negra na sociedade, as barreiras que persistem e a possibilidade de debater sobre essas e outras questões que são pertinentes ao nosso modo de estar no mundo nos trazem potencialidade para que se pense em formas de organização nossa e melhora, seja pautando coletivamente, seja no modo somente de denúncia, de encaminhamento das nossas demandas a entidades com poder decisório. O

ensinamento e a denúncia são categorias do ciberquilombismo que foram possíveis perceber na análise deste tecnodiscurso.

#### 6.2.4 Rihanna é declarada heroína nacional de Barbados, que agora é uma república comandada por uma mulher negra – Site Mundo Negro

Este tecnodiscurso trata homenagem que o país concedeu à cantora barbadiana e estrela pop mundial Rihanna, condecorada como heroína nacional na cerimônia em que aquele país rompe os laços com a monarquia britânica e passa a ser uma república, tal feito aconteceu na noite de 29 de novembro de 2021.

A postagem foi feita no dia 30 de novembro de 2021 e obteve 40.773 curtidas. Segue o texto postado juntamente com a imagem:



Figura 16- Tela da postagem sobre a Rihanna no dia 30 de novembro de 2021 - Fonte: Instagram @pretitudes

*A cantora Rihanna tem agora o status de heroína nacional da República de Barbados. A estrela internacional recebeu a honraria durante a cerimônia de Proclamação da República do País, à meia-noite desta terça-feira. "Em nome de uma nação grata, mas um povo ainda mais orgulhoso, apresentamos a você como heroína nacional de Barbados, a embaixadora Robyn Rihanna Fenty, que continue a brilhar como um diamante", disse a primeira-ministra do país, Mia Mottley. Barbados cortou os laços com a monarquia britânica após 396 anos e a rainha Elizabeth II não é mais chefe de estado daquela nação. Agora, o país será comandado pela presidente Dame Sandra Mason. "Eu, Sandra Prunella Mason, juro ser fiel e manter verdadeira lealdade a Barbados de acordo com a lei, com a ajuda de Deus", jurou a nova presidente, que foi a primeira mulher admitida na ordem dos advogados de Barbados (PRETITUDES, 2021, online).*

Analisando as interlocuções na ampliação da postagem, foi possível observar que um comentário apenas menciona que Rihanna estaria recebendo a condecoração para promover o lançamento de seu novo álbum, todos os demais são de celebração e orgulho pela cantora e pela independência do país antilhano. Algumas/ns fãs escrevem suas saudações à cantora, afirmam que ela é rainha, dois comentários fazem referência à sua gravidez, que naquela época estava no início. E outra grande parte de comentários é de orgulho e de reverência, com muitas saudações de “pretas no topo”.

A quantidade de comentários exaltando a honraria recebida por Rihanna, bem como o enaltecimento à cantora por suas/seus fãs e demais comentaristas da página remete a tudo que a cantora, considerada diva do mundo pop representa e por esta ser uma mulher negra de talento e destaque. Artistas como Rihanna propõem outras representações sobre mulheres negras (ROZA, 2019) que não aquelas estereotipadas que a grande mídia sempre apresentou. Sobre isso, Lélia González aponta que

[A ideologia do branqueamento] transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos aparatos ideológicos tradicionais, reproduz e perpetua a crença de que as classificações e valores da cultura ocidental branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca prova sua eficácia pelos efeitos da violenta desintegração e fragmentação da identidade étnica produzida por ele (GONZÁLEZ, 2020, p. 143-144).

Portanto, o perfil Site Mundo Negro ao trazer em evidência uma notícia da Rihanna, que celebra e com o seu país natal o desenlace total do país que o colonizou e que escravizou pessoas do continente africano, obrigando a produzir riquezas para o gozo daquele lugar, promoveu a comemoração das/os visitantes da página que deixaram registrados os seus registros através das interlocuções disponíveis na ampliação da postagem.

Seguem alguns dos comentários que promoveram a ampliação da postagem do tecnodiscurso acima analisado:

Comentarista 1 <i>Aí Ri</i> 🥰🥰
Comentarista 2 <i>E estão muito bem servidos de Heroína porque ela é uma pessoa consciente da necessidade das menoria pelo mundo todo. Meus Aplausos!</i> 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌
COM.3 <i>q q ela n faz pra n lançar um álbum</i>
COM.4 <i>Mulheres pretas no topo</i> 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌 <i>Rihana e rainha</i>
COM.5 <i>Representatividade q grita!</i> ❤️ 🙌🙌🙌🙌
COM.6 <i>orSgulho da minha mamãe:'</i>

COM.7 Man down
COM.8 só felicidades no dia de hoje. pretas no topo! 🔥
COM.9 A bixa é exemplo puro 🍌👏
COM.10 Maravilhosa 🤩👏👏👏👏
COM.11 Rainha né
COM.12 Ela sempre foi a do mundo 🌍👏
COM.13 Maravilhooooosaaaaa
COM.14 Agora sim 🔥
COM.15 Vi que essa deusa está grávida! ❤️
COM.16 Não é atoa que Deus fez ela brilhar na música e estar onde estar pra ajudar um povo. 🤩
COM.17 Rainha!!
COM.18 Merecissimo 🤩❤️
COM.19 Minha gravidinha 🤩🤩
COM.20 My Queen! 🍌🔥
COM.21 👩 Segura 👏👏👏
COM.22 Viva a liberdade.
COM.23 Quando o artista faz juz ao que é ser artista e influência. 🍌🍌🍌🍌
COM.24 ai, rihanna... te amo pra sempre msm, minha heroína! ❤️
COM.25 Mulheres pretas no top 📈❤️
COM.26 Orgulho 🤩🤩🤩🤩🤩
COM.27 SOMOS IYÁLÓDES
COM.28 incrível 🤩
COM.29 Quero morar em Barbados 🤩
COM.30 Que dia 🤩🤩🤩🤩🤩🤩🤩🤩🤩🤩🤩🤩🤩
COM.31 Eu vi o vídeo e chorei! ❤️❤️❤️👏👏👏👏
COM.32 @XXXXX quero conhecer!
COM.33 Essa mulher é tudo

Quadro 6: Comentários da postagem Rihanna é declarada heroína nacional de Barbados, que agora é uma república comandada por mulher negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação apresento o ciberquilombismo e constato que os perfis digitais de temática negra aqui listados cumprem um papel bem importante: o de pautar conteúdos de temática racial negra de forma positiva, dando conta do acolhimento, de nossa memória e saberes e letrando racialmente de forma crítica. A denúncia sempre será necessária e isso é realizado também e satisfatoriamente nestes espaços. Outrossim, ao produzirmos as nossas mídias, com a facilidade que a internet nos proporciona, a partir do advento da Web 2.0, a comunidade negra está conseguindo resgatar e espalhar a memória, os saberes e desmentir inverdades que a branquitude, com a intenção de manter seus privilégios, oculta ou altera para parecer que ela é boa. Sobre este aspecto Mayra Bernardes e Luciana Furtado nos falam:

o aumento da participação cidadã nas novas mídias reduz o poder definidor das figuras de linguagem da mídia dominante: a paródia e a sátira se multiplicam, e públicos cada vez mais familiarizados com as mídias contestam a legitimidade de comentaristas anteriormente considerados respeitáveis. (BERNARDES; FURTADO, 2019, p.44).

Mídias digitais nos espaços da internet contribuem para o rompimento da narrativa de mão única, das mídias de massa, fazendo com que essa continuação do projeto de branqueamento do país (SANTOS, 2018) fique enfraquecida e a pluralidade étnico-racial brasileira seja representada.

Ao falar sobre a representação negra, bell hooks afirma que

para encarar essas feridas, para curá-las, as pessoas progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição (HOOKS, 2019, p.36).

Quando nos capítulos iniciais aproximo o leitor dos vários movimentos que a população negra em território brasileiro realizou, evidenciando a resistência aos ataques sofridos sob o jugo da escravidão, do colonialismo e do racismo, é com a intenção de visibilizar essa memória de firmeza e determinação em reagir às violências múltiplas a que o povo negro foi submetido neste lado do Atlântico, mesmo tendo sido ele o construtor e mola do desenvolvimento deste território. A comunicação esteve e está presente em todos os atos de resistência e segue neste papel estratégico de articular nossas ações, nos pôr

em movimento, denunciar violências, positivar nossas práticas, resgatar nossa memória, divulgar nossas experiências e fortalecer nossa caminhada nesta sociedade tão desigual e com projeto de extermínio da nossa população.

A dinâmica de poder acessar perfis digitais de temática negra e neles encontrar referências de valorização de elementos de nossa cultura, estética, saberes e memória, bem como possibilidades de articulação e organização, a partir disso, produzir comentários que ampliam o que é ali trazido, seja no sentido de concordar, de acrescentar ou até mesmo de refutar o que foi ali descrito, ou ainda, poder contestar as inverdades apresentadas nas mídias que estão concentradas nas mãos da branquitude racista, ou mesmo poder contar as nossas vivências e nossa versão da história, constituem sim formas de uma nova quilombagem, uma modalidade de mesmo com barreiras de distância e de tempo podermos nos organizar e resistir ao que está posto.

Este tema não se esgota no findar deste estudo. Demais pesquisas devem ser feitas tanto no viés da comunicação quanto da educação a fim de mapear os inúmeros perfis que surgem sobre a temática, seja para compreender como eles impactam na vida da população negra, branca, na população brasileira como um todo. Destaco também que a população indígena também necessita de estudos neste sentido. Aponto para o doutorado a continuidade de um desses eixos e a necessidade de que os demais temas elencados sejam realizados por outras/os pesquisadoras/es.

## 7. REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL (Brasília). Empresa Brasil de Comunicação (ed.). **Coronavírus: saiba como cada estado está retomando as atividades econômicas no país.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2020/06/22/saiba-como-cada-estado-esta-r>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- ALAKIJA, Ana. Mídia e identidade negra. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (org.). **Mídia e Racismo.** Brasília: Petrópolis, 2012. Cap. 4. p. 108-151. (Negras e Negros: pesquisas e debates).
- ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil.** \_Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 320 p.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 256 p. (Feminismos Plurais).
- ALONSO, Angela. O abolicionismo como movimento social. **Novos Estudos - Cebrap**, São Paulo, n. 100, p. 115-127, nov. 2014. FapUNIFESP (SciELO).
- BENEDICTO, Ricardo Matheus. Educação quilombista: uma proposta de educação afrocentrada no Brasil. **Belas Infiéis**, n. 31, p. 18-33. 2019.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** 2002. 185 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Escolar, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São, 2002.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 899 p. (Coleção Cultura Negra e Identidades).
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do Sentido: conceitos e fundamentos. In: FIGARO, Roseli *et al* (org.). **Comunicação e Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 1. p. 19-43.
- BRASIL. Daniel Cerqueira. Ipea - Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas. **Atlas da Violência 2020.** Brasília: Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, 2020. 96 p. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 24 jan. 2021.
- BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz. Ministério da Saúde. **Por que a doença causada pelo novo coronavírus recebeu o nome de Covid-19?** 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid->



educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 91-108, 27 fev. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. [ttp://dx.doi.org/10.12957/teias.2020.48628](http://dx.doi.org/10.12957/teias.2020.48628).

DAL'EVEDOVE, Bruna Adriele de Oliveira; FIGUEIRA, Lucas Baggio. ENCONTRABILIDADE DIGITAL E WEB 3.0: uma web estruturada para comunicação entre máquinas e seres humanos. **Revista Interface Tecnológica**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 42-52, jul. 2017.

DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean. **Teoria Crítica da Raça**: uma introdução. São Paulo: Contracorrente, 2021. 181 p.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, Ahrus, v. 10, n. 0, p. 115-131, jan. 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **Um “templo de luz”: frente negra brasileira (1931-1937) e a questão da educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 517-534, set. 2008.

FGV. **Quilombo**. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/quilombo>. Acesso em: 04 mar. 2021.

FONSÊCA, Humberto José; SILVA, Zoraide Portela. QUILOMBOS: escravidão e resistência. **Odeere**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Jequié - Bahia, v. 5, n. 9, p. 234-250, jun. 2020.

FONTOURA, Maria Conceição Lopes. A marcha das mulheres negras brasileiras. **DEDS em Revista**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 73-80, jun. 2016.

FRANCO, Nelza Jaqueline Siqueira. **A prática pedagógica apoiada por mídias Web 2.0 no Ensino Fundamental**: estudo do uso de blog. 2010. 57 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mídias na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FREIRE, Maria Lourdes Balbinot de Lamônica. **Electronic Disturbance Theater (EDT): Participação política no ciberespaço**. 2007. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação, Cultura Midiática e Grupos Sociais, Universidade Paulista - Unip, São Paulo, 2007.

G1 PERNAMBUCO. **Modelo negro é alvo de racismo após publicação de fotos em campanha de shopping na internet**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2020/09/25/modelo-negro-e-alvo-de-racismo-apos-publicacao-de-fotos-em-campanha-de-shopping-na-internet.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2021.

GANDIN, Luís Armando; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente (entrevista com a professora gloria ladson-billings)**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 79, p. 275-293, ago. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302002000300014>.

GELEDÉS. **WEB registra cerca de 100 mil casos de racismo em uma década**. 2018. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/web-registra-cerca-de-100-mil-casos-de-racismo-em-uma-decada/?gclid=CjwKCAiAn7L-BRBbEiwAl9UtkEIJwGsJyz1580y1GKwTHDhP1nplcPuQ7tqKFVoJji0gGlrCp9QjshoCal sQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/web-registra-cerca-de-100-mil-casos-de-racismo-em-uma-decada/?gclid=CjwKCAiAn7L-BRBbEiwAl9UtkEIJwGsJyz1580y1GKwTHDhP1nplcPuQ7tqKFVoJji0gGlrCp9QjshoCal sQAvD_BwE). Acesso em: 02 dez. 2020

GIL, Henrique (2014) - **A passagem da Web 1.0 para a Web 2.0 e... Web 3.0: potenciais consequências para uma «humanização» em contexto educativo**. Educatic: boletim informativo. ISSN 2183-0878. Nº 5. p. 1-2.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017. 155 p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. RIOS, Flavia e LIMA, Márcia (org. <sup>s</sup>). Rio de Janeiro. Zahar editores, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. 115 p.

INSTITUTO MERCADO POPULAR. **Como a Lei de Terras perpetuou a opressão dos negros**. 2014. Disponível em: <<https://mercadopopular.org/politica/como-lei-de-terras-perpetuou-opressao-dos-negros/#:~:text=Aprovada%20apenas%20duas%20semanas%20após,apenas%20por%20compra%20do%20estado>> Acesso em: 10 out. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil **Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, v., n., p. 64-82, ago. 2017.

LIMA, Juliana Dantas. **Discurso de ódio em ambiente virtual: contribuições da gestão da informação para aumento da eficiência na investigação policial**. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

LOPES, Henrique Vieira; ALVES, Otília Paiva Nunes; ALVES, Sergio Roberto Jorge. Internet, redes sociais e a construção do debate das minorias. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 6, n. 7, p. 44674-44682, 2020. Brazilian Journal of Development. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n7-185>.

LOPES, Juliana Serzedello Crespim. “Neo zumbilismo é agora”: 20 de novembro e consciência negra no Brasil. **Sankofa (São Paulo)**, São Paulo, v. 15, n. 26, p. 94-115, 11 fev. 2022. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2022.194850>.

MACHADO, Jeferson do Nascimento; SCHUALTZ, Juliano Lima. Capoeira e polícia: entre berimbaus e cassetetes. **Revista África e Africanidades**, S. L., v. 12, n. 33, p. 1-5, fev. 2020.

MARQUES, Elenir Gularte. **Grupo Palmares em Porto Alegre na década de 1970: o papel das mulheres negras ativistas**. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MORAIS, Olga Proaños de; QUEIROZ, Ruy J.G.B. de. **Desobediência civil eletrônica e seus fatores de efetividade**. 2016. Disponível em: <http://investimentosenoticias.com.br/noticias/artigos-especiais/desobediencia-civil-eletronica-e-seus-fatores-de-efetividade>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. **1978-1988 10 anos de Luta contra o Racismo**. São Paulo: Parma, 1988. 80 p.

MUNANGA, Kabengele. **Caminhos para a Educação Antirracista**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ihQxsZvbNH8>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016. 424 p.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Brasília/rio de Janeiro: Fundação Palmares/or Editor Produtor, 2002. 362 p.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Historiografia do Quilombo**. 1977. In: **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, Felipe Rodrigues; MAZIERO, Ronaldo Colucci; ARAÚJO, Liriane Soares. **Um estudo sobre a Web 3.0: evolução, conceitos, princípios, benefícios e impactos**. *Revista Interface Tecnológica*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 60-71, 30 dez. 2018. *Interface Tecnológica*.

OLIVEIRA, Keila de; FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Literatura Infantil Como Meio Articulador do Letramento Racial Crítico em Sala de Aula**. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 33-45, 23 mar. 2020. *Revista Linguagem em Foco*. <http://dx.doi.org/10.46230/2674-8266-11-2910>.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. **A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930**. 2002. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

<https://www.sapili.org/livros/pt/cp000139.pdf>.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e práticas**. Campinas: Pontes, 2021. 417 p. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas.

PAZ, Tatiana Santos da. **Ativismo Em Rede E Processos Formativos Decoloniais Articulados Por Mulheres Negras No Youtube**. 2019. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Tecnologias Digitais na Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **Black lives matter nos currículos? Imprensa Negra e antirracismo em perspectiva transnacional**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 49, n. 172, p. 122-143, jun. 2019. FapUNIFESP (SciELO).  
<http://dx.doi.org/10.1590/198053145589>.

PEREIRA, Priscila Nunes. **Negras, professoras e cotistas: saberes construídos na luta pelo exercício da docência**. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)**. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, História Cultural, Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições e Processos, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PIRES, Claudia Zeferino. Território, significações etnoculturais e educação. In: KAERCHER, Gládis Silva; FURTADO, Tanara Forte (org.). **Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO: política de promoção de igualdade racial na escola**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. **Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais**. Panorama, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 2-5, jun. 2017. Quadrimestral.

RAUL, Jessica Mara. Entre Silêncios E Protestos: Uma Reflexão Sobre Escrita Preta No Ciberespaço. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 166-194, 31 dez. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p. (Coleção Cibercultura).

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; MACHADO, Paulo Henrique; ROHLING, Nívea. Discursividades sobre identidade, sexualidade e feminismo em redes sociais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-15, 2020. FapUNIFESP (SciELO).

RIBEIRO, Denize de Almeida. Contra o racismo, a violência e pelo bem viver é que marcham as mulheres. **Caderno Sisterhood**, Cruz das Almas, v. 2, n. 1, p. 10-22, maio 2017. Semestral.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 242 p.

RODRIGUES, Sara Firmino. **As redes sociais como canal de distribuição de notícias**. 2020. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Humanidades e Tecnologias, Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2020.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. Imprensa Negra: descobertas para o jornalismo brasileiro. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 555-568, 22 set. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n2p555>.

SANTOS, Iara. **Ir à luta e garantir nossos espaços**: marcha das mulheres negras memórias e novas vivências. 2021. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação, Jornalismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Cap. 4.

SANTOS, Rael Fizon Eugenio dos et al. Imprensa Negra e África no Brasil (1920-1960). **África passado e presente: II Encontro de Estudos Africanos daUFF**. Niterói: PPGHistória-UFF, Editora da UFF, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Veneta, 2020. 216 p.

SILVA, Carmelindo Rodrigues da. **Africanos do Brasil: um pequeno resumo da resistência à escravidão**. (s.d.) Disponível em:  
<http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/arquivos/pastoral-de-combate-ao/africanos-do-brasi1-992.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Associativismo negro em Pelotas no pós-abolição: membros dos clubes sociais negros, articulistas do a alvorada e militantes da frente negra pelotense (1933-1937)**. Porto Alegre: Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2011. 18 p.

SILVA, Talita Guimarães da; SILVA, Tarcísio Torres. **Black lives matter**: o uso de dispositivos móveis no registro, denúncia e mobilização contra a violência racial nos Estados Unidos. *Aurora: Revista de Arte, mídia e política*, São Paulo, v. 2, n. 33, p. 38-55, out. 2018.

69. SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminações em códigos. In: SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: Literarua, 2020. Cap. 7 p. 120-137.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Válder Roberto (org.). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p. 21-42.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura e o individualismo colaborativo**. Revista da USP, São Paulo, n. 86, p. 28-39, ago. 2010. Trimestral.

SOUZA, Antonio Carlos dos Santos et al. **Análise de Redes Sociais: uma abordagem prática**. Salvador: Edufba, 2019. 146 p.

SOUZA, Gustavo. **Pensando o ciberespaço e a cibercultura**. 2015. Disponível em: <http://www.ead.unimontes.br/nasala/pensando-ciberespaco/>. Acesso em: 20 ago. 2021

SOUZA, Ivana; RIOS, Vanessa; ALVES, Lynn. Games e cultura: Búzios: ecos da liberdade : uma leitura da história da bahia. In: **Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital**, 9., 2010, Florianópolis. Proceedings do SBGames 2010. Florianópolis: Trilha de Games & Cultura - Full Papers, 2010. p. 95-103.

TIC DOMICÍLIOS, 2020. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019** [livro eletrônico] = Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian households : ICT Households 2019 / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- 1. ed. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

TRINDADE, Luiz Valério P. Mídias Sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil. In: SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**. São Paulo: Literarua, 2020. Cap. 2. p. 25-41.

VIEIRA, Bárbara Danielle Morais. Letramento racial: da emergência de uma formulação. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 22, n. 234, p. 53-64, abr. 2022. Bimestral.

WIKIPÉDIA. **Ataque de negação de serviço**. 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataque\\_de\\_negação\\_de\\_serviço](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataque_de_negação_de_serviço). Acesso em: 13 nov. 2020.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. Luta interseccional contra a máquina de extermínio das populações negras, mulheres e pobres no Brasil. In: PURIN, Glauca Tais et al. **Psicologia social: análises críticas sobre histórias interditadas e práticas**

**resistentes.** 4. ed. Porto Alegre: Abrapso, 2019. Cap. 2. p. 35-44. (Encontros em Psicologia Social).